

A TRANSIÇÃO DO PRÉ-ESCOLAR PARA O 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO:

**Trabalho colaborativo entre educadores
e professores**

Sónia Elisa Delgado da Veiga Gomes

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para
a Docência em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

setembro de 2020

Versão definitiva

ISEC LISBOA – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas para obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A TRANSIÇÃO DO PRÉ-ESCOLAR PARA O 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO:

Trabalho colaborativo entre educadores e professores

Autora: Sónia Elisa Delgado da Veiga Gomes

Orientadora: Prof^a. Doutora Ana Runa

setembro de 2020

Versão definitiva

Agradecimentos

Ao terminar este trabalho, gostaria de agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a sua realização.

Primeiro a Deus que me deu força, ânimo e sabedoria para enfrentar os obstáculos e superar os desafios presentes ao longo da realização deste trabalho, para que fizesse o meu melhor.

Agradeço também aos meus familiares e amigos pelo carinho, encorajamento, apoio e incentivo.

Gratifico à minha orientadora Doutora Ana Runa pela sua compreensão, paciência e apoio ao longo desta etapa.

Aos profissionais de educação pela disponibilidade em colaborar neste estudo, expondo as suas perspectivas sobre o tema abordado.

A todos aqueles ao qual não foram mencionados, mas que me apoiaram da melhor forma que conseguiram.

A todos, sem exceção, um Muito Obrigada pela cooperação, paciência e companheirismo ao longo do trabalho realizado.

Resumo

O presente estudo debruça-se sobre a transição das crianças do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo e o trabalho colaborativo entre os educadores e professores. Com o desenvolvimento deste trabalho de investigação pretendemos, a partir das perceções dos inquiridos, perceber se existe a valorização do processo de transição, se existem práticas colaborativas entre os educadores do PE e professores do 1.º CEB e, se esse trabalho colaborativo, caso exista, se reflete numa melhor transição das crianças para o 1.º CEB. Para dar resposta ao propósito deste estudo, formulámos as seguintes questões de investigação: a) Quais as perceções dos inquiridos sobre o processo de transição para o 1.º CEB?; b) Quais as práticas concretizadas no processo de transição?; c) Quais as perceções dos inquiridos sobre o trabalho colaborativo entre os educadores e professores?. De acordo com as questões formuladas, definimos ainda os seguintes objetivos: a) Perceber as conceções dos educadores e professores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB; b) Conhecer algumas estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transição para o 1.º CEB; c) Perceber as conceções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entre os mesmos. Em termos metodológicos, o presente estudo centra-se numa abordagem mista e os dados foram recolhidos através de entrevistas realizadas aos coordenadores do PE e 1.º CEB e de inquéritos por questionário entregues aos educadores do Pré-Escolar e professores do 1.º CEB. Os dados obtidos permitiram concluir que: todos os participantes deste estudo reconhecem a importância do processo de transição das crianças do Pré-Escolar para o 1.º CEB; Durante o processo de transição existem diversas práticas/estratégias utilizadas pelos educadores e professores, sendo muitas destas comuns tanto no Pré-Escolar como no 1.º CEB; Embora se identifique a presença de trabalho colaborativo entre educadores e professores nas diferentes instituições, esse trabalho acontece, muitas vezes, apenas em momentos pontuais e estes profissionais sentem a falta de mais trabalho colaborativo. No entanto, nem sempre é possível devido, principalmente, à falta de tempo e incompatibilidade de horários.

Palavras-chave: Transição do pré-escolar para o 1.º CEB; Perceções dos educadores e professores do 1.º CEB; Trabalho colaborativo.

Abstract

The present study focuses on the transition of children from preschool to elementary school and the collaborative work between educators and teachers. With the development of this research work, we intend to know and contribute to the understanding of the collaborative practices of the educational actors during this process. The main purpose of this research work is, from the respondents' perceptions, to understand if there is an appreciation of the transition process, if there are collaborative practices between PS educators and 1st CBE teachers and, if this collaborative work, if there is, is reflected in a better transition from children to the 1st CBE. To address the purpose of this study, we have formulated the following research questions: a) What are the respondent's perceptions of the transition process to the 1st CBE?; b) What are the practices implemented in the transition process?; c) What are respondent's perceptions of collaborative work between educators and teachers? According to the questions formulated, we further defined the following objectives: a) Understand educators and teachers' views on the process of transition from PS to 1st CBE; b) Know some strategies that educators and teachers use for a better transition to the 1st CBE; c) Understand the conceptions of educators and teachers about the collaborative work between them. In methodological terms, this study focuses on a mixed approach and data were collected through interviews with EP and 1st CEB coordinators and questionnaire surveys delivered to 1st CEB Preschool educators and teachers. The data obtained led to the conclusion that: all participants in this study recognize the importance of the transition process of children from preschool to 1st CEB; During the transition process there are several practices / strategies used by educators and teachers, many of which are common in both Preschool and 1st CEB; Although the presence of collaborative work between educators and teachers in different institutions is identified, this work often happens only at specific times and these professionals miss more collaborative work. However, it is not always possible due mainly to lack of time and incompatible schedules.

Keywords: Transition from preschool to 1st CBE; Perceptions of 1st CBE educators and teachers; Collaborative work.

Lista de abreviaturas/siglas

1.º CEB – Primeiro Ciclo do Ensino Básico

Cat. - Categoria

Obj. - Objetivo

PE – Pré-Escolar

Subcat.- Subcategoria

UC – Unidade de Contexto

UR – Unidade de Registo

Índice Geral

Introdução	1
Capítulo 1 – Enquadramento Teórico.....	3
1. As Representações Sociais	3
1.1. Conceito de Representação Social	3
1.2. As representações sociais dos educadores e dos professores	5
2. A Transição.....	6
2.1. O conceito de transição e suas implicações pedagógicas.....	6
2.2. A transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico	7
2.3. A importância e o papel do educador e do professor na transição entre valências	8
3. O Trabalho colaborativo	10
3.1. O conceito de trabalho colaborativo	10
3.2. O Trabalho colaborativo entre os educadores e os professores	11
Capítulo 2 - Problematização e Metodologia	13
2.1. Problema, questões e objetivos de investigação	13
2.2. Abordagem do estudo	14
2.3. Design do estudo	14
2.4. Contexto de realização e participantes do estudo	15
2.5. Técnicas, instrumentos e procedimentos de recolha de dados	16
2.5.1. Entrevista semiestruturada.....	16
2.5.2. Inquérito por questionário.....	17
2.6. Tratamento e análise de dados	18
2.6.1. Análise de conteúdo.....	18
2.6.2. Análise estatística.....	19
Capítulo 3 – Resultados	21
3.1. Apresentação de resultados	21
3.1.1. Análise de Conteúdo das entrevistas.....	21
3.1.2. Análise estatística dos inquéritos.....	26
3.2. Discussão de Resultados	43
Conclusões e Considerações finais	51
Referências bibliográficas.....	55
Anexo 1 – Guião da entrevista aos coordenadores do 1.º CEB e PE	58
Anexo 2 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 1 do 1.º CEB	63
Anexo 3 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 2 do 1.º CEB	70

Anexo 4 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 3 do 1.º CEB	76
Anexo 5 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 4 do 1.º CEB	84
Anexo 6 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 1 do PE	90
Anexo 7 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 2 do PE	94
Anexo 8 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 3 do PE	100
Anexo 9 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 4 do PE	105
Anexo 10 – Dicionário de categorias: coordenadores do 1.º CEB	109
Anexo 11 – Dicionário de categorias: coordenadores do PE	116
Anexo 12 - Questionário para os Educadores do Pré-Escolar (sala dos 5 anos)	123
Anexo 13 – Questionário para os professores do 1.º CEB (1.º ano)	129

Índice de Quadros

Quadro 1. Apresentação e relação entre as questões específicas e os objetivos do estudo.....	14
Quadro 2. Caracterização dos entrevistados.....	21

Índice de figuras

Figura 1. Distribuição dos inquiridos quanto ao género.....	27
Figura n.º 2 – Distribuição dos inquiridos quanto à idade.....	27
Figura n.º 3 – Distribuição dos inquiridos quanto às habilitações académicas.....	28
Figura n.º 4 – Distribuição dos inquiridos quanto ao tempo de serviço.....	29
Figura n.º 5 - Distribuição dos inquiridos quanto aos anos de serviço na Instituição atual.....	29
Figura n.º 6 - Distribuição dos inquiridos quanto ao ano letivo em que exerceu o cargo de professor(a) do 1.º ano.....	30

Cargo de professor do 1.º ano	Nº de Professores	Valor perc
2017/2018	5	38%
2018/2019	6	46%
2 anos letivos consecutivos	2	15%

Figura n.º 7 - Importância atribuída ao trabalho desenvolvido pelos educadores junto das crianças em comparação com o trabalho desenvolvido pelos professores.....	31
Figura n.º 8 – Importância atribuída ao momento de transição para o 1.º CEB.....	32
Figura n.º 9 - Comunicação estabelecida entre os professores e educadores para um processo positivo de transição.....	32
Figura n.º 10 – Presença de estratégias para uma melhor transição das crianças par o 1.º CEB.....	33
Figura n.º 11 – Estratégias implementadas no processo de transição para o 1.º CEB...	34
Figura n.º 12 - Classificação do trabalho colaborativo desenvolvido pelos professores e educadores.....	35
Figura n.º 13 – Importância atribuída ao trabalho colaborativo entre professores e educadores.....	35
Figura n.º 14 - Valor atribuído ao trabalho mais individual do educador.....	36
Figura n.º 15 - Promoção do trabalho colaborativo na Instituição onde lecionam.....	37
Figura n.º 16 - Frequência com que o trabalho colaborativo entre educadores e professores é promovido na Instituição.....	37
Figura n.º 17 - Nível de trabalho colaborativo existente entre os professores e educadores na Instituição onde lecionam.....	38

Figura n.º 18 – Principal motivo que leva os professores e educadores a não participarem em trabalhos colaborativos.....	39
Figura n.º 19 - Frequência com que os inquiridos participam em trabalhos colaborativos na Instituição onde lecionam.....	39
Quadro n.º 20 – Aspetos mais importantes para que o trabalho colaborativo entre professores e educadores se desenvolva da melhor maneira possível.....	40
Figura n.º 21 – Maiores dificuldades no trabalho colaborativo com os colegas do Pré-Escolar.....	41

Introdução

Ao longo da vida, o indivíduo passa por diversos momentos de transição, mas a crescente maturidade faz com que se consiga preparar para esse processo. Já na infância, essa preparação fica a cargo dos adultos (familiares, profissionais de educação, técnicos especializados, entre outros). Posto isto, é imprescindível que na transição do Pré-Escolar (PE) para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), os intervenientes educativos, quer sejam educadores, professores, ou outros profissionais, em conjunto, proporcionem à criança uma transição harmoniosa e de qualidade (Machado, 2007).

Na perspetiva de Castro e Rangel, (2004), “o processo de transição e integração no 1.º Ciclo nem sempre é tão simples como seria de supor”. Desta forma, cada vez se dá mais atenção e valor ao momento de transição pelo qual as crianças têm de passar, devendo esta ser bem pensada, de forma a realizar-se suavemente (Bento, 2007).

O tema do presente estudo designa-se “A transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico: trabalho colaborativo entre educadores e professores”.

A escolha deste tema resulta, essencialmente, de um conjunto de motivações pessoais, nomeadamente o facto de considerarmos esta fase de transição um importante desafio na vida das crianças e também na dos educadores e professores que segundo Marchão (2012) têm um papel fundamental no desenvolvimento deste processo. Consideramos, por isso, pertinente contribuir para um momento de reflexão sobre as conceções e práticas dos educadores e professores no que concerne ao processo de transição das crianças do Pré-Escolar para o 1.º CEB, assim como ao trabalho colaborativo entre estes profissionais de educação.

Com base nos aspetos, acima referidos, surgiram as seguintes questões de estudo:

- O processo de transição do PE para o 1.º CEB é valorizado pelos professores e pelos educadores?
- Verificam-se práticas colaborativas entre estes profissionais de educação?
- Estas práticas contribuem para uma melhor transição para o 1.º CEB?

Assim, associadas a estas questões, formulámos outras mais específicas:

Q1: Quais as perceções dos inquiridos sobre o processo de transição para o 1.º CEB?

Q2: Quais as práticas concretizadas no processo de transição?

Q3: Quais as percepções dos inquiridos sobre o trabalho colaborativo entre os educadores e professores?

Para respondermos a estas questões, definimos os seguintes objetivos:

O1: Perceber as concepções dos educadores e professores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB;

O2: Conhecer algumas estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transição para o 1.º CEB;

O3: Perceber as concepções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entre os mesmos.

Para darmos resposta às questões acima apresentadas e cumprir os objetivos do estudo, começamos no primeiro capítulo por apresentar o quadro de referência teórico que o sustenta. Iniciamos o mesmo com a definição do conceito de representação social, fazendo, de seguida, menção às representações sociais entre educadores e professores. Seguimos com a definição do conceito de transição e a explanação do assunto. Posteriormente, fazemos alusão à importância do papel do educador e do professor no processo de transição. Terminamos com a definição de trabalho colaborativo e abordamos o papel do educador e professor na prática colaborativa, com vista a facilitar o processo de transição.

No segundo capítulo, descrevemos e fundamentamos as opções metodológicas que orientaram o nosso estudo, remetendo novamente para a problemática, questões de investigação e objetivos, indicando ainda os participantes do estudo, bem como as técnicas e instrumentos utilizados para recolher e analisar os dados.

Já no terceiro capítulo, apresentamos os resultados obtidos com as técnicas e instrumentos de recolha de dados. No quarto capítulo, expomos os dados obtidos e efetuamos a discussão dos mesmos à luz das considerações teóricas realizadas na primeira parte do estudo, de modo a respondermos aos objetivos do estudo.

No último capítulo, apresentamos as conclusões decorrentes da anterior análise de resultados, refletimos sobre os contributos deste trabalho a nível pessoal e profissional, apontando algumas limitações do mesmo, e concluímos com algumas pistas para futuras investigações sobre a temática.

Capítulo 1 – Enquadramento Teórico

Neste primeiro capítulo, apresentamos o quadro de referência teórico que é essencial para a contextualização do estudo, ou seja, uma reflexão fundamentada sobre o trabalho colaborativo, dos educadores da educação pré-escolar com os professores do 1.º ciclo do ensino básico (1.º CEB), na transição das crianças para o 1.º CEB.

No primeiro ponto, começaremos por definir o conceito de Representação Social fazendo, de seguida, menção às representações sociais que os educadores e professores têm do trabalho de cada um. Seguimos com a definição do conceito de Transição e suas Implicações Pedagógicas. Ainda neste segundo ponto, faremos alusão à importância e ao papel do educador e professor na transição entre valências. Por último, definiremos o conceito de Trabalho Colaborativo e abordaremos o papel do educador e professor nesta forma de trabalho, de modo a facilitar a transição das crianças do pré-escolar para o 1.º CEB.

Desta forma, serão desenvolvidos os conceitos e assuntos que considerámos serem mais pertinentes para uma melhor análise e reflexão do estudo em questão, tendo como principais objetivos perceber as conceções e o trabalho desenvolvido pelos educadores e professores na transição das crianças para o 1.º ciclo do ensino básico, bem como, refletir sobre a existência do trabalho colaborativo entre estes profissionais de educação.

1. As Representações Sociais

1.1. Conceito de Representação Social

A teoria das Representações Sociais surgiu na década de 1960 a partir dos estudos do psicólogo Serge Moscovici. Desde então, esta teoria, desenvolveu-se como uma possibilidade para investigar a forma dos sujeitos e grupos sociais manterem contato e compreenderem a realidade, compatibilizando aspetos sociológicos e as características psicológicas que são intrínsecas ao processo de elaboração e constante reelaboração das representações sociais.

Existe uma diversidade de definições para o conceito de representações sociais. Para Moscovici (1981), uma representação social “é um conjunto de conceitos,

proposições e explicações originadas na vida quotidiana, no curso de comunicações interpessoais, que funciona como uma espécie de “teoria do senso comum” (p.181). As Representações Sociais são, portanto, saberes construídos com base nas relações entre indivíduos. No dia-a-dia as pessoas conversam, trocam opiniões, pensam sobre diferentes assuntos e elaboram representações sociais, que, conseqüentemente passam a influenciar os comportamentos desses mesmos indivíduos (Moscovici, 1981).

Na perspectiva de Jodelet (1989), citada por Vala (2000), a representação social, "... é uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático de contribuir para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (p. 36). Ou seja, é uma espécie de reprodução de uma percepção e por isso pode ser simultaneamente uma ilusão, uma contradição ou uma verdade.

Na mesma linha de pensamento Doise (1990), define as representações sociais como: "... princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais, e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações" (p. 125).

Para Wagner (1998), representação social é simultaneamente um "... conteúdo mental estruturado - isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico - sobre um fenómeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social" e "... um processo público de criação, elaboração, difusão e mudança do conhecimento compartilhado"(pp. 3-4).

De um modo geral, destacamos que as representações são sociais porque estão ancoradas, nos valores sociais que lhes dão sentido e na naturalização que lhes dá aplicabilidade na relação com os outros e com o mundo (Jodelet, 1989).

Por intermédio destas abordagens, entende-se que as representações sociais são proposições derivadas do senso comum e dos imensos saberes populares, que são produzidas e utilizadas coletivamente como formas do indivíduo e grupos construírem e interpretarem a sua realidade. Diferente dos saberes formais que são constituídos a partir de teorias e práticas provenientes de pesquisas científicas.

Desta forma, as representações sociais fazem parte de um processo em que a pessoa faz o seu juízo de valor sobre o objeto e só depois é feita a análise do que gerou a representação. O sujeito, mesmo sem perceber, interioriza, julga, cria e recria as suas

representações e, a partir disso, analisa fatos, objetos e estímulos, tendo ou não qualquer critério de experimentação. É uma maneira de reformular a realidade, interpretando-a e atribuindo novos conceitos, ideias, imagens e opiniões a partir do contato constante com o mundo externo (Moscovici, 1981).

A representação social retrata a realidade e por isso é considerada relevante para a análise social e pedagógica, compreendendo um conjunto de valores, de noções e de práticas relativas a seres sociais (Moscovici, 1981).

Neste contexto, as representações sociais enquadram-se nas percepções que os educadores têm do trabalho dos professores e vice-versa, refletindo e analisando a forma como pensam, individual e coletivamente.

1.2. As representações sociais dos educadores e dos professores

Recorrer à Teoria das Representações Sociais nas pesquisas em Educação é uma forma de identificar e compreender expectativas, objetivos e ideias dos educadores e professores sobre temas variados.

Gilly (2001) confirma essa tendência ao defender que “a Educação é uma área privilegiada para se observar como as representações sociais se constroem, evoluem e se transformam no interior de grupos sociais, e para elucidar o papel dessas construções nas relações desses grupos com o objeto de sua representação” (p.322).

Constituindo-se os educadores de infância e os professores como agentes sociais junto das crianças, transmitindo-lhes conhecimentos, atitudes, normas e valores, parece-nos importante conhecer a representação que ambos têm relativamente ao trabalho de cada um, na medida em que “o objeto de representação não existe em si mesmo, mas sim como uma realidade representada para dado indivíduo ou grupo” (Jodelet, 2001).

Deste modo, é previsível que se os educadores e professores têm uma representação negativa face ao trabalho de cada um, pode dificultar o processo de transição das crianças para a escolaridade obrigatória, pois, as crianças com quem se relacionam poderão interiorizá-la, criando atitudes e expectativas também elas negativas e dificultadoras quer da sua adaptação quer da sua aprendizagem fase ao novo contexto educativo.

Posto isto, é importante a existência de uma análise, reflexão e, caso necessário, uma intervenção, no que se refere às representações mútuas do trabalho dos educadores de infância e dos professores do 1.º CEB, através da promoção de ações que envolvam ambos, para que um melhor conhecimento recíproco daí decorrente, de alguma forma, contribua para representações mútuas mais completas, positivas e facilitadoras quer da articulação entre ambos os agentes educativos, quer da transição das crianças entre estes dois níveis de ensino.

2. A Transição

2.1. O conceito de transição e suas implicações pedagógicas

O momento da transição é um momento muito significativo na vida das crianças e por isso merece a maior atenção por parte dos educadores e professores. Desta forma, torna-se relevante refletir sobre o conceito de transição e suas implicações pedagógicas.

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (2003), a transição é o “1. Ato ou efeito de passar de um lugar, de um estado ou de um assunto para outro [...] 2. Passagem que comporta uma transformação progressiva; evolução” (p.1646). Neste sentido, Portugal (1992) refere que as transições acontecem “sempre que a posição do indivíduo se altera em virtude de uma modificação no meio ou nos papéis e atividades desenvolvidas pelo sujeito” (citado por Serra, 2004, pp.77-78).

O conceito de transição envolve um processo de mudança de um ambiente para outro, que pode acontecer desde a infância até à idade adulta (Rous & Hallam, 2006; Rous et al., 2007).

Posto isto, considera-se que transitar significa passar de um lugar que nos é conhecido para outro desconhecido, prosseguir, evoluir, crescer através de uma adaptação que leva a uma nova experiência.

Educacionalmente, além da mudança de ambientes há mudança nas relações, agentes educativos, espaços, rotinas, contextos de aprendizagem e aprendizagens. Este conjunto de mudanças traz grandes exigências à criança e sua família (Fabian & Dunlop, 2007).

Para Roldão (2008), a transição é vista “como uma passagem harmoniosa regulada na e pela instituição, assim, transformar as passagens de nível ou grau de ensino em

transições com sentido implica que se estruture para as crianças dos 0 aos 12 anos um percurso educativo” (p.108).

Assim, podemos concluir que as transições requerem reflexão, cuidado e atenção por parte dos educadores, professores, entre outros agentes educativos, para que este processo possa decorrer de modo natural e facilitador de forma a não colocar em risco o sucesso educativo de cada uma das crianças.

2.2. A transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico

A criança, ao longo da sua vida, terá de passar por um conjunto de transições que serão essenciais para o seu desenvolvimento. A transição de casa para o jardim de infância, ou deste para ciclos subsequentes é para a maioria das crianças uma mudança exigente ao nível cognitivo, da autonomia e do sentido de responsabilidade e implica um processo de adaptação que deve merecer a atenção cuidada e individualizada tanto por parte do estado, da comunidade, dos docentes, do pessoal auxiliar, bem como das famílias (Vasconcelos, 2007).

Segundo Castro e Rangel, (2004), “o processo de transição e integração no 1.º Ciclo nem sempre é simples.” Desta forma, cada vez se dá mais atenção e valor aos vários momentos de transição pelos quais os alunos têm de passar ao longo do percurso escolar. Para o mesmo autor, a transição é “vista e sentida como um salto e uma oportunidade: uma oportunidade para crescer, para entrar no mundo dos mais crescidos; para fazer coisas que até aí não podiam ser feitas (...); para aprender coisas novas; para ganhar um novo estatuto” (p.135).

Neste sentido, Sim-Sim (2009), fala sobre a transição entre o pré-escolar e o 1.º ciclo do ensino básico (1.º CEB), e diz-nos que a criança deve ser preparada antecipadamente para não se sentir perdida no seu novo ambiente “a antecipação da passagem pode, quando bem preparada, compaginar-se como a antevisão de um momento de prazer na nova etapa da vida”; “a criança perde um espaço conhecido, um profissional de referência, rotinas e hábitos instalados e a segurança perante o que conhece e lhe é habitual” (p.111).

Ainda em relação à transição entre o pré-escolar e o 1.º ciclo e segundo Vasconcelos (2007), uma transição bem-sucedida é fundamental para o desempenho cognitivo, bem-estar social e emocional da criança. Deste modo, esta deve ser feita de

forma harmoniosa e reflexiva. Assim, torna-se essencial que se estabeleçam processos de comunicação entre educadores e professores.

2.3. A importância e o papel do educador e do professor na transição entre valências

No processo de transição entre o pré-escolar e o 1.º CEB o professor e o educador têm um papel muito importante a vários níveis. Desta forma, é igualmente importante refletir sobre o papel que estes profissionais desempenham.

De acordo com Serra (2004) existem um conjunto de estratégias que o educador pode utilizar no processo de transição para a escolaridade obrigatória: “importa conhecer o nível seguinte [...] e as exigências impostas [...] conhecer o novo espaço em que se irá desenrolar o 1.º CEB, as potencialidades de desenvolver projectos comuns e a preparação das crianças, ao nível das competências essenciais” (p.91).

Para Bento (2007), parece unânime entre pais, professores e educadores que as transições devem ser bem pensadas, para realizarem-se de forma harmoniosa. Esta deve efetuar-se facilmente para que não se torne dolorosa para a criança. Pois, como refere Sim-Sim (2010), há que ter em conta que este momento de transição é algo que está conotado por uma grande diversidade de emoções (medo, stress, angústia, alegria).

Posto isto, compete ao educador encontrar estratégias integradas com o intuito de “proporcionar condições para que cada criança tenha uma aprendizagem com sucesso na fase seguinte competindo-lhe, em colaboração com os pais e em articulação com os colegas do 1ºCEB, facilitar a transição da criança para a escolaridade obrigatória” (OCEPE, 1997, p.28).

Contudo, não são apenas os educadores os principais responsáveis por assegurar uma boa transição das crianças. Os professores de 1º CEB devem também participar e apoiar os restantes profissionais de forma a facilitar o sucesso pessoal e académico das crianças.

Neste contexto, Marchão (2012) define o educador/professor como “alguém que ensina, alguém que tem a função de fazer aprender, de gerar e gerir processos de aprendizagem em contextos interactivos” (p.88). Torna-se, assim, necessário a existência de uma comunicação entre ambos que possibilite perceber quais as aprendizagens assimiladas pelas crianças e a forma como podem apoiar outras novas.

Porém, na perspectiva de Rodrigues (2005), um grande problema identificado durante o processo de transição é a falta de comunicação entre educadores e professores o que origina a ausência de colaboração, o desconhecimento mútuo das respectivas práticas educativas, a incompreensão, desvalorização e preconceitos relativamente ao trabalho de cada um.

No mesmo sentido, na perspectiva de Figueiredo (2006), é imprescindível que os educadores e professores se relacionem, planifiquem atividades conjuntas onde as crianças de ambos os níveis participem com intenção de facilitar o processo de transição. Porém, o mesmo autor refere que esta prática está longe de ser habitual e de produzir efeitos reais nas aprendizagens das crianças. Contudo os benefícios deste trabalho conjunto não podem ser desconsiderados no processo de desenvolvimento contínuo, que deve ter em consideração as aprendizagens efetuadas, tendo em conta que cada criança apresenta ritmos de aquisição de conhecimentos distintos.

Para Marchão (2002) os profissionais “que colaboram, que encaram a aprendizagem das crianças numa perspectiva ecológica, em que as experiências anteriores permitem significados e necessariamente experiências futuras mais consistentes e concretas, podem contribuir para processos positivos de transição da criança do Pré-Escolar para o 1ºCiclo” (p. 37).

Como refere Serra (2004) “quanto mais os docentes se inteirarem das especificidades e semelhanças entre educação pré-escolar e 1.º CEB, mais se enriquece o universo pedagógico dos professores e educadores e maiores serão as oportunidades de sucesso para as crianças” (p.78).

Desta forma, embora a Educação Pré-Escolar e o Ensino Básico sejam duas valências distintas, uma é a continuação da outra, daí a necessidade de o Ensino Básico se alicerçar nos conhecimentos e vivências que as crianças têm, tentando encontrar uma articulação que leve ao sucesso das crianças.

Segundo Portugal (1998) se a entrada no 1.º ciclo for eficaz a criança apresenta-se como um cidadão independente, devendo esta ser a finalidade educativa dos educadores e professores (citado em Serra, p.23).

3. O Trabalho colaborativo

3.1. O conceito de trabalho colaborativo

O conceito de trabalho colaborativo, na perspetiva de alguns autores, é de alguma complexidade. Esta ideia é reforçada por Christiansen et al. (1997) e Little (1990) (citados por Menezes & Ponte, 2006), quando defendem que a colaboração é um processo difícil de definir e só uma parte desse processo é entendido por alguns dos que se envolvem em trabalhos colaborativos.

Roldão (2007) refere que “o trabalho colaborativo se estrutura essencialmente como um processo de trabalho articulado e pensado em conjunto, que permite alcançar melhor os resultados visados, com base no enriquecimento trazido pela interação dinâmica de vários saberes específicos e de vários processos cognitivos” (p.27).

De acordo com Ponte e Serrazina, (2002), “na colaboração os diversos participantes trabalham em conjunto, numa base de relativa igualdade e numa relação de ajuda mútua, procurando atingir objetivos comuns” (p.5).

Segundo Roldão (2007), trabalhar colaborativamente consiste em “trabalhar de forma articulada e pensar em conjunto, reunindo todos os elementos constituintes da equipa, permitindo alcançar melhores resultados, com base no enriquecimento trazido pela interação dinâmica de vários saberes específicos e de vários processos cognitivos de colaboração” (p.27).

O trabalho colaborativo é bastante relevante por várias razões. Através deste modo de trabalho há uma união de pessoas com um objetivo comum e com diferentes perspetivas e experiências. Promove o diálogo permitindo a reflexão conjunta entre os intervenientes. Permite ainda, definir estratégias conjuntas para enfrentar problemas ou dificuldades, em especial aqueles que não são fáceis ou viáveis de se resolver individualmente (Boavida & Ponte, 2002).

Deste modo, o trabalho colaborativo entre educadores e professores pode trazer inúmeros benefícios em diferentes áreas.

Roldão (2007), refere ainda um aspeto relevante, pois trabalhar colaborativamente, também consiste em que “cada indivíduo tenha um contributo a dar que tem de ser o seu processo de construção individual e singular, que requer

também tempos e modos de trabalho individuais” (p.28). Desta forma, é importante que quando se trabalha de forma colaborativa, também existam momentos individuais, em que o educador e professor possam refletir, preparar e aprofundar o trabalho colaborativo no momento seguinte.

3.2. O Trabalho colaborativo entre os educadores e os professores

Aos educadores, professores, entre outros intervenientes educativos, cabe a função de realizar um trabalho colaborativo que vise a plena integração de todas as crianças no novo contexto pedagógico.

De acordo com Marchão (2002) “a transição de um contexto para um novo contexto requer o estabelecimento de troca de informação, comunicação nos dois sentidos, confiança mútua entre os principais intervenientes (...)” (p.37).

É de grande importância que o professor do 1.º ciclo tenha conhecimento prévio das atividades realizadas no jardim de infância e das aprendizagens já realizadas pelos alunos, podendo assim, adaptar a sua ação pedagógica às características e necessidades dos alunos, assim como, procurar em trabalho colaborativo, estratégias de continuidade intervindo desde cedo no processo ensino aprendizagem da criança (Rodrigues, 2005).

Segundo o mesmo autor, a separação entre estes dois níveis de ensino, leva a uma descontinuidade de trabalho que promove nas crianças, à sua entrada na escola, um grande esforço de adaptação, nem sempre positiva (p.22).

Desta forma, quer os docentes quer as crianças têm de compreender os desafios que lhe serão colocados no nível de ensino seguinte “de forma a prepararem-se, adquirindo a consciência de que as mudanças e as adaptações individuais fazem parte do processo de crescimento” (Portugal, 1998, citado em Serra, p.91).

Também Nabuco (1992) considera fundamental que no pré-escolar se antecipem as experiências do 1.º ciclo e que os professores do 1.º ciclo reforcem as aprendizagens anteriores. Desta forma, é necessário que os educadores e professores estabeleçam um trabalho colaborativo articulando as suas práticas letivas e as suas experiências.

Constata-se assim que o diálogo e a colaboração entre educadores e professores do 1.º ciclo facilitam a transição e uma atitude positiva da criança em relação à escola.

Neste sentido e segundo Machado (2007), é necessário e muito importante que os educadores e professores estabeleçam contactos, promovam atividades conjuntas, pensem e articulem momentos de transição e façam um acompanhamento conjunto.

Esta ideia é reforçada por Alarcão e Canha (2013), ressaltando que a colaboração requer vontade de realizar com os outros. Para isso, é preciso confiar no outro, valorizar os seus saberes e experiências e ter a percepção de que com ele é possível ir mais longe do que sozinho. Assim, é um processo de realização em que podem intervir várias pessoas, que implica humildade na valorização que fazemos do nosso próprio conhecimento e da própria experiência, ambicionando que todos se modifiquem e enriqueçam pelo encontro colaborativo.

Para Roldão (2007), o trabalho colaborativo facilita o ensino e a aprendizagem, mas é importante que cada professor dê o seu contributo devendo, para tal, dispor de tempos e modos de trabalho individuais que permitam preparar ou aprofundar o trabalho colaborativo (p.27).

Todavia, para o efetivo desenvolvimento do trabalho colaborativo entre educadores e professores, torna-se necessário a realização de trabalho em equipa e essa situação incompatibiliza-se com a falta de disponibilidade dos professores.

Neste ponto de vista e de acordo com Silva (2011), no estudo realizado em que essa disponibilidade é fundamental, refere que existem dificuldades distintas que a impedem, como a falta de coordenação nos horários dos professores, espaços próprios para desenvolver o trabalho, assim como o elevado número de horas de trabalho burocrático, tal como é referido por Pereira (2004), quando afirma que na generalidade das reuniões de trabalho, cuja agenda contém pontos relativos à coordenação das atividades letivas, apenas se procede à entrega das planificações elaboradas pelos subgrupos responsáveis e ao controle da progressão no programa, não se assistindo a um momento efetivo de diálogo e partilha de experiências.

Posto isto, conclui-se que o trabalho colaborativo e as dinâmicas de partilha de conhecimentos e experiências diversas entre educadores e professores devem acontecer de forma natural e este procedimento deve ser encarado como um compromisso, visto que este é essencial para o sucesso educativo dos alunos.

Capítulo 2 - Problematização e Metodologia

Neste capítulo apresentamos a descrição da metodologia utilizada no decorrer deste estudo que serviu de base para o processo de investigação.

Para um melhor conhecimento do estudo, apresentamos o problema, as questões de investigação e os respetivos objetivos. De seguida, as opções metodológicas utilizadas, assim como a abordagem adotada, o *design* de estudo, os participantes e o contexto de realização. Por fim, apresentamos as técnicas, instrumentos e procedimentos utilizados para a recolha, tratamento e análise de dados.

2.1. Problema, questões e objetivos de investigação

Com base na revisão de literatura efetuada, verificámos que o momento de transição é um momento muito significativo na vida das crianças. Desta forma, exige um trabalho de colaboração entre todos os profissionais de educação e a maior atenção e reflexão por parte de toda a comunidade educativa.

De acordo com Marchão (2002), “a transição de um contexto para um novo contexto requer o estabelecimento de troca de informação, comunicação nos dois sentidos, confiança mútua entre os principais intervenientes (...)” (p.37).

Neste sentido, face à importância do momento de transição para o 1.º CEB e do trabalho colaborativo entre os intervenientes educativos, como futura profissional de educação, existe um interesse particular em aprofundar este assunto, pela importância e valor que lhe é atribuído.

O estudo consiste em perceber e aprofundar as perceções e práticas dos educadores de infância e professores do 1.º CEB relativamente ao momento de transição e ao trabalho colaborativo.

Tendo em conta o que foi referido, e de acordo com o assunto descrito, formularam-se as seguintes questões de investigação:

- O processo de transição do PE para o 1.º CEB é valorizado pelos professores e pelos educadores?
- Verificam-se práticas colaborativas entre estes profissionais de educação?
- Estas práticas contribuem para uma melhor transição para o 1.º CEB?

Para responder às questões de investigação, formulámos outras mais específicas e definimos objetivos que apresentamos no quadro seguinte:

Quadro 1 – Apresentação e relação entre as questões específicas e os objetivos do estudo.

Questões específicas	Objetivos
Q1: Quais as percepções dos inquiridos sobre o processo de transição para o 1.º CEB?	O1: Perceber as concepções dos educadores e professores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB;
Q2: Quais as práticas concretizadas no processo de transição?	O2: Conhecer algumas estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transição para o 1.º CEB;
Q3: Quais as percepções dos inquiridos sobre o trabalho colaborativo entre os educadores e professores?	O3: Perceber as concepções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entre os mesmos.

2.2. Abordagem do estudo

O processo de investigação deve ser orientado de modo a dar resposta às questões de investigação e atingir os objetivos propostos (Bogdan & Biklen, 1994).

Pensámos na problemática e nos resultados a alcançar como uma base de análise e reflexão sobre a importância do trabalho colaborativo entre educadores e professores na transição das crianças para o 1.º CEB.

Não tivemos como intenção generalizar resultados devido à amostra ser pouco representativa, mas compreender, em determinados contextos educativos, as percepções dos educadores e professores inquiridos acerca do tema em estudo.

O problema de investigação apresentado levou-nos à escolha de uma metodologia que nos desse a compreensão mais ampla e aprofundada do tema em análise (Flick, 2002). De acordo com as características de investigação, optámos por uma metodologia eclética ou mista, utilizando diferentes instrumentos de recolha de dados como a entrevista e o inquérito por questionário que abordaremos mais adiante.

2.3. Design do estudo

O estudo decorreu em seis fases fundamentais. A 1.ª fase refere-se à escolha do tema em estudo e, posteriormente, às primeiras revisões de literatura. Na 2.ª fase, iniciámos a construção da problemática, definimos as questões e objetivos do estudo e decidimos que abordagem adotar. Na 3.ª fase, iniciámos a construção dos

instrumentos de recolha de dados para conseguirmos obter respostas às questões e objetivos formulados, procedendo, de seguida, à recolha dos dados qualitativos através das entrevistas e a recolha de dados quantitativos através dos inquéritos por questionário. Na 4.ª fase, passámos à análise e apresentação dos dados, relacionando-os e comparando-os. Na 5.ª fase, procedemos à discussão dos resultados tendo em conta o quadro de referência teórico construído. Por último, na 6.ª fase, sintetizamos os resultados obtidos neste estudo, de modo a dar resposta aos objetivos estipulados no início do mesmo e, fizemos uma reflexão sobre todo o trabalho.

2.4. Contexto de realização e participantes do estudo

As entrevistas foram concretizadas em duas Instituições privadas e quatro instituições públicas na área de Lisboa. Relativamente aos questionários, estes foram entregues em duas instituições privadas e três instituições públicas na área de Lisboa, sendo que a maioria das instituições selecionadas foram comuns tanto para a realização das entrevistas como para a entrega dos questionários.

A escolha dos jardins de infância e escolas para a recolha de dados, deveu-se a alguns fatores: ao facto de termos realizado a prática educativa em algumas dessas instituições, a fatores de acessibilidade e também à disponibilidade dos profissionais em participar no estudo. Tivemos também em conta o facto de serem instituições públicas e privadas e o facto de alguns jardins de infância estarem e não estarem no mesmo edifício das escolas, de modo a compararmos as diferentes realidades.

Relativamente à população do estudo, esta é constituída por coordenadores do PE e 1.º CEB, educadores (educadores das crianças dos 5 anos) e professores (professores que lecionam no 1.º ano). Neste sentido, foram realizadas 8 entrevistas (4 a coordenadores do Pré-Escolar e 4 a coordenadores do 1.º CEB) e foram entregues ainda 30 inquéritos (15 a educadores e 15 a professores).

As entrevistas e inquéritos por questionário foram realizados no mesmo período de tempo, na 2.ª e 3.ª semanas do mês de maio, nas Instituições públicas e privadas onde os profissionais de educação exercem a sua prática profissional.

Desta forma, considerámos importante conhecer, analisar e comparar as perceções dos educadores do PE com as perceções dos professores do 1.º CEB relativamente ao

tema em estudo e, complementá-las com as percepções dos coordenadores do PE E 1.º CEB.

2.5. Técnicas, instrumentos e procedimentos de recolha de dados

Relativamente às técnicas e instrumentos utilizados na recolha de dados e tendo em conta a natureza e os participantes do estudo, recorreremos à entrevista para conhecer as perspetivas e práticas dos coordenadores sobre o assunto em estudo.

Para conhecer as perspetivas dos educadores e professores sobre o mesmo assunto, optámos pelos inquéritos por questionário.

2.5.1. Entrevista semiestruturada

Tendo em conta a questão de partida e os objetivos do estudo, considerámos pertinente realizar entrevistas aos coordenadores do PE e 1.º CEB, para efetuar a “recolha de informação em conversas orais” (Sousa e Baptista, 2011, p.79).

De acordo com Sousa (2009), a entrevista é “um instrumento de investigação cujo sistema de coleta de dados consiste em obter informações questionando diretamente cada sujeito” (pág. 247). No mesmo sentido, Quivy e Campenhoudt (1998) referem que “as entrevistas servem para encontrar pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho” numa procura de “abrir o espírito, de ouvir” (p.70).

O tipo de entrevista utilizada foi a entrevista semiestruturada pois, esta técnica permite avaliar o conteúdo da conversa, bem como aprofundar e reformular as questões de modo a obter as informações relevantes para o estudo (Quivy & Campenhoudt, 1998).

Procedimentos

Antes de aplicarmos a entrevista foi necessário procedermos à construção do guião da mesma (ver Anexo 1), tendo por base as questões e os objetivos do estudo bem como o referencial teórico que o sustenta (Morgado, 2013).

O guião de entrevista utilizado apresenta quatro grupos de questões. O primeiro referente às informações pessoais e profissionais dos entrevistados, o segundo referente às suas representações sobre o trabalho dos colegas (educadores e professores), o terceiro referente às suas percepções sobre o processo de transição e o último, referente às suas percepções sobre o trabalho colaborativo.

Procedemos ainda à escolha dos entrevistados, à marcação da data, hora e locais para a realização das entrevistas, tendo em conta a disponibilidade dos mesmos.

Com o guião construído e a partir de uma conversa informal com os coordenadores, convidamo-los a participar no presente estudo esclarecendo os objetivos da mesma.

De modo a reter toda a informação recolhida para a posterior análise de conteúdo, recorremos à sua gravação áudio com o consentimento prévio dos entrevistados.

Durante a condução da entrevista, procurámos assumir uma atitude semidiretiva: ouvimos cuidadosamente o que nos era dito e intervimos sempre que necessário para clarificação (Bogdan & Biklen, 1994).

2.5.2. Inquérito por questionário

De acordo com Sousa e Baptista (2011) “O recurso ao inquérito é necessário cada vez que surge a necessidade de recolher informação sobre uma grande variedade de comportamentos de um indivíduo, ou quando pretendemos conhecer o mesmo tipo de variável em muitos indivíduos” (pág.90).

Perante um maior número de participantes, optámos pela utilização do inquérito por questionário para a recolha de informação referente aos educadores e professores, por ser uma forma mais rápida de recolha e análise de dados, apesar de ser um instrumento mais trabalhoso a nível de construção e correr o risco de ter questionários não respondidos.

Procedimentos

Segundo Reis (2010), o segredo do questionário reside na sua construção, que se deve orientar pela revisão da literatura e de acordo com as características dos participantes do estudo. Neste sentido, para a construção do questionário, procedemos à divisão em blocos temáticos com um conjunto de questões relacionadas com os objetivos do estudo.

O questionário (ver Anexos 12 e 13) é constituído por quatro blocos com questões na sua maioria fechadas, apresentando também algumas questões abertas que dava oportunidade aos inquiridos de expressarem a sua opinião acerca dos assuntos em questão.

O primeiro bloco do inquérito consiste na caracterização dos inquiridos, com seis itens sobre os dados pessoais e profissionais. O segundo bloco tem uma questão com uma alínea, acerca das representações dos professores sobre o trabalho dos educadores e vice-versa. O terceiro bloco contém três questões referentes às perceções dos inquiridos sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB. Por último, o quarto bloco, contém nove questões referentes às perceções dos inquiridos sobre o trabalho colaborativo. Ainda, a primeira folha do questionário, contém uma breve introdução onde é apresentado o estudo, os seus objetivos e instruções simples quanto ao seu preenchimento garantindo o anonimato e confidencialidade dos mesmos.

Para a entrega dos questionários, pedimos aos coordenadores das instituições que os entregassem em mãos aos educadores e professores necessários para o estudo, dando alguns dias para o seu preenchimento.

Após todo este processo e depois de recolhidos os questionários, seguimos com o tratamento estatísticos e a análise dos mesmos que serão apresentados de seguida.

2.6. Tratamento e análise de dados

Sobre esta fase Quivy e Campenhoudt (2013) afirmam que “A maior parte dos métodos de análise das informações dependem de duas grandes categorias: a análise estatística dos dados e a análise de conteúdo” (p.222).

Após a recolha de informações referentes ao estudo, obtiveram-se dados de natureza qualitativa resultantes da realização das entrevistas e dados de natureza quantitativa resultantes da aplicação dos inquéritos por questionário. Desta forma, foram selecionadas a análise de conteúdo para o tratamento de dados das entrevistas e a análise estatística para o tratamento de dados dos inquéritos.

2.6.1. Análise de conteúdo

Para Bardin (2008), a análise de conteúdo pode resumir-se a “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não)

que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (p.44).

Para procedermos à análise de conteúdo das entrevistas, primeiramente foi necessário fazermos as suas transcrições (ver entre os Anexos 2 e 9), recorrendo às gravações áudio.

Posteriormente, definimos as categorias, subcategorias e unidades de análise (Vala, 1986), utilizando uma grelha de análise para o registo das perceções dos entrevistados, categorizando as respostas dos mesmos de acordo com os objetivos do estudo.

Optámos pela análise por categorias por ser prático e a mais utilizada. Esta técnica, de acordo com Bardin (1991) consiste no “desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (p. 153).

A utilização da grelha de análise permitiu organizar as respostas dos entrevistados de forma sucinta, bem como a comparação das mesmas, facilitando assim a interpretação dos resultados.

2.6.2. Análise estatística

No que se refere à análise dos inquéritos por questionário, este tipo de análise permite uma apresentação gráfica dos dados, refletindo-se numa interpretação dos mesmos de forma rápida e clara no que respeita à frequência em que os mesmos se apresentam.

Após o preenchimento e recolha dos inquéritos, procedeu-se à análise estatística dos dados. Os dados recolhidos foram transportados para o Excel e através deste programa foram elaboradas tabelas correspondentes às diversas questões presentes no questionário.

Com a exceção de três questões abertas, todas as outras questões são de resposta fechada, facilitando deste modo o tratamento quantitativo e respetiva análise descritiva dos dados.

Por fim, procedemos à contagem frequencial e atribuímos a percentagem em função dos inquiridos.

Capítulo 3 – Resultados

3.1. Apresentação de resultados

No presente capítulo apresentamos os resultados do tratamento de dados. Primeiramente apresentamos os resultados da análise de conteúdo efetuada às entrevistas, de seguida os resultados da análise estatística efetuada aos dados dos inquéritos.

3.1.1. Análise de Conteúdo das entrevistas

No âmbito deste estudo foram realizadas oito entrevistas (quatro a coordenadores do 1.º Ciclo do Ensino Básico e quatro a coordenadores do Pré-Escolar). As mesmas tiveram lugar em duas Instituições privadas e quatro Instituições públicas na área de Lisboa, tendo sido realizadas na 2.ª e 3.ª semanas do mês de maio.

Parte 1 - Caracterização geral dos entrevistados

Quadro 2 – Caracterização dos entrevistados

	1.º Ciclo n = 4	Pré-Escolar n = 4	N = 8
Formação académica:			
Licenciatura	2	4	6
Mestrado	2	0	2
Tempo de serviço na Instituição:			
5-10 anos	1	0	1
>10 e 20 anos	2	3	5
>20 anos	1	1	2
Tempo que exerce o cargo de coordenador(a):			
<10 anos	3	3	6
10 anos	1	1	2

Como se pode verificar através da análise do quadro 1, no respeitante à formação académica, verifica-se um predomínio do grau de licenciatura em seis coordenadores, dois do 1.º CEB e quatro do PE. Em menor número temos dois participantes do 1.º CEB com Mestrado. Quanto ao tempo de serviço na Instituição

onde exercem a profissão, verificamos que um inquirido do 1.º CEB exerce a profissão entre 5 a 10 anos, cinco inquiridos (dois DO 1.º CEB e três do PE) exercem entre 11 a 20 anos e um coordenador do 1.º CEB e do PE exercem há mais de 20 anos. Dos oito coordenadores, seis (três do 1.º CEB e três do PE), exercem o cargo de coordenador(a) há menos de 10 anos e dois (um do 1.º CEB e 1 do PE) exercem há precisamente 10 anos.

Parte 2 - Perceções dos coordenadores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB

Relativamente a esta questão, tivemos como objetivo perceber as conceções dos coordenadores do Pré-escolar e 1.º CEB sobre o processo de transição.

Importância atribuída ao processo de transição para o 1.º CEB. Nesta primeira questão, foi notória uma opinião unânime tanto dos coordenadores do PE como do 1.º CEB. Todos os entrevistados atribuem uma grande importância a este processo de transição, exceto um coordenador do 1.º CEB que expôs “nós damos alguma importância” (C3), não atribuindo a inteira importância a este processo.

Comunicação estabelecida entre professores e educadores no processo de transição. Mais uma vez, a maioria dos entrevistados estiveram de acordo ao afirmarem que existe essa comunicação. Esse contacto é feito por intermédio de reuniões, atividades realizadas em conjunto ao longo do ano e em dias festivos na Instituição. No entanto, é importante salientar que uma das entrevistadas do PE afirma nem sempre haver essa comunicação porque “a nossa escola que não têm o 1.º Ciclo aqui connosco, às vezes, é mais difícil o intercâmbio, às vezes, até a nível de trabalhos” (C2).

Parte 3 - Práticas na transição para o 1.º CEB

Com esta segunda questão tivemos como objetivo conhecer algumas estratégias utilizadas para uma melhor transição para o 1.º CEB.

Estratégias. Verificamos que a maioria das estratégias são comuns entre o 1.º CEB e o PE. A maior parte dos entrevistados referiu como estratégias as reuniões entre os coordenadores do PE e 1.º CEB, os educadores dos 5 anos e professores titulares de turma e a visita dos alunos do PE ao 1.º CEB e vice-versa. Um dos entrevistados do PE referiu ainda que uma das estratégias utilizadas eram as reuniões com os pais. Foi

também referido por um coordenador do 1.º CEB que “os próprios professores que depois vão agarrar as turmas do 1.º ano fazem essa visita ao PE para se darem a conhecer” (C2). Uma coordenadora do PE referiu ainda que “temos as provas de diagnóstico”, “temos um modelo de apadrinhamento dos alunos do 3.º ano aos alunos dos 5 anos” (C1). Por fim, uma das entrevistadas do PE referiu que como estratégias realiza trabalhos com as suas crianças de modo a desenvolver a concentração, autonomia e cooperação, com o objetivo de os preparar para a realidade do 1.º CEB.

Parte 4 - O trabalho colaborativo no processo de transição

Com esta questão tivemos como objetivo conhecer o trabalho colaborativo desenvolvido pelos profissionais de educação no processo de transição.

Trabalho colaborativo. No que se refere ao trabalho colaborativo desenvolvido pelos educadores e professores no processo de transição, tanto os coordenadores do 1.º CEB como os do PE referiram o mesmo tipo de trabalho colaborativo: a visita dos alunos do PE ao 1.º CEB e vice-versa, as reuniões entre os professores e educadores e as atividades que fazem em conjunto ao longo do ano. Um coordenador do 1.º CEB referiu ainda a visita dos professores do 1.º CEB ao PE e um coordenador do PE, a visita dos educadores ao 1.º CEB.

Principais finalidades desse trabalho. Relativamente às principais finalidades do trabalho colaborativo entre professores e educadores, os coordenadores do 1.º CEB atribuíram as seguintes: “Passar as informações necessárias que ajudem numa melhor transição dos alunos” (C1), “a boa integração das crianças no novo ciclo de ensino” (C2) e o conhecimento por parte dos professores do que foi realizado no PE de forma a dar continuidade a esse trabalho, acertar estratégias e delinear objetivos. Já os coordenadores do PE destacaram: “A promoção do sucesso educativo das crianças”; “Conhecer as rotinas, as atividades, os professores conhecerem os alunos, os alunos conhecerem os professores, conhecerem também os futuros colegas de ciclo, o espaço” (C1). Foram também referidas como finalidades, a envolvência da família na escola, facilitar a adaptação das crianças e a transmissão do que elas irão encontrar de forma a “irem mais seguras” (C2).

Parte 5 - Percepções dos coordenadores sobre o trabalho colaborativo

Com esta última questão, tivemos como objetivo conhecer as concepções dos entrevistados sobre o trabalho colaborativo.

Importância atribuída ao trabalho colaborativo. Relativamente a este aspeto, todos os entrevistados, quer sejam do 1.º CEB ou PE, atribuíram uma grande importância a este tipo de trabalho. Segundo os coordenadores do 1.º CEB, o trabalho colaborativo é muito importante pois, através dele, é possível a troca de informações, experiências e “dicas” (C4) entre professores e educadores. Do mesmo modo, para os coordenadores do PE, esta prática é importante pois permite “ajudar os colegas que vão receber os nossos alunos, com pequenas dicas, sugestões, ou mesmo às vezes alertando para algumas dificuldades que os alunos possam sentir”, “sentir também o feedback do trabalho que é realizado e pontos ou aspetos que sejam importantes modificar/trabalhar no Pré-Escolar” (C1), perceber o trabalho que foi realizado pelos educadores e o trabalho que será realizado pelos professores de modo a preparar as crianças, colmatar possíveis dificuldades que possam surgir e obter mais conhecimento das crianças e suas famílias.

Promoção do trabalho colaborativo. No que concerne à promoção do trabalho colaborativo, os coordenadores do 1.º CEB afirmaram que se promove o trabalho colaborativo nas Instituições onde desempenham as suas funções. Através de atividades interligadas entre educadores e professores, na partilha de informações e em reuniões. No entanto, embora um das entrevistadas defenda que na Instituição onde leciona se promove o trabalho colaborativo, desabafa também que “acaba por haver, mas faz sempre falta mais, só que também não há tempo, é difícil às vezes aprofundar mais” (C2). No mesmo sentido, os coordenadores do PE afirmam haver promoção do trabalho colaborativo nas Instituições onde lecionam, através de reuniões entre educadores e professores e em atividades conjuntas que são realizadas ao longo do ano letivo. Por outro lado, uma das coordenadoras entrevistadas afirmou “aqui este Jardim não tanto por não estarmos no mesmo espaço físico” (C2).

Existência do trabalho colaborativo entre os intervenientes educativos. No que concerne a este aspeto, tanto os coordenadores do 1.º CEB como os coordenadores do PE responderam afirmativamente à questão. Referem que existe esse trabalho colaborativo entre educadores por meio do que já foi referido anteriormente. Entre

professores ou entre educadores, através do par pedagógico, de atividades em comum ou de reuniões. E entre famílias através do atendimento aos encarregados de educação, reuniões e atividades que são realizadas na Instituição ao longo do ano, de acordo com a disponibilidade das famílias de vir à Instituição. Ainda assim, uma coordenadora do PE refere não haver muito trabalho colaborativo entre educadores e professores pelo facto de não estarem no mesmo espaço físico, “o trabalho colaborativo que nós temos são essas reuniões periódicas com os professores do 1.º Ciclo. A passagem dos casos no final do ano letivo e pronto” (C2).

Reflexos do trabalho colaborativo na transição para o 1.º CEB. No que se refere aos reflexos do trabalho colaborativo na transição para o 1.º CEB, as opiniões dos coordenadores do 1.º CEB e PE são unânimes. Todos os entrevistados consideram que o desenvolvimento do trabalho colaborativo entre professores e educadores se reflete numa boa transição das crianças para o 1.º CEB, quer seja no prévio conhecimento dos alunos e das famílias, quer seja no desenvolvimento articulado do trabalho no 1.º CEB. Um dos coordenadores do PE ressalta “acho que há abertura dos dois lados para que se receba informações tanto de um lado como do outro e sugestões” (C1).

Maior incidência de trabalho colaborativo. Relativamente aos momentos letivos que os coordenadores consideram haver mais trabalho colaborativo entre professores e educadores, podemos observar uma ligeira diferença de opiniões. Dois coordenadores do 1.º CEB afirmaram haver mais trabalho colaborativo em três momentos letivos: no final do ano, quando se começa a preparar a transição, no início de setembro, quando é feita a transição e no início de maio, quando se começa a preparar o próximo ano letivo. Dois coordenadores, também do 1.º CEB, consideraram existir trabalho colaborativo entre professores e educadores ao longo de todo o ano. Em relação aos coordenadores do PE, um entrevistado referiu que a maior incidência de trabalho colaborativo se dá no início e no final do ano. Dois entrevistados referiram que é mais no final do ano. Por último, um entrevistado revelou não saber dizer pelo facto dos educadores e professores, ao longo do ano, estarem sempre envolvidos em trabalhos conjuntos.

Principais constrangimentos no trabalho colaborativo. No que respeita aos principais constrangimentos, sem dúvida existe um que se destaca, o tempo. Mais precisamente o desfasamento de horários que não são comuns entre os

professores e educadores, o que dificulta no momento de se reunirem. Além do tempo e da falta dele, alguns dos coordenadores do PE referem outros constrangimentos no trabalho colaborativo com os professores: “O 1.º Ciclo achar que nós devemos trabalhar mais os meninos de acordo com o modelo deles e nós acharmos o contrário” (C1), “o constrangimento de muitas colegas do 1.º Ciclo acharem que nós temos que fazer um bocadinho... eles chegarem lá já com um bocadinho do trabalho delas feito” (C2), e ainda, o constrangimento relacionado com o espaço, o facto de alguns Jardins de Infância não estarem situados na mesma Instituição do 1.º CEB.

Aspetos importantes para um bom desenvolvimento do trabalho colaborativo. Relativamente aos aspetos importantes a serem considerados para a existência de um bom desenvolvimento do trabalho colaborativo, todos os entrevistados contribuíram com diferentes sugestões. Para os coordenadores do 1.º CEB, é importante que haja entre os professores e educadores “Confiança, respeito e profissionalismo” (C1). É também importante “criar as disponibilidades entre todos os grupos” (C3) e “abrir a escola, estar disponível” (C4). Para os coordenadores do PE, é importante haver motivação, “abertura da parte de todos e disponibilidade” (C1), o conhecimento do currículo dos professores por parte dos educadores, o professor dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelo educador no PE (articulação), a existência de mais reuniões entre educadores e professores e mais trabalho colaborativo e os professores serem mais flexíveis em termos de currículo. Para um dos entrevistados, é importante também haver espaço no horário para as pessoas poderem reunir” (C3) e a existência de uma boa relação e comunicação entre educadores e professores.

3.1.2. Análise estatística dos inquéritos

No âmbito deste estudo foram entregues 30 questionários (15 a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico e 15 a educadores do Pré-Escolar). Os mesmos foram entregues em Instituições públicas e privadas na área de Lisboa, tendo sido entregues na 2.ª e 3.ª semanas do mês de maio e recolhidos na 1.ª e 2.ª semanas do mês de junho. Contudo, 2 professores e 1 educador não responderam aos questionários, deixando-os em branco.

Caracterização geral dos entrevistados

Bloco A – Informações Pessoais e Profissionais

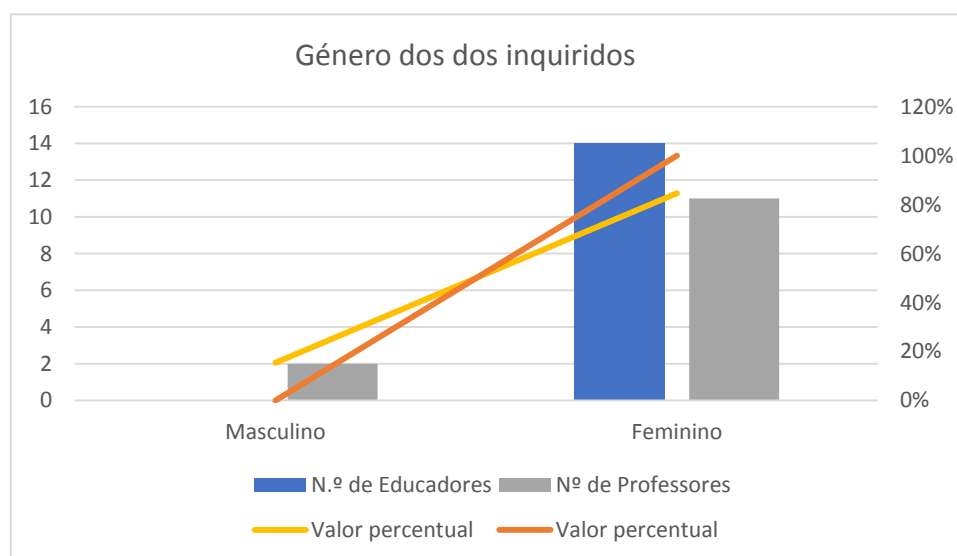


Figura n.º 1 – Distribuição dos inquiridos quanto ao género

A.1. Pela observação da figura n.º 1 da variável do género verificou-se que todos os educadores inquiridos (100%) são do género feminino. No que se refere aos professores, a maioria (80%) são do género feminino e uma pequena minoria (15%) são do género masculino.

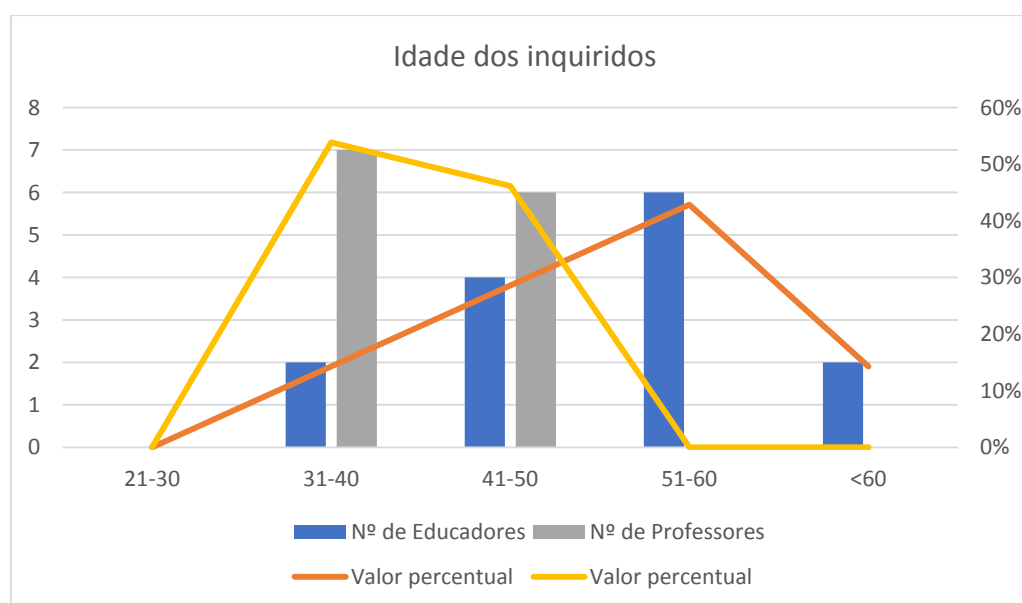


Figura n.º 2 – Distribuição dos inquiridos quanto à idade

A.2. Ao analisar a variável da idade das educadoras verifica-se que 14% têm uma idade compreendida entre 31 a 40 anos, 29% entre 41 a 50 anos, 43% entre 51 a 60 anos e 14% têm mais de 60 anos. Concluindo assim que as educadoras inquiridas têm uma idade que varia de 31 a mais de 60 anos. No que se refere aos professores, verifica-se que 54% têm uma idade compreendida entre 31 a 40 anos e 46% têm entre 41 a 50 anos. Concluindo assim que os professores inquiridos tem uma idade que varia de 31 a 50 anos.

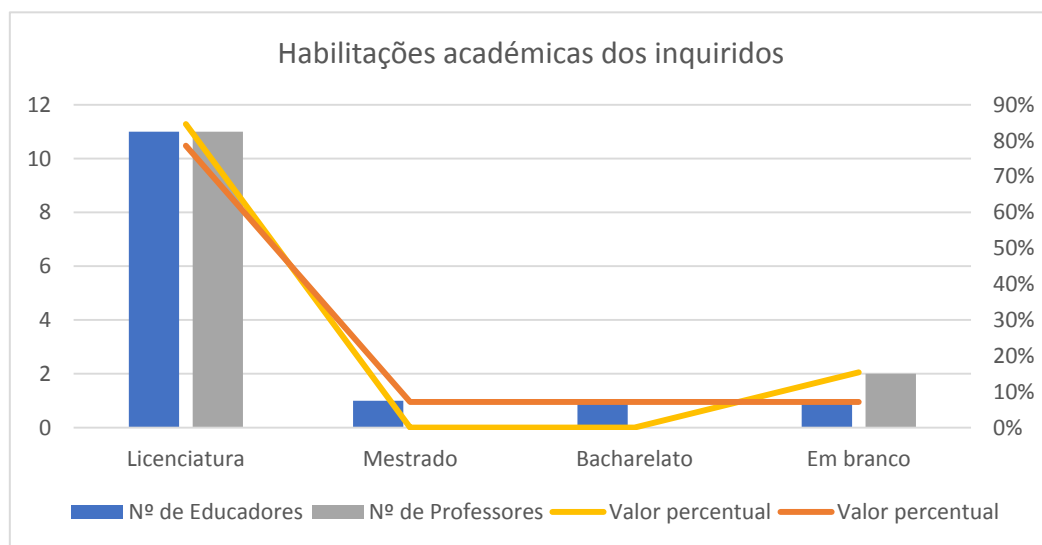


Figura n.º 3 – Distribuição dos inquiridos quanto às habilitações académicas

A.3. No respeitante às habilitações académicas dos inquiridos, a maioria dos educadores (79%) e professores (85%) possuem Licenciatura. Em menor número temos educadores com Mestrado (7%) ou Bacharelato (7%).

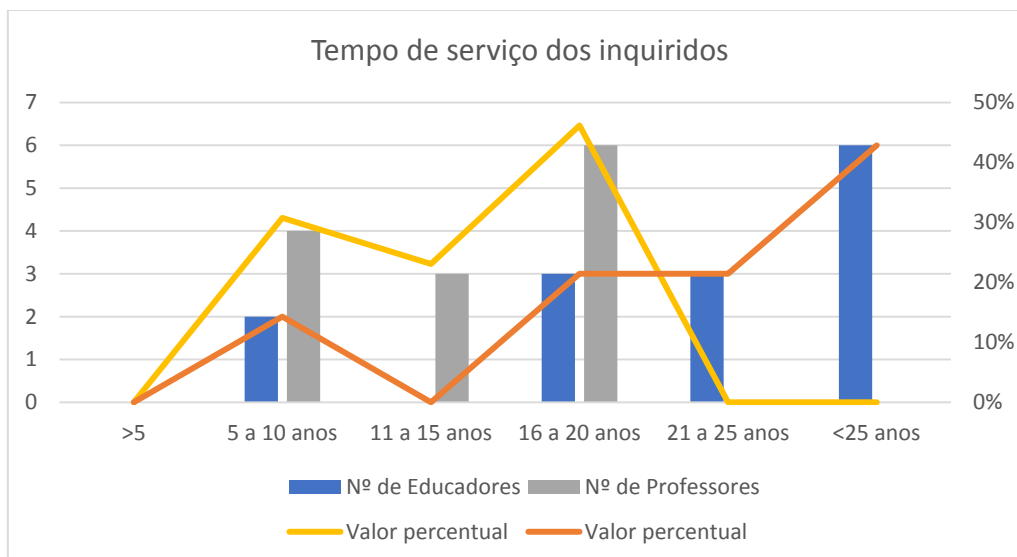


Figura n.º 4 – Distribuição dos inquiridos quanto ao tempo de serviço

A.4. Quanto ao tempo de serviço verifica-se que 14% das educadoras têm entre 5 a 10 anos de serviço, 21% entre 16 a 20 anos, 21% entre 21 a 25 anos e 43% têm mais de 25 anos de serviço. Concluindo assim que a maioria das educadoras inquiridas têm mais de 16 anos de serviço. No que se refere aos professores, verifica-se que 46% dos inquiridos têm entre 16 a 20 anos de serviço, 31% têm entre 5 a 10 anos de serviço e 23% têm entre 11 a 15 anos de serviço. Concluindo assim que os professores inquiridos têm entre 5 a 20 anos de serviço.

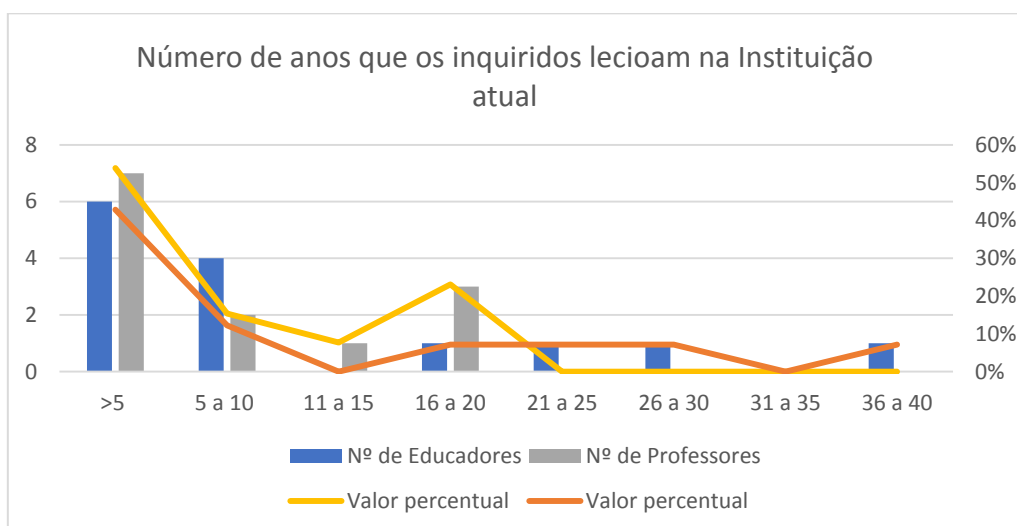


Figura n.º 5 - Distribuição dos inquiridos quanto aos anos de serviço na Instituição atual

A.5. No que concerne ao número de anos de serviço na Instituição atual verifica-se que 43% das educadoras possuem menos de 5 anos de serviço na Instituição onde lecionam, 29% possuem entre 5 a 10 anos, 21% (distribuídos por 7% cada) possuem entre 16 a 30 anos e 7% das educadoras possui entre 36 a 40 anos de serviço na Instituição. No que se refere aos professores, verifica-se que a maioria (54%) têm menos de 5 anos de serviço na Instituição, 15% têm entre 5 a 10 anos, 8% entre 11 a 15 anos e ainda, 23% dos inquiridos têm entre 16 a 20 anos de serviço.

Anos de serviço na Instituição atual	Nº de Professores	Valor percentual
>5	7	54%
5 a 10	2	15%
11 a 15	1	8%
16 a 20	3	23%

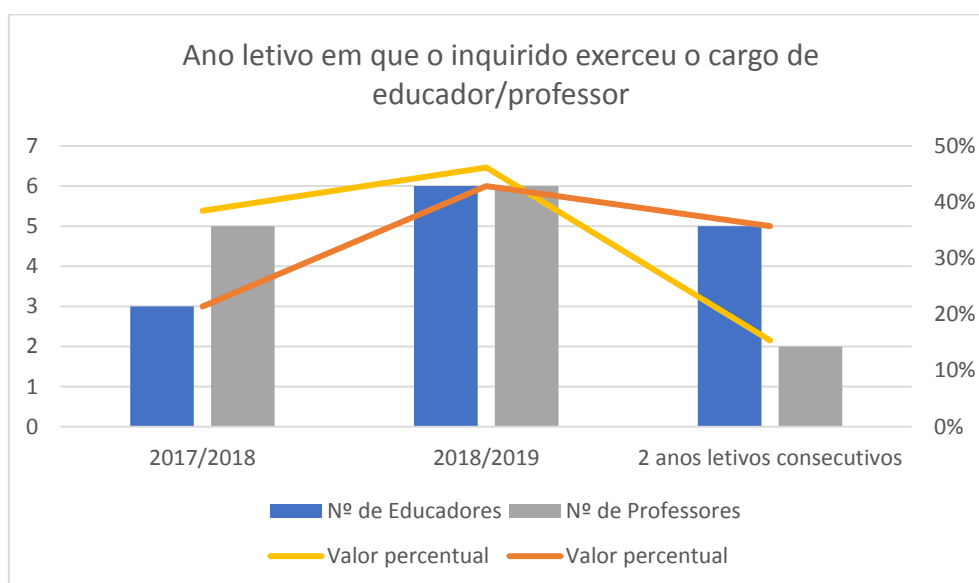


Figura n.º 6 - Distribuição dos inquiridos quanto ao ano letivo em que exerceu o cargo de professor(a) do 1.º ano

Cargo de professor do 1.º ano	Nº de Professores	Valor percentual

2017/2018	5	38%
2018/2019	6	46%
2 anos letivos consecutivos	2	15%

A.6. Pela observação da figura n.º 6 verifica-se que 21% das educadoras tiveram o cargo de educadora das crianças dos 5 anos no ano letivo de 2017/2018, 43% no ano letivo de 2018/2019 e 36% nos dois anos letivos consecutivos. Em relação aos professores, 38% exerceram o cargo de professor(a) do 1.º ano no ano letivo de 2017/2018, 46% no ano letivo de 2018/2019 e 15% nos dois anos letivos consecutivos.

Bloco B – Representação dos professores sobre o trabalho dos educadores

Questões:

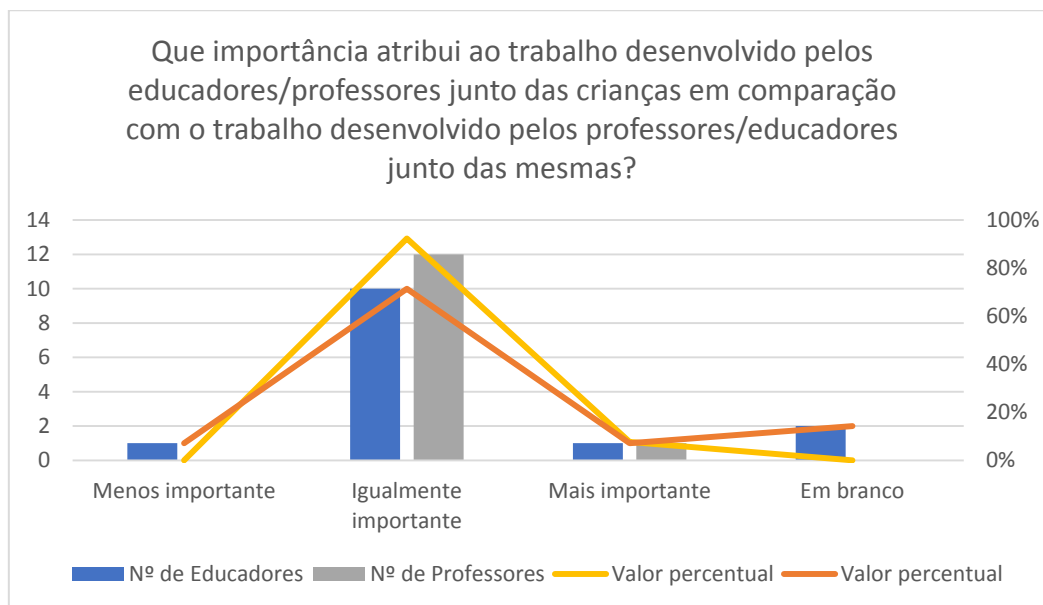


Figura n.º 7 - Importância atribuída ao trabalho desenvolvido pelos educadores junto das crianças em comparação com o trabalho desenvolvido pelos professores.

B.1. Quanto à importância atribuída ao trabalho desenvolvido pelos professores junto das crianças em comparação com o trabalho desenvolvido pelos educadores junto das mesmas, como se pode observar na figura 7, a maioria das educadoras (71%) e professores (92%) considerou ambos os trabalhos igualmente importantes. Ainda assim, é importante referir que 1 educadora considerou o trabalho desenvolvido pelo professor menos importante que o seu e uma educadora e um professor, consideraram o trabalho do colega mais importante que o seu.

Bloco C – Perceções dos Professores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB

Questões:

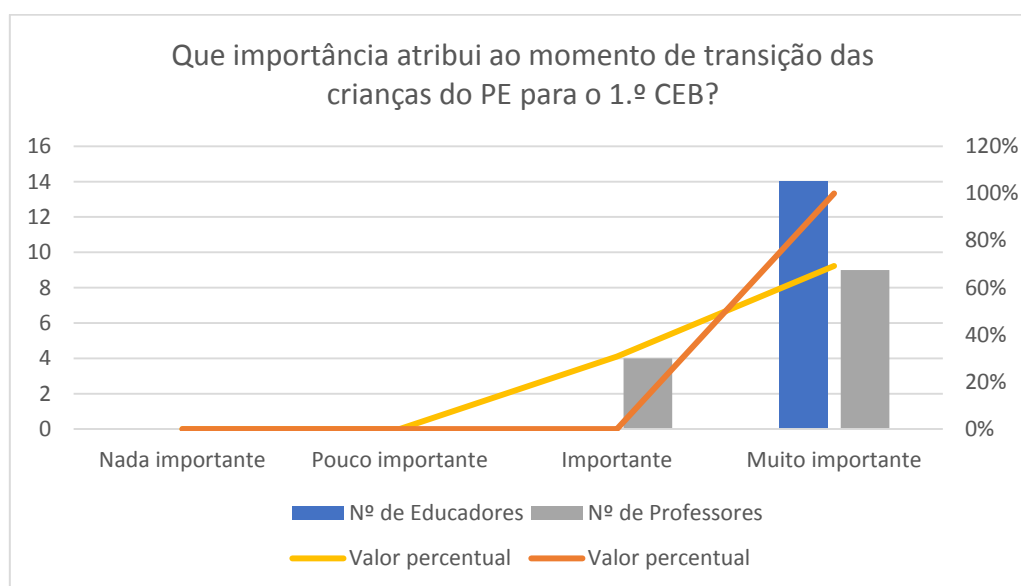


Figura n.º 8 – Importância atribuída ao momento de transição para o 1.º CEB.

C.1. Relativamente à importância atribuída ao momento de transição para o 1º CEB, todas as educadoras inquiridas (100%) consideraram este momento muito importante. Relativamente aos professores, 31% dos inquiridos consideraram importante e 69% consideraram muito importante.

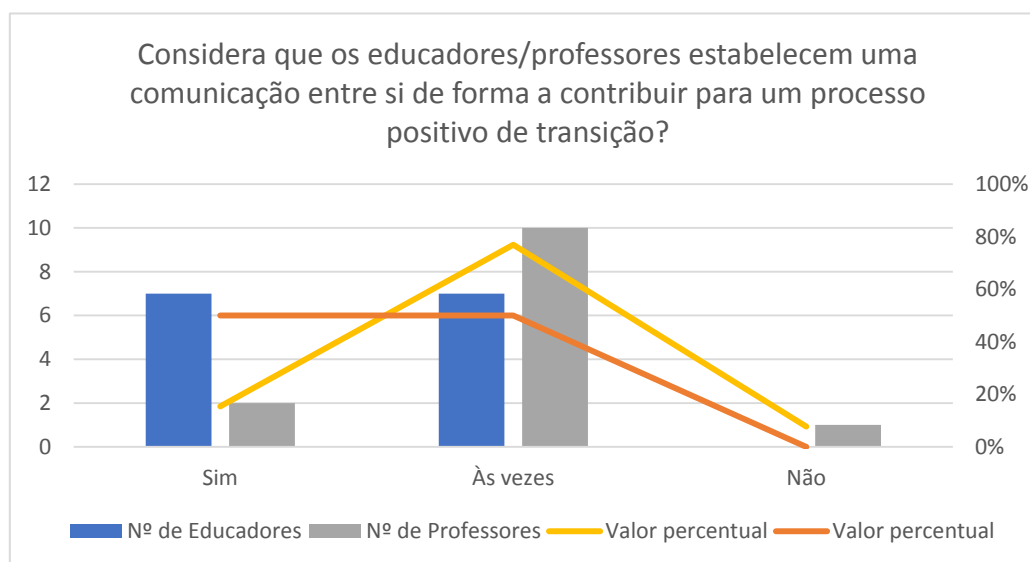


Figura n.º 9 - Comunicação estabelecida entre os professores e educadores para um processo positivo de transição

C.2. No que se refere à comunicação estabelecida entre os educadores e professores para um processo positivo de transição, relativamente aos educadores as opiniões estão igualmente divididas, 50% afirma que “sim” e 50% assinala “às vezes”. Relativamente aos professores, a maioria (77%) assinala “às vezes” e há ainda inquiridos, embora em menor percentagem, que respondem afirmativamente (15%) e negativamente (8%) à questão colocada.

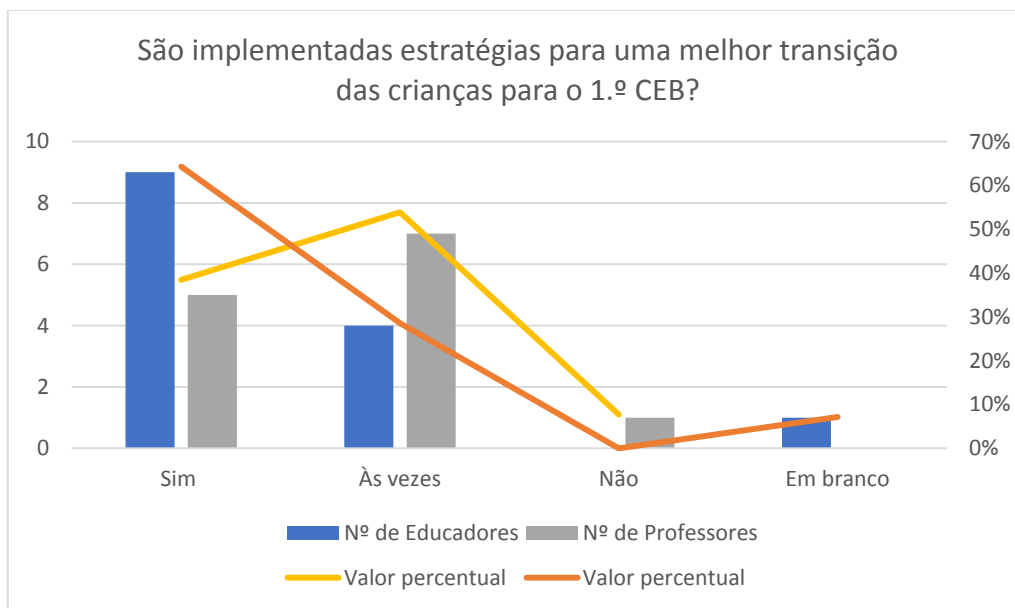


Figura n.º 10 – Presença de estratégias para uma melhor transição das crianças par o 1.º CEB.

C.3. Pela observação da figura n.º 10, a maioria das educadoras (64%) responderam afirmativamente quando inquiridas sobre a presença de estratégias para uma melhor transição das crianças para o 1.º CEB, 29% responderam que às vezes existem estratégias e ainda, 7% deixou esta questão em branco. Relativamente aos professores, 38% responderam afirmativamente, 54% responderam que às vezes existem estratégias e 8% referiu que não existem de todo estratégias.

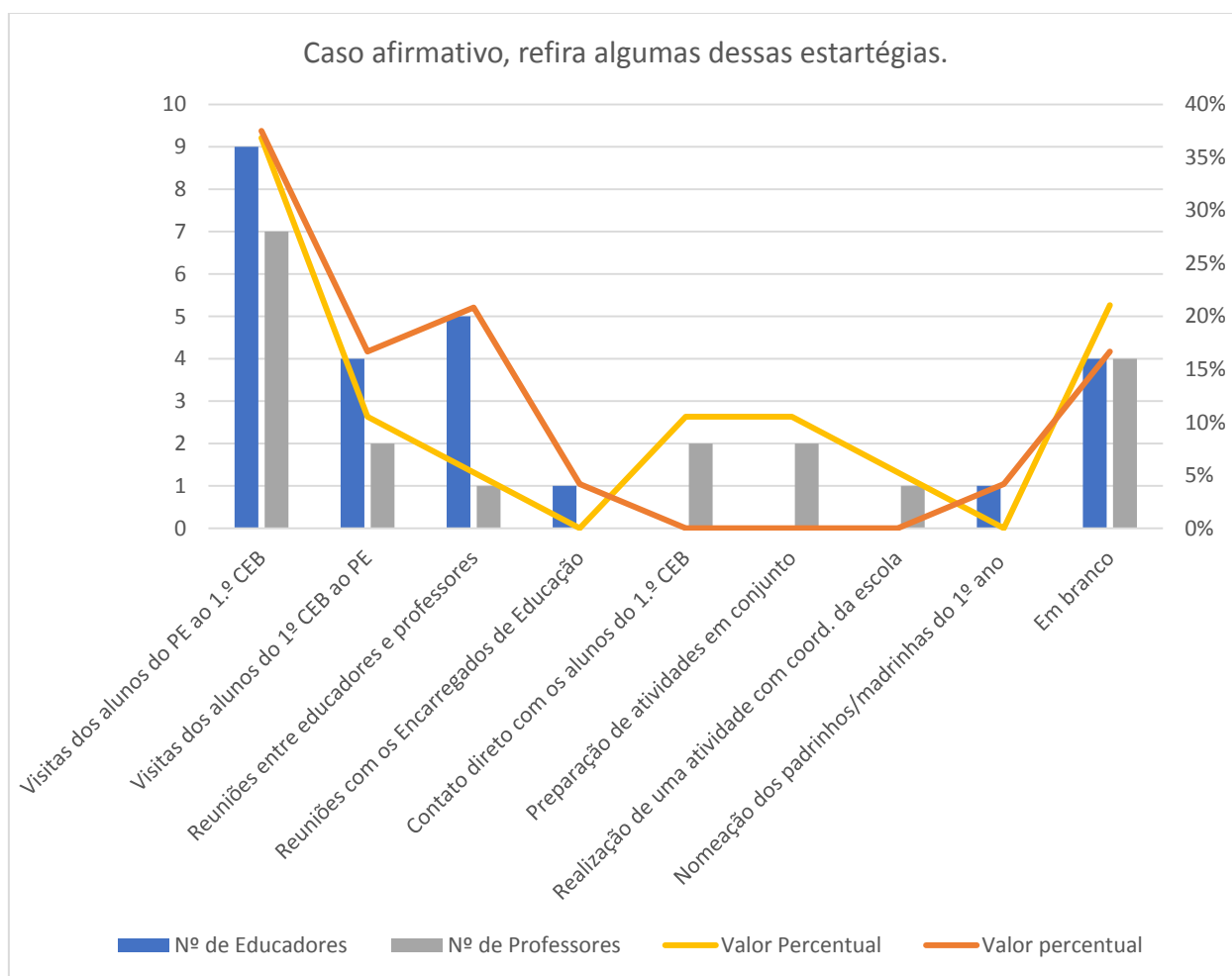
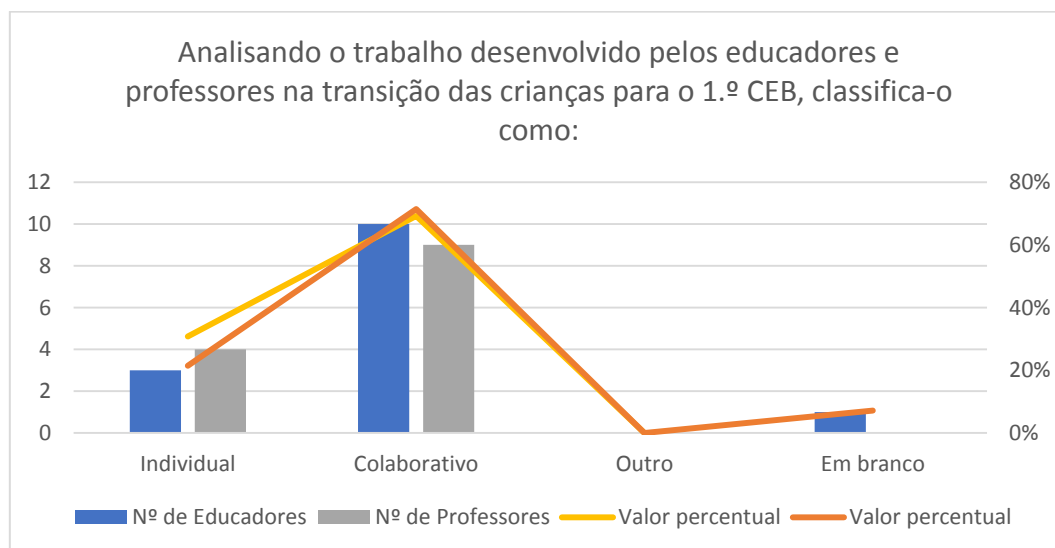


Figura n.º 11 – Estratégias implementadas no processo de transição para o 1.º CEB

C.4. Questionados posteriormente sobre o tipo de estratégias implementadas, como podemos observar na figura 11, a maior incidência dá-se na “Visita dos alunos do PE ao 1.º CEB”, referido por 38% das educadoras e 37% dos professores. Ainda como estratégias 17% das educadoras e 11% dos professores referiram as “visitas dos alunos do 1.º CEB ao PE”; 21% das educadoras e 5% dos professores referiram as “reuniões entre educadores e professores”; 4% das educadoras referiu as “reuniões com os encarregados de educação”; 11% dos professores o “contato direto com os alunos do 1.º CEB”; 11% a “preparação de atividades em conjunto”, 5% a “realização de uma atividade com a coordenadora da escola” e ainda, e 4% das educadoras referiu a “nomeação dos padrinhos/madrinhas do 1.º ano”.

Bloco D – Percepções dos professores sobre o trabalho colaborativo.



Classificação	Nº de Professores
Individual	4
Colaborativo	9
Outro	0

Figura n.º 12 - Classificação do trabalho colaborativo desenvolvido pelos professores e educadores

D.1. Relativamente ao trabalho desenvolvido pelos professores e educadores verifica-se que, a maioria dos inquiridos (71% dos educadores e 69% dos professores) afirma que o trabalho desenvolvido é colaborativo. Contudo, uma percentagem considerável de inquiridos (21% dos educadores e 31% dos professores) classifica este trabalho como individual.

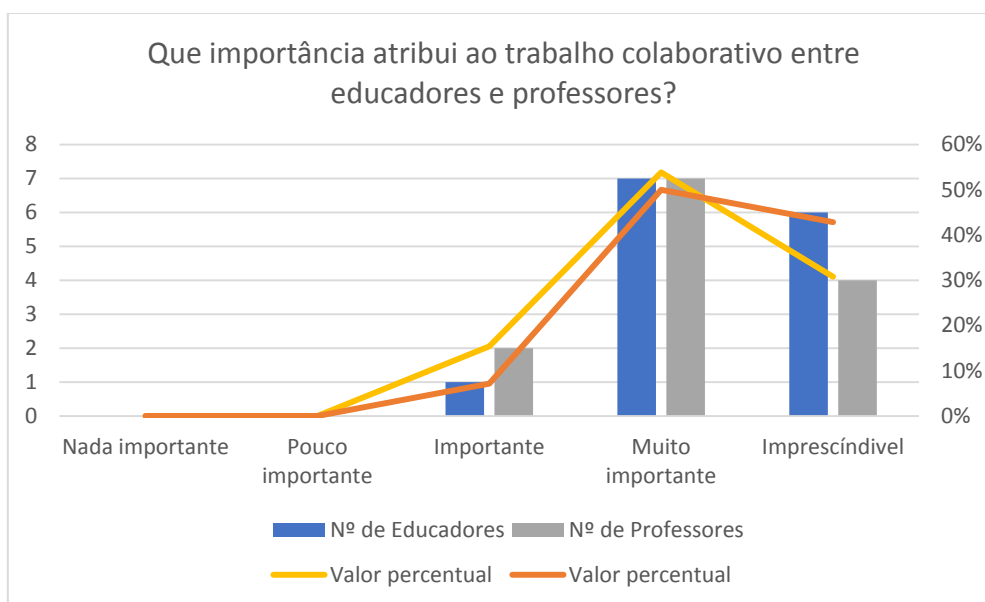
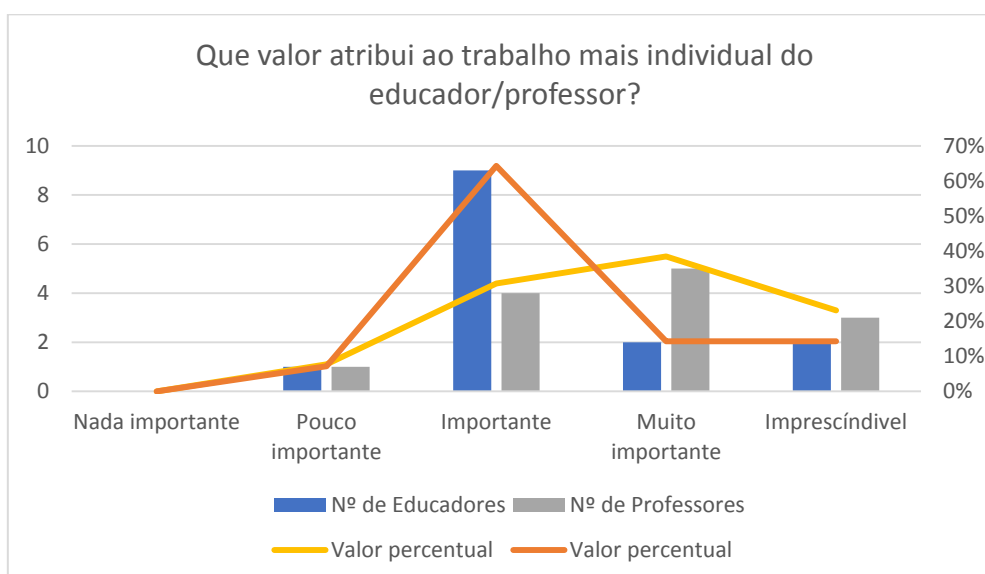


Figura n.º 13 – Importância atribuída ao trabalho colaborativo entre professores e educadores.

D.2. Relativamente à importância que os inquiridos atribuem ao trabalho colaborativo entre os mesmos, todos atribuem importância a este tipo de trabalho, o que varia entre as respostas é o grau de importância atribuído. Sendo que 7% das educadoras e 15% dos professores consideraram importante. 50% das educadoras e 54% dos professores consideraram muito importante e ainda, 43% das educadoras e 31% dos professores consideraram este trabalho imprescindível.



Valor atribuído	Nº de Professores	Valor percentual
Nada importante	0	0%

Pouco importante	1	
Importante	4	
Muito importante	5	
Imprescindível	3	

Figura n.º 14 - Valor atribuído ao trabalho mais individual do educador

D.3. No que diz respeito às considerações dos inquiridos sobre o trabalho mais individual do educador/professor, facilmente constatamos que os mesmos consideram de alguma forma importante este trabalho mais individual, o que difere é o grau de importância atribuído que varia de “pouco importante” a “imprescindível”. 7% dos educadores e 8% dos professores consideraram “pouco importante”; 64% dos educadores e 31% dos professores consideraram “importante”; 14% dos educadores e 38% dos professores consideraram “muito importante” e ainda, 14% dos educadores e 23% dos professores consideram o trabalho mais individual do educador/professor “imprescindível”.

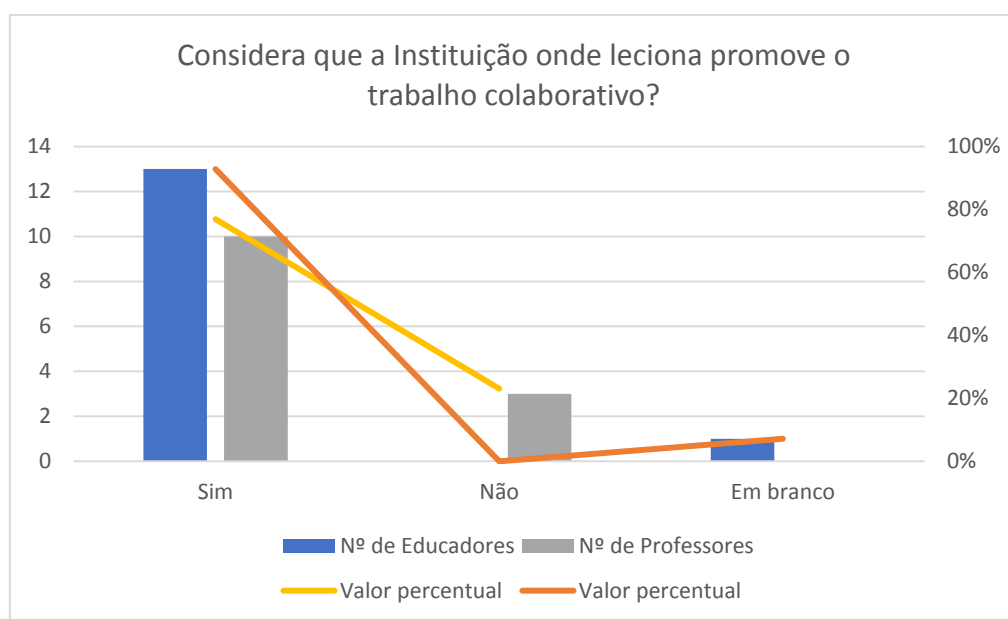
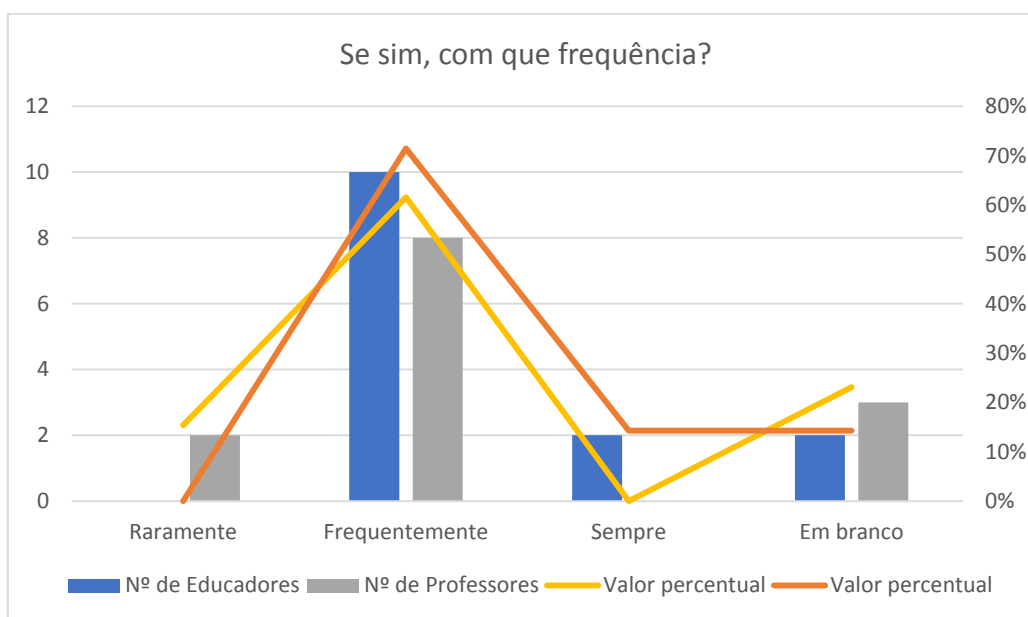


Figura n.º 15 - Promoção do trabalho colaborativo na Instituição onde lecionam

D.4. Ao observar o gráfico n.º 15, relativamente à promoção do trabalho colaborativo no local onde os inquiridos exercem a sua profissão, verificamos que a maioria dos inquiridos, 93% das educadoras e 77% dos professores, afirmam a existência dessa

promoção. Ainda assim, uma pequena percentagem de professores (23%) negam a existência dessa promoção na Instituição onde lecionam.



Frequência	Nº de Professores
Raramente	2
Frequentemente	8
Sempre	0
Em branco	3

Figura n.º 16 - Frequência com que o trabalho colaborativo entre educadores e professores é promovido na Instituição

D.5. Relativamente à frequência com que o trabalho colaborativo entre educadores e professores é promovido na Instituição onde lecionam, a maioria das educadoras (71%) e professores (62%) referiram que o trabalho é promovido frequentemente. As restantes percentagens foram distribuídas por “raramente” (14% dos professores), “sempre” (14% dos educadores) e alguns inquiridos deixaram a questão em branco (14% dos educadores e 23% dos professores).

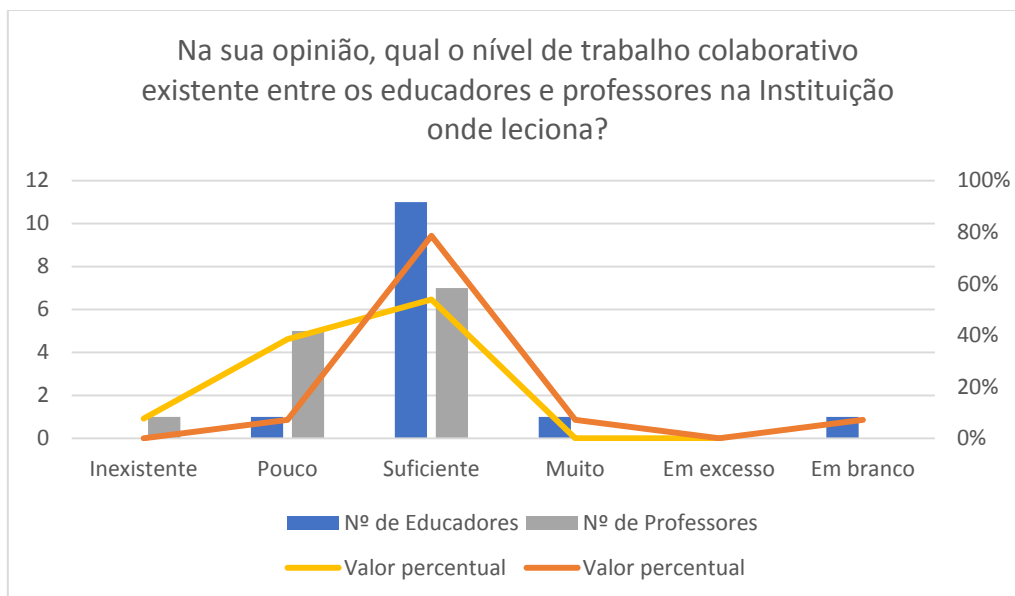


Figura n.º 17 - Nível de trabalho colaborativo existente entre os professores e educadores na Instituição onde lecionam.

D.6. Quando inquiridos sobre o nível de trabalho colaborativo existente entre os educadores e professores na Instituição onde lecionam verificamos que a maioria das educadoras (79%) considera suficiente o trabalho colaborativo desenvolvido. Ainda assim, duas educadoras estão totalmente em desacordo, sendo que uma considerou haver pouco trabalho colaborativo e a outra considerou haver muito. Já em relação aos professores, as respostas são mais dispersas, embora 54% considerou suficiente, 38% considerou haver pouco trabalho colaborativo e ainda uma educadora considerou o trabalho colaborativo inexistente.

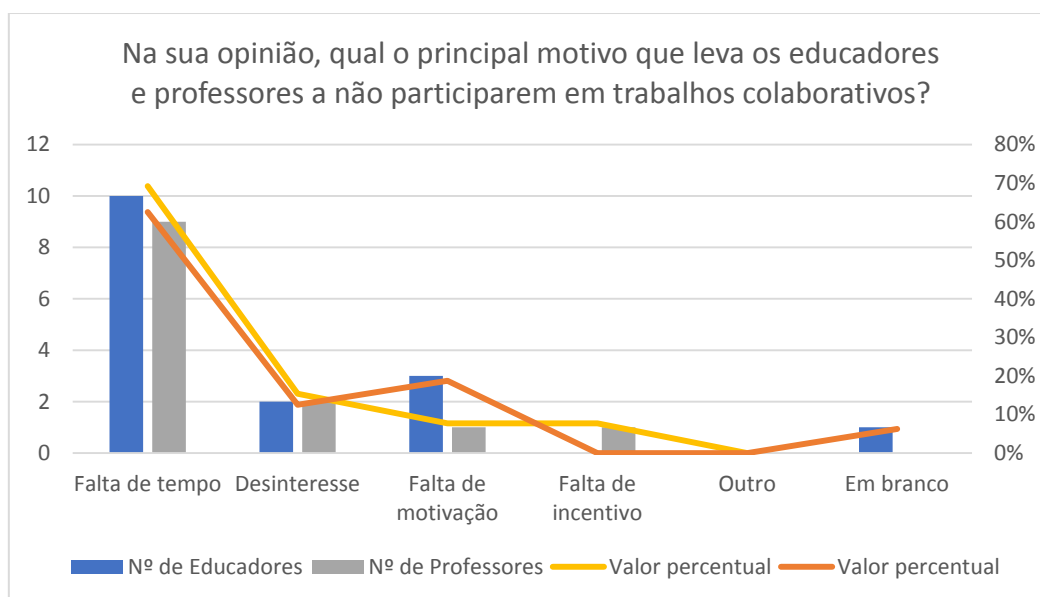


Figura n.º 18 – Principal motivo que leva os professores e educadores a não participarem em trabalhos colaborativos.

D.7. Questionados sobre o principal motivo que leva os educadores e professores a não participarem em trabalhos colaborativos, o motivo que obteve valores mais altos foi sem dúvida a “falta de tempo”, referido por 63% das educadoras e 69% dos professores. Ainda como principais motivos temos o “desinteresse” referido por 13% das educadoras e 15% dos professores, a falta de motivação referido por 19% das educadoras e 8% dos professores e ainda, a “falta de incentivo” referido por 8% dos professores.

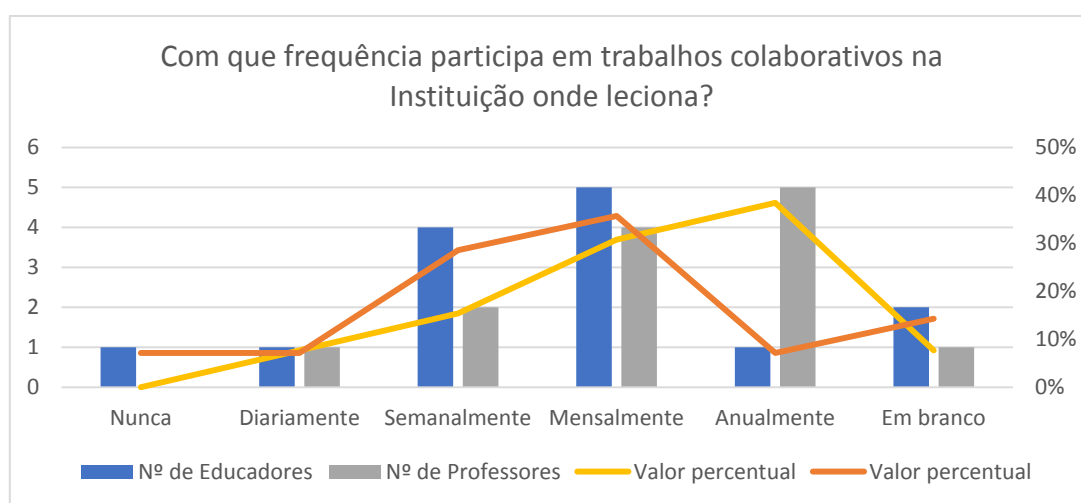
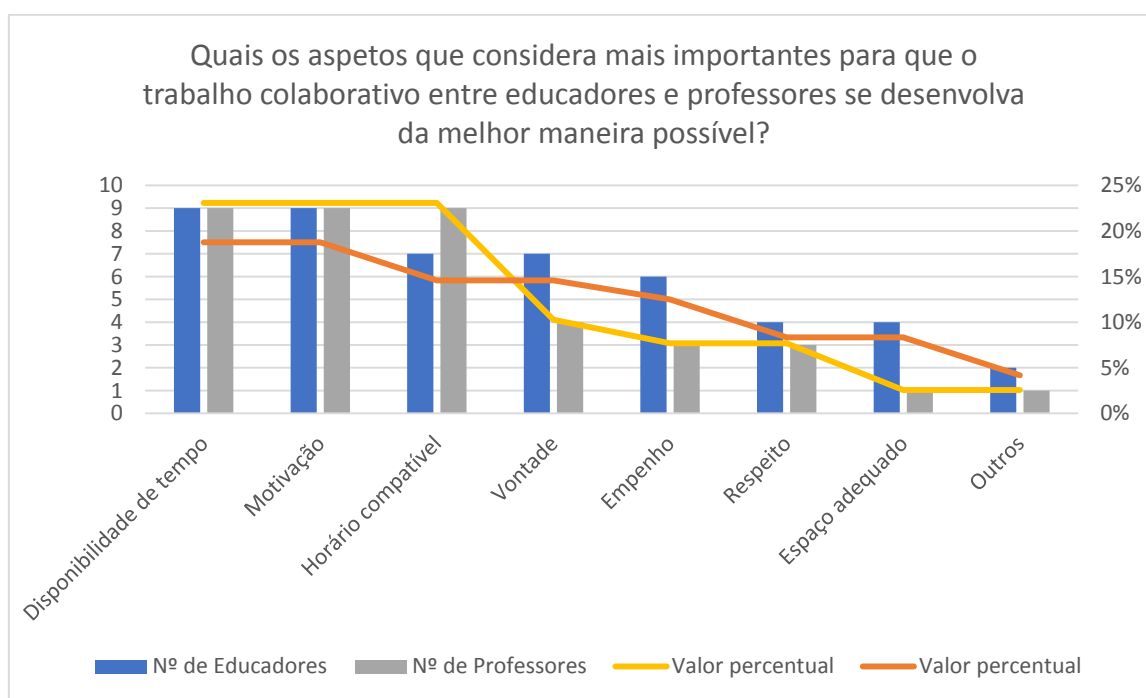


Figura n.º 19 - Frequência com que os inquiridos participam em trabalhos colaborativos na Instituição onde lecionam.

D.8. Relativamente à frequência com que os inquiridos participam em trabalhos colaborativos na Instituição onde lecionam, observando a figura 19, constatamos que as respostas não são unânimes entre os profissionais dos dois níveis de educação nem entre os próprios profissionais de cada nível. 7% das educadoras referiram que “nunca” participam em trabalhos colaborativos; 7% das educadoras e 7% dos professores referiram que participam “diariamente”; 29% das educadoras e 15% dos professores referiram que participam “semanalmente”; Com percentagens mais elevadas 36% das educadoras e 31% dos professores referiram “mensalmente”; 7% das educadoras e 38% dos professores referiram “anualmente”; Já 14% das educadoras e 8% dos professores deixaram a questão em branco.



Quadro n.º 20 – Aspetos mais importantes para que o trabalho colaborativo entre professores e educadores se desenvolva da melhor maneira possível.

D.9. Ao analisar o gráfico n.º 20, relativamente aos aspetos que os inquiridos consideram mais importantes para que o trabalho colaborativo entre educadores e professores se desenvolva da melhor maneira possível, observamos uma dispersão de respostas. No entanto, os aspetos que se destacam são: a “disponibilidade de tempo”, referido por 19% das educadoras e 23% dos professores; a “motivação” referido por 19% das educadoras e 23% dos professores; o “horário compatível” referido por 15%

das educadoras e 23% dos professores; a “vontade” referido por 15% das educadoras e 10% dos professores; o “empenho” referido por 13% das educadoras e 8% dos professores o “respeito” referido por 8% das educadoras e 3% dos professores; o “espaço adequado” referido por 8% das educadoras e 8% dos professores; entre outros, nomeadamente a “proximidade física entre o Jardim de Infância e a Escola”, referido por uma educadora e “a capacidade dos educadores entenderem que a aprendizagem é tão importante como a felicidade das crianças”, referido por um professor.

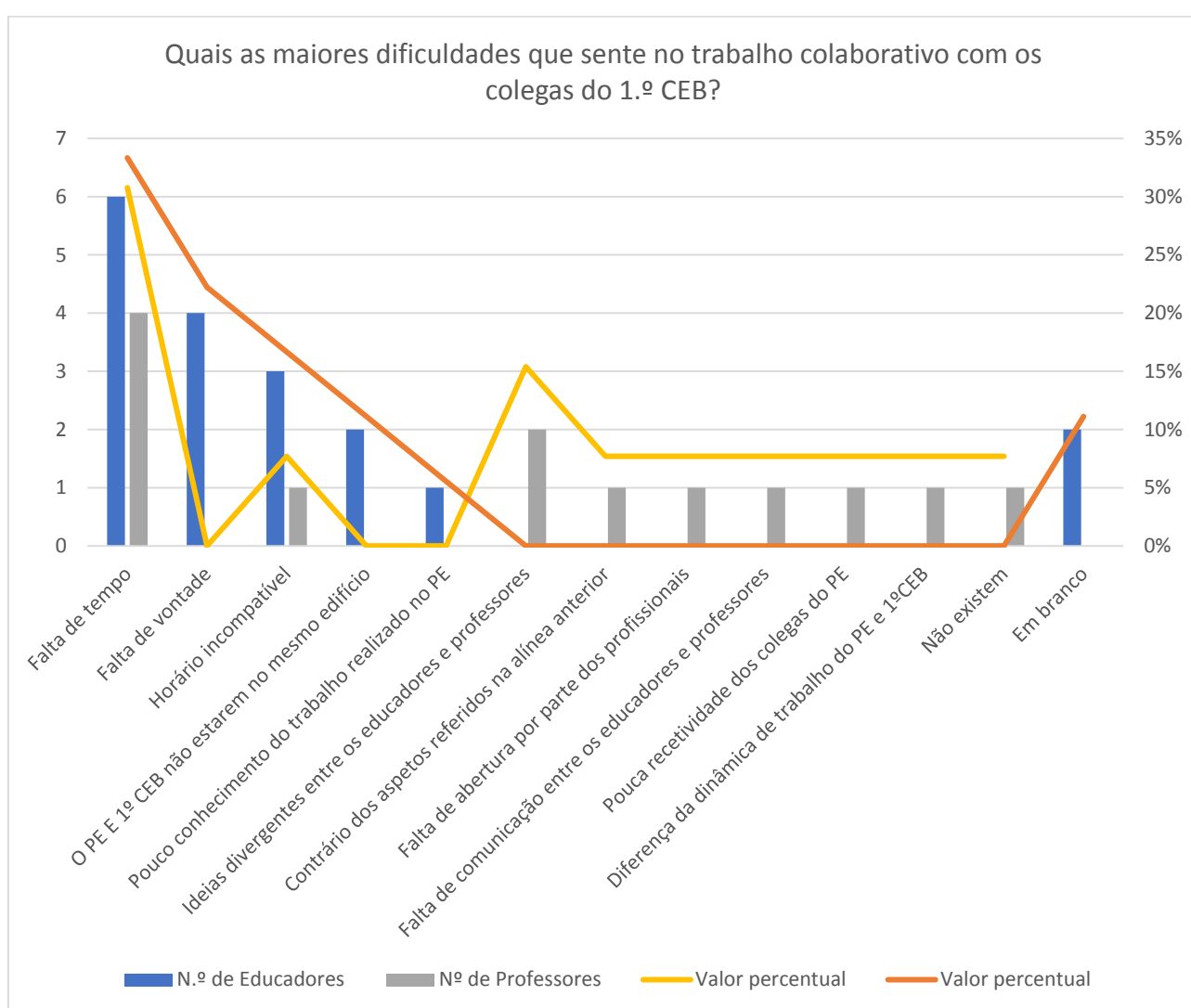


Figura n.º 21 – Maiores dificuldades no trabalho colaborativo com os colegas do Pré-Escolar

D.10. No que diz respeito às maiores dificuldades que os inquiridos sentem no trabalho colaborativo com os colegas do 1.º CEB, mas uma vez, a maior dificuldade que se destaca no meio dos educadores e professores é a “falta de tempo” referido por 33% das educadoras e 31% dos professores. Seguido da “falta de vontade” referido por 22% das educadoras, o “horário incompatível” referido por 17% das educadoras e 1 professor, o facto do PE e 1.º CEB não estarem na mesma Instituição, referido por 2 educadoras e as “ideias divergentes entre educadores e professores” referido por 2 professores.

3.2. Discussão de Resultados

Neste capítulo é apresentada a discussão dos resultados, tendo por base o cruzamento dos dados obtidos através da aplicação de entrevistas e de inquéritos por questionário, com o objetivo de recolher informação que possibilitasse compreender as perceções e práticas dos educadores de infância e professores do 1.º CEB relativamente ao processo de transição entre a educação pré-escolar e o 1.º CEB, assim como ao trabalho colaborativo.

Por se considerar que os dados obtidos são complementares, a discussão dos resultados será apresentada de forma integrada, tendo-se orientado essencialmente pelos objetivos específicos do estudo e pelo debate efetuado à luz do quadro teórico elaborado.

Para dar resposta às questões de partida traçaram-se os seguintes objetivos:

- Perceber as conceções dos educadores e professores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB;
- Conhecer algumas práticas/estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transição para o 1.º CEB;
- Perceber as conceções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entre os mesmos.

No que respeita ao 1.º objetivo, concretamente “Perceber as conceções dos educadores e professores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB”, procurámos perceber na análise dos dados obtidos a importância que estes profissionais atribuem ao processo de transição.

Os resultados evidenciaram que todos os participantes do estudo (coordenadores, educadores e professores) atribuem grande importância a este momento de transição, sendo que se trata de um momento muito significativo na vida das crianças e por isso merece a maior atenção por parte destes profissionais (Roldão, 2008).

Ainda assim, persiste a dúvida se esta consciência da importância do processo de transição está na verdade a ser posta em prática entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB.

Como refere Vasconcelos (2007), uma transição bem-sucedida é fundamental para o desempenho cognitivo, bem-estar social e emocional das crianças. Deste modo, deve ser realizada de forma harmoniosa e reflexiva, tornando-se essencial que se estabeleçam entre educadores e professores processos de comunicação. Porém, um grande problema identificado durante o processo de transição é, precisamente, a falta de comunicação entre educadores e professores o que origina a ausência de colaboração, o desconhecimento mútuo das respetivas práticas educativas, a incompreensão, desvalorização e preconceitos relativamente ao trabalho de cada um (Rodrigues, 2005).

De modo a verificar a presença ou ausência destes fatores nas Instituições onde foram realizadas as entrevistas e implementados os questionários, considerámos também importante conhecer o nível de comunicação existente entre os educadores e professores no processo de transição, assim como as representações que estes profissionais têm do trabalho de cada um.

Relativamente à comunicação estabelecida entre educadores e professores, tendo em vista um processo positivo de transição, na perspetiva de alguns autores (Figueiredo, 2006; Marchão, 2012) é essencial que os mesmos estabeleçam processos de comunicação e colaboração entre si. No entanto, de acordo com os resultados obtidos nas entrevistas, este processo de comunicação nem sempre está presente: “Nem sempre, nem sempre. (...) como a nossa escola que não tem o 1.º Ciclo aqui connosco, às vezes, é mais difícil o intercâmbio, às vezes, até a nível de trabalhos.” (C2 – PE)

No que se refere aos educadores, as opiniões estão igualmente divididas, 50% afirma haver essa comunicação e 50% assinala “às vezes”. Relativamente aos professores, a maioria (77%) assinala “às vezes” e há ainda inquiridos, embora em menor percentagem, que respondem afirmativamente (15%) e negativamente (8%) à questão colocada. Perante estes dados confirma-se em algumas destas Instituições um dos grandes problemas identificado por Rodrigues (2005), pois, embora na maioria delas existam processos de comunicação entre educadores e professores, estes nem sempre são frequentes.

No que respeita às representações que os educadores e professores têm face ao trabalho de cada um, na sua maioria, as respostas obtidas revelaram uma

representação positiva. Ainda assim, embora referido apenas por uma educadora, é importante salientar que a mesma considerou o seu trabalho mais importante que o do professor pois, segundo a mesma “são os educadores os grandes motivadores para as aprendizagens que os professores têm de ministrar”.

Sendo estes profissionais inquiridos diretamente sobre esta questão, em geral, considerámos as suas representações positivas. Contudo, em questões menos diretas sobre este mesmo assunto, nomeadamente “Quais os principais constrangimentos no trabalho colaborativo?”, constatámos a presença de representações menos positivas face ao trabalho de cada um, tendo sido verificado mais por parte dos educadores em relação ao trabalho dos professores. As afirmações que nos levam a evidenciar este aspeto são as seguintes: “ (...) o 1.º Ciclo achar que nós devemos trabalhar mais os meninos de acordo com o modelo deles e nós acharmos o contrário (...)” (C1 – PE); “ (...) o constrangimento de muitas colegas do 1.º Ciclo acharem que nós temos que fazer um bocadinho... eles chegam lá já com um bocadinho do trabalho delas feito (...)” (C2 – PE); “Muito os currículos delas! (...) Se calhar, seria importante o educador saber. Depois, a nível do comportamento. (...) Se calhar, se o educador já faz um trabalho. Se calhar, teria de ser continuado pela colega que o vai receber a seguir e, às vezes, dá-me ideia que não há essa articulação.”; “ (...) E elas não estarem tão focadas nos currículos, libertarem-se um bocadinho mais (...)” (C2 – PE)

Na presença destas últimas deduções e de acordo com a perspetiva de Marchão (2012), aludimos que não existe um trabalho mais importante que o outro. Tanto o educador como o professor têm um papel muito importante na vida das crianças, pois, segundo o mesmo autor, ambos são definidos como “alguém que ensina, alguém que tem a função de fazer aprender, de gerar e gerir processos de aprendizagem em contextos interactivos”.

Posto isto, é previsível que se os educadores e professores têm uma representação negativa face ao trabalho de cada um, pode dificultar o processo de transição das crianças para a escolaridade obrigatória, pois, as crianças com quem se relacionam poderão interiorizá-la, criando atitudes e expectativas também elas negativas e dificultadoras quer da sua adaptação quer da sua aprendizagem fase ao novo contexto educativo (Jodelet, 2001).

Relativamente ao 2.º objetivo “Conhecer algumas práticas/estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transição para o 1.º CEB”, de modo a concretizá-lo, procurámos conhecer algumas dessas práticas/estratégias utilizadas por estes profissionais de educação.

Segundo Serra (2004), existe um conjunto de estratégias que os profissionais de educação podem utilizar no processo de transição de forma a facilitá-lo. Assim sendo, quando inquiridos sobre a presença de estratégias implementadas na Instituição onde lecionam, no sentido de preparar as crianças para uma melhor transição para o 1.º CEB, a maioria dos participantes afirma a existência de estratégias, embora, uma parte considerável dos participantes ter ainda afirmado que só “às vezes” essas estratégias são implementadas.

Mediante as respostas dadas pelos profissionais, podemos verificar que a maioria das estratégias utilizadas são comuns nas diferentes Instituições, quer sejam públicas ou privadas. Através dos resultados das entrevistas e questionários podemos constatar que as práticas mais utilizadas são: As visitas dos alunos do PE ao 1.º CEB e vice-versa - “Ida ao 1.º CEB conhecer o espaço e rotinas.” (E PE), “Os alunos do 1.º ano recebem as crianças dos 5 anos, para que estes tenham um contacto com a realidade do 1.º CEB.” (P 1.º CEB), “Visitas dos mais velhos (1.º ciclo) ao Pré-Escolar com respostas às perguntas feitas.” (E PE); Seguido das reuniões entre os coordenadores do PE e 1.º CEB e os educadores dos 5 anos e professores titulares de turma - “Todos os alunos são “discutidos” e são transmitidas as estratégias que eram aplicadas no PE, de modo a terem algum tipo de continuidade no 1.º CEB (...). (P 1.º CEB).

Ainda como estratégias, embora referidas com menos frequência, estão também: O contato direto com os alunos do 1.º CEB (por estarem na mesma Instituição); A preparação de atividades em conjunto - “Ao longo do ano fazemos atividades conjuntas, como o dia de S. Martinho e outros dias.” (C4 – 1.º CEB); A realização de uma atividade com a coordenadora da escola; A visita dos professores titulares do 1.º ano - “Os próprios professores que depois vão agarrar as turmas do 1.º ano fazem essa visita ao PE para se darem a conhecer...” (C2 – 1.º CEB); As reuniões com os encarregados de educação; A nomeação dos padrinhos/madrinhas do 3.º ano para apoiarem as crianças que irão transitar para o 1.º ano de escolaridade; As provas de diagnóstico para os alunos que irão transitar para o 1.º ano e a realização de

atividades em sala de modo a preparar as crianças para o 1.º CEB - “Tento fazer um trabalho um bocadinho mais eles de se sentarem, fazerem uma atividade sozinhos, ali muito concentrados para os preparar, mais nesse sentido. Também um trabalho cooperativo, de eles saberem fazer um trabalho com o colega ao lado e partilharem as coisas (...).” (C2 – PE).

Partilhando da perspetiva de Gould (2012), é muito importante que os contextos educativos invistam tempo em planear atividades que prevejam o conhecimento do novo ambiente educativo e suas rotinas. No mesmo sentido, referindo-se à transição entre o PE e o 1.º CEB, Sim-Sim (2009), diz-nos que a criança deve ser preparada antecipadamente para não se sentir perdida no seu novo ambiente, pois a mesma perde um espaço conhecido, um profissional de referência, rotinas e hábitos instalados e a segurança perante o que conhece e lhe é habitual”.

Para concretizarmos o terceiro e último objetivo, “Perceber as conceções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entre os mesmos” procurámos perceber as conceções destes profissionais sobre o trabalho colaborativo entre si.

É muito importante que os educadores e professores se relacionem e planifiquem atividades conjuntas de forma a facilitar o processo de transição (Figueiredo, 2006). Desta forma, considerámos pertinente questionar os participantes do estudo sobre a presença de trabalho colaborativo na Instituição onde lecionam. Nas respostas obtidas por intermédio das entrevistas, é consensual a presença de trabalho colaborativo durante o processo de transição. Nas respostas obtidas através dos inquéritos por questionário, a maioria dos inquiridos (9 professores e 10 educadores) afirma que o trabalho desenvolvido é colaborativo. Contudo, um número considerável de inquiridos (4 professores e 3 educadores) classificou este trabalho como individual, o que é motivo de preocupação, pois, segundo Rodrigues (2005) a separação entre estes dois níveis de ensino, leva a uma descontinuidade de trabalho que promove nas crianças, à sua entrada na escola, um grande esforço de adaptação, nem sempre positiva.

Questionados sobre a importância atribuída ao trabalho colaborativo, todos os participantes do estudo atribuem uma grande importância a este tipo de trabalho, não colocando de parte o trabalho mais individual que também consideram importante,

pois, na perspectiva de Roldão (2007), é importante que quando se trabalha de forma colaborativa, também existam momentos individuais para que possam refletir, preparar e aprofundar o trabalho colaborativo no momento seguinte.

Todos os participantes deste estudo têm a noção que o trabalho colaborativo é importante e que traz inúmeros benefícios para as crianças e todos os intervenientes das Instituições e quando questionados sobre o nível de trabalho colaborativo existente entre os educadores e professores na Instituição onde lecionam, a maioria dos inquiridos foram unânimes nas suas respostas ao considerarem “suficiente”, embora na perspectiva de alguns participantes faça sempre falta mais “ (...) Só que às vezes, a gente fala do trabalho colaborativo, acaba por haver, mas faz sempre falta mais, só que também não há tempo, é difícil às vezes aprofundar mais.” Com esta afirmação, pudemos constatar que muitas vezes estes profissionais não desenvolvem uma prática de trabalho colaborativo mais frequente devido a algumas limitações também referidas por Pereira (2004), nomeadamente, a falta de tempo e a incompatibilidade de horários. Seguido do desinteresse, da falta de motivação, da falta de incentivo e compreensão e o facto de o JI não estar na mesma Instituição que o 1.º CEB.

Quando inquiridos sobre as maiores dificuldades que sentem no trabalho colaborativo com os colegas do PE (no caso dos professores) e com os colegas do 1.º CEB (no caso dos educadores), indo ao encontro da questão anterior, a maior dificuldade que se destaca é a “falta de tempo” ou “o desfasamento de horários”.

Em relação aos professores, foram ainda apresentadas outras dificuldades: “ideias divergentes entre educadores e professores; falta de abertura por parte dos profissionais; falta de comunicação entre os educadores e professores; pouca receptividade dos colegas do PE e a diferença da dinâmica de trabalho do PE e 1.º CEB”. Em relação aos educadores, foram apresentadas como dificuldades: “falta de vontade, o PE e 1.º CEB não estarem no mesmo edifício e o pouco conhecimento do trabalho realizado no PE”.

Tendo em vista estas dificuldades e de maneira a melhorar o trabalho colaborativo, as Instituições poderiam criar mais oportunidades para que os educadores e professores tivessem oportunidade de participar, com maior frequência, em trabalhos colaborativos, nomeadamente na disponibilização/organização dos

horários, espaços e recursos que permitam aos profissionais a possibilidade de estarem tempos juntos de modo a apoiar-se e apoiar outros, partilhar experiências e aprender. Sendo que estas práticas deverão ser também acolhidas por uma motivação pessoal por parte dos profissionais de educação (Zabalza, 1998).

Posto isto, concluímos que para a existência de trabalho colaborativo é indispensável a presença de diversos fatores muito importantes, nomeadamente o tempo disponível, o respeito, o diálogo e a confiança entre os profissionais (Alarcão e Canha, 2013). Relativamente aos fatores que os profissionais do estudo consideram mais importantes para que o trabalho colaborativo entre educadores e professores se desenvolva da melhor maneira possível, destacam-se três: “Disponibilidade de tempo, motivação e horário compatível”. Na perspetiva dos mesmos, temos ainda outros aspetos muito importantes e que vão ao encontro da literatura. Para estes profissionais é importante que haja entre os professores e os educadores: “disponibilidade, vontade, empenho, espaço adequado e respeito”. É importante também “o conhecimento do currículo dos professores por parte dos educadores, o professor dar continuidade ao trabalho desenvolvido pelo educador no PE (articulação), a existência de mais reuniões entre educadores e professores e mais trabalho colaborativo e os professores serem mais flexíveis em termos de currículo.

Conclusões e Considerações finais

Neste último capítulo, faremos um balanço final de todo o trabalho de investigação, refletindo sobre a importância do mesmo e do seu contributo para o desenvolvimento, nomeadamente a nível pessoal e profissional. De seguida, daremos resposta aos objetivos definidos no início deste estudo, tendo em conta os dados recolhidos e analisados por intermédio de dois instrumentos de recolha de dados. Por fim, faremos referência a algumas limitações encontradas na realização deste estudo, bem como a possíveis investigações que se possam desenvolver a partir deste trabalho.

Este estudo surgiu essencialmente pela consciência da importância e valor atribuído ao momento de transição na vida das crianças e como futura profissional de educação, tive um interesse pessoal em aprofundar este assunto que será relevante na minha futura prática pedagógica.

O processo de transição é sem dúvida um processo complexo. Desta forma, cada vez se dá mais atenção e valor a este momento, devendo este ser bem pensado e realizar-se de forma harmoniosa (Bento, 2007).

Com este estudo, procurámos conhecer a perspetivas e práticas dos profissionais de educação, nomeadamente os coordenadores, educadores e professores sobre o processo de transição e o trabalho colaborativo entre educadores e professores. Para cumprirmos os nossos objetivos, primeiramente realizámos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em estudo. De seguida, desenvolvemos uma investigação com uma metodologia mista que nos permitiu efetuar a recolha de dados através da realização de entrevistas aos coordenadores do PE e 1.º CEB e da aplicação de inquéritos por questionário a educadores do PE e professores do 1.º CEB. Posteriormente, fizemos o tratamento e a análise de dados recorrendo à análise de conteúdo e à análise estatística, comparando-os e confrontando-os com a teoria.

Após a análise e cruzamento das perspetivas dos participantes do estudo, concluímos que:

1) Relativamente ao primeiro objetivo estipulado, “Perceber as conceções dos educadores e professores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB” verificou-se que todos os participantes do estudo têm consciência da grande

importância do processo de transição entre o Pré-Escolar e o 1.º CEB. Contudo, de acordo com Castro e Rangel, (2004), este processo de transição e integração para o 1.º CEB nem sempre é simples. Deste modo, esta transição deve ser feita de forma harmoniosa e reflexiva por parte dos profissionais de educação, tornando-se assim necessário, entre outros fatores, a existência de uma comunicação entre ambos (Marchão 2012) e uma representação positiva face ao trabalho de cada um (Jodelet, 2001). O que através das perceções dos inquiridos, nem sempre se verificou.

2) Relativamente ao segundo objetivo, “Conhecer algumas práticas/estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transição para o 1.º CEB” verificou-se a existências de práticas comuns desenvolvidas nas instituições, quer sejam públicas ou privadas, com vista a facilitar o processo de transição, sendo as mais frequentes “a visita dos alunos do PE para o 1.º CEB e vice-versa” e “as reuniões entre os coordenadores do PE e 1.º CEB, os educadores dos 5 anos e professores titulares de turma do 1.º CEB”.

3) Relativamente ao terceiro e último objetivo traçado, “Perceber as conceções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entre os mesmos” constatamos que, em geral, as opiniões são unânimes no que respeita à presença de trabalho colaborativo nas diferentes Instituições. Os profissionais presentes no estudo atribuem importância ao momento de colaboração, manifestando interesse em colaborar. Desta forma, encontram-se envolvidos em práticas colaborativas e consideram a promoção do trabalho colaborativo na Instituição onde lecionam suficiente. Contudo, tendo em conta a análise dos dados, constatámos que a maioria destes momentos colaborativos são “pontuais” e não muito frequentes, devendo-se a diferentes fatores, nomeadamente a falta de tempo e a incompatibilidade de horários entre educadores e professores, o que dificulta o trabalho de colaboração.

Com este estudo, alargámos o nosso conhecimento relativamente às práticas utilizadas nas diferentes Instituições no processo de transição das crianças do PE para o 1.º CEB e percebemos qual as perceções dos educadores e professores que constituem a amostra no que se refere ao momento de transição e ao trabalho colaborativo.

Relativamente às limitações do estudo, podemos evidenciar a pouca informação encontrada sobre o processo de transição; o facto da nossa amostra ser

pouco representativa pelo que não pode ser extrapolada para outros contextos/populações. No entanto, as reflexões suscitadas foram bastante enriquecedoras dada a sua relevância. Outra limitação prende-se com o facto de alguns inquiridos, deixarem os inquéritos ou algumas questões dos inquéritos em branco, o que, de certa forma, nos limitou a análise dos dados.

Como melhoria ou pesquisa futura, seria interessante dar continuidade a este trabalho, alargando o número da amostra, tornando-a representativa e criando estratégias que as Instituições pudessem utilizar de modo a melhorar ou facilitar o processo de transição e o trabalho colaborativo entre os educadores e professores.

Se o momento de transição é um momento significativo na vida das crianças e o trabalho colaborativo entre os profissionais de educação contribui para um melhor processo de transição, é de extrema importância direccionar a nossa atenção para estes aspetos e proporcionar aos educadores e professores os momentos e condições necessárias para a sua execução.

Referências bibliográficas

- Alarcão, I. & Canha, B. (2013). Supervisão e colaboração: Uma relação para o desenvolvimento. Porto: Porto Editora.
- Bardin. (2008). Análise de conteúdo. Lisboa. Edições 70.
- Bento, A. V. (2007). Efeitos das transições de ciclo e mudanças de escola. In J. M. Sousa & C. N. O. Fino (Eds.). A escola sob suspeita. Porto: Edições Asa.
- Boavida, A. M., & Ponte, J. P. (2002). Investigação colaborativa: potencialidades e problemas. In GTI (Org.), Reflectir e investigar sobre a prática profissional (pp. 43-55), Lisboa.
- Bogdan, R. & Bicklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos. Coleção Ciências da Educação, n.º 12. Porto: Porto Editora.
- Castro, T. G., & Rangel, M. (2004). Jardim de Infância! 1.º ciclo, aprender por projetos: continuidades e descontinuidades. Infância e Educação. Porto: Porto Editora.
- Dicionário da Língua Portuguesa. (2003). Porto: Porto Editora.
- Doise, W. (1990). Les représentations sociales. In R. Ghiglione, C. Bonnet & J-F. Richard (Eds). Traité de psychologie cognitive (pp. 111-174). Paris: Dunod.
- Fabian, H. & Dunlop, A-W. (2007). Informing transitions in the early year. Research. Policy and practice. London: Open University Press.
- Figueiredo, M. (2006). Articulação Curricular. Lisboa: Projeto Bola de Neve.
- Flick, U. (2002). Na introduction to qualitative research. Londres: SAGE Publications.
- Gilly, Michel. (2001). As representações sociais no campo da Educação. In: Jodelet, Denise. As representações sociais.
- Little, J. (1990). The persistence of privacy: Autonomy and invariable in teachers professional relations. Teachers college record, 91.
- Machado, J. (2007). “A transição entre níveis e ambientes educativos requer continuidade e coerência pedagógica entre o jardim e a escola e entre os respetivos docentes.” Pátio Educação Infantil, ano V, N.º14, 15-16.

Marchão, A. (2002). Da formação de educadores e professores aos processos de construção e gestão do currículo nas 1^{as} etapas da educação básica (Educação Pré-Escolar, 1^o ciclo). *Aprender*, 26, 33-40.

Marchão, A. (2012). No jardim de infância e na escola do 1.^o Ciclo do Ensino Básico: Gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico. Lisboa: Edições Colibri.

Ministério da Educação. (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Departamento da Educação Básica/Núcleo da Educação Pré-Escolar.

Moscovici, S. (1981). On social representations. In: J. P. Forgas (Ed.). *Social Cognitions: perspectives on everyday understanding* (pp.181-209). London: Academic Press.

Nabuco, M. E. (1992). Transição do Pré-Escolar para o Ensino Básico. Lisboa: Inovação, S. 1. Vol. V (1), pp. 81-93.

Pereira, F., Costa, N., & Neto Mendes, A. (2004). Colaboração docente na gestão do currículo: O papel do departamento curricular. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Ponte, J. P.; Serrazina, L. (2002). “O professor como investigador”, da Associação Professores de Matemática”. *Revista de Educação Matemática*, Vol. 11, Nº 20, Julho-Agosto 2003.

Quivy, R. & Compenhoudt, L. (1998). Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva.

Reis, F. L. (2010). Como elaborar uma dissertação de Mestrado segundo Bolonha. Lisboa: Pactor.

Rodrigues, M. (2005). Do jardim de infância à escola: estudo longitudinal duma corte de alunos. *Interações*, nº1, 7-24. Santarém. ESSE de Santarém.

Roldão, M. (2007). “Colaborar é preciso: questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores,” in Dossier: Trabalho colaborativo dos professores, *Revista Noesis*, n.º71.

Rous, B., Myers, C. & Strickklin, S. (2007). Strategies for supporting transitions of young children with especial needs and their families. *Journal of Early Intervention*, 30 (1). (pp.1-18).

Rous, B.S. & Hallam, R.A. (2006). Tools for transition in early childhood. A step by step for agencies, teachers & families. Baltimore: Paul, H. Brooks publishing.

Serra, C. (2004). Currículo na Educação Pré-Escolar e Articulação Curricular com o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Porto: Porto Editora

Silva, A. (2011). As características da articulação desenvolvida pelos professores do ensino regular com os de educação especial. Tese de Mestrado em Ciências de Educação.

Sim-Sim, I. (2009). O ensino da leitura: a decifração. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim, I. (2010). Pontes, desníveis e sustos na transição entre a educação pré-escolar e o 1.º ciclo da educação básica. Coimbra: Exedra.

Sousa, Alberto B. (2009). Investigação em Educação. 2.ª edição. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, M. J; Baptista, C. S. (2011). Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios. Edições Pactor.

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A.S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.) – Metodologia das ciências sociais (pp. 101 – 128). Porto: Afrontamento.

Vala, J. (2000). Representações sociais e a psicologia social do pensamento quotidiano. In: J. Vala e M. Monteiro (Orgs.). Psicologia social. Fundação Calouste Gulbenkian (3ª Edição). Lisboa.

Vasconcelos, T. (2007). Transição Jardim-de-Infância – 1.º Ciclo: Um Campo de Possibilidades. Cadernos de Educação de Infância n.º81, 44-46.

Zabalza, M. (1998). Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artemed.

Anexos

Anexo 1 – Guião da entrevista aos coordenadores do 1.º CEB e PE

Blocos	Objetivos	Tópicos de perguntas	Observações
1. Legitimação/motivação da entrevista	1.1. Apresentação do entrevistador; 1.2. Informar o entrevistado sobre a finalidade da entrevista: Conhecer as perceções e práticas dos coordenadores do 1.º CEB sobre o processo de transição e o trabalho colaborativo; 1.3. Motivar o entrevistado para colaborar, referindo a sua importância para o estudo; 1.4. Garantir a confidencialidade dos dados obtidos e o anonimato do entrevistado; 1.5. Obter autorização para a utilização de um suporte áudio para o registo da entrevista.		Estudo sobre o trabalho colaborativo entre educadores e professores na transição para o 1.º CEB
2. Caracterização geral do entrevistado	2.1. Reunir informação sobre a formação e o percurso profissional do entrevistado, em contextos educativos.	Gostaria que me falasse da sua formação e do seu percurso profissional. - Qual a sua formação académica? - Há quanto tempo trabalha nesta	

		<p>Instituição?</p> <p>- Há quanto tempo exerce o cargo de Coordenador do 1.º CEB?</p>	
<p>3. Percepções dos coordenadores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB</p>	<p>3.1. Conhecer as percepções do entrevistado sobre a importância que atribui ao processo de transição para o 1.º CEB;</p> <p>3.2. Inquirir sobre a comunicação estabelecida entre os educadores e professores no processo de transição.</p>	<p>- Que importância atribui ao processo de transição entre o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo?</p> <p>- Considera que os professores e educadores estabelecem uma comunicação entre si de forma a contribuir para um processo positivo de transição?</p>	
<p>4. Práticas na transição para o 1.º CEB</p>	<p>4.1. Identificar estratégias implementadas na transição para o 1.º CEB;</p> <p>4.2. Conhecer o trabalho desenvolvido na transição para o 1.º CEB.</p>	<p>- Que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º CEB?</p> <p>- Nesta Instituição, existe algum trabalho sistemático e organizado com a finalidade de auxiliar as crianças na transição para o 1.º CEB? Se sim, como se desenvolve esse trabalho?</p>	<p>Pedir para referir como é desenvolvido esse trabalho</p>

5. O trabalho colaborativo no processo de transição	<p>5.1. Conhecer o trabalho colaborativo desenvolvido pelos educadores e professores no processo de transição;</p> <p>5.2. Identificar as principais finalidades desse trabalho.</p>	<p>- Que trabalho colaborativo é desenvolvido pelos professores e educadores na transição das crianças para o 1.º CEB?</p> <p>- Quais as principais finalidades desse trabalho?</p>	
6. Percepções dos coordenadores sobre o trabalho colaborativo	<p>6.1. Conhecer as percepções do entrevistado sobre a importância do trabalho colaborativo entre educadores e professores;</p> <p>6.2. Conhecer as percepções do entrevistado sobre a promoção do trabalho colaborativo na Instituição;</p> <p>6.3. Averiguar a presença de trabalho colaborativo entre educadores, professores e famílias;</p> <p>6.4. Averiguar o tipo de trabalho desenvolvido na transição para o 1.º CEB;</p> <p>6.5. Reconhecer a opinião do entrevistado sobre a influência do trabalho colaborativo no processo de transição</p> <p>6.6. Identificar os momentos letivos com maior</p>	<p>- Considera importante o trabalho colaborativo entre professores e educadores? Se sim, em que aspectos? Se não, justifique a sua afirmação.</p> <p>- Considera que ao nível do Pré-Escolar e do 1.º CEB se promove o trabalho colaborativo? Se sim, de que forma? Se não, porquê?</p> <p>- Na sua percepção, nesta Instituição, existe trabalho colaborativo entre professores e educadores? E entre professores? E</p>	<p>Pedir para exemplificar</p> <p>Pedir para exemplificar</p>

		mais importantes para que esse trabalho colaborativo se desenvolva da melhor maneira possível nesta Instituição?	
7. Agradecimentos	7.1. Agradecer a colaboração e disponibilidade do entrevistado para a realização da entrevista.	Terminámos a nossa entrevista e, mais uma vez, agradeço a sua colaboração e disponibilidade. Muito obrigada!	

Anexo 2 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 1 do 1.º CEB

Data – Quarta-feira, 8 de maio de 2019

Para iniciar a nossa entrevista gostaria que me falasse um pouco da sua formação e do seu percurso profissional. Qual a sua formação académica?

Tenho Mestrado. Fiz Licenciatura em Educação Física e depois Mestrado em Gestão de Desporto.

Há quanto tempo trabalha nesta Instituição?

Aqui estou há 23.

Há quanto tempo exerce o cargo de Coordenador(a) do 1.º CEB?

Dou aulas há 25 anos. Fui diretor de turma 19 anos no 2.º ciclo, e este é o meu 2.º ano de coordenação do 1.º ciclo.

Agora em relação à transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo. Que importância atribui a esse processo de transição?

Nós temos 4 anos. De 3 em 3 anos, geralmente, 99% dos alunos passam do Pré-Escolar para o 1º CEB. De 4 em 4 anos, temos uma turma nova que vem de fora, que é o caso deste ano dos que estão no 1.º ano. E, notamos realmente que os alunos que vêm dos 5 anos, devido à informação toda que é passada, alguns registos e conversas que têm com os pais, é muito importante esta transição. Nós começamos logo a perceber porque a maior parte das situações que acontecem, acontecem a partir do 2.º ano, dislexias e outros problemas. Mas a partir do 1.º ano, já se começa a perceber assim algumas... alguns desvios que eles possam ter. No final do ano letivo, há sempre uma reunião entre a coordenadora e o coordenador e entre as educadoras e professores titulares de turma que vão receber os alunos.

Os coordenadores do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo?

Sim. Estamos sempre todos presentes... a coordenadora, o coordenador e as 2 educadoras que largam os meninos e os 2 ou 3 professores que pegam nos miúdos do 1.º ano. E há uma conversa, onde são passados os casos que elas acham que as vão preocupar porque sentem que há ali alguma... ou não predisposição para a escola ou a questão de regras ou, às vezes, a questão familiar.

E isso é feito mesmo no início dessa transição ou é feito antes?

No final do ano letivo. É feito em duas partes, é feita no final de junho, mas depois em setembro, quando se passam as turmas, é aquela conversa mesmo...

Considera que os professores e educadores estabelecem uma comunicação entre si de forma a contribuir para um processo positivo de transição?

Sim, sim, sim! Apesar de que este não é um processo só daquela altura, ou seja, nós aqui temos como tradição, o mês de maio é o mês de transição, quer seja do PE para o 1.º CEB, quer seja do 4.º ano para o 5.º ano. Ou seja, tal como os meninos do 4.º ano estão a assistir a algumas aulas do 5.º ano, nós temos já algumas atividades deste lado. Há meninos do 1.º ciclo (3.º ano) que vão explicar o que é que é o 1.º ciclo e depois os meninos dos 5 anos é que vão de visita as próximas 2 semanas. Em alguns dias vêm ao 1.º ciclo e vêm ver os meninos do 1º ano. Vêm cá. mostra-se o espaço, a zona da piscina, a zona do ginásio, as salas... porque aqui é tudo diferente. Eles começam a ter cadeiras com mesas, um quadro, pronto.

Que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º CEB?

As estratégias, basicamente, é a passagem dos casos, algumas reuniões com educadores e professores. Já tivemos algumas reuniões até com pais porque alguns pais são muito ansiosos e há muitos mais que ficam muito preocupados porque nos últimos três anos houve uma grande alteração nos conteúdos e matérias do 1.º ciclo. Não só a nível do 3.º ano, que realmente é muito complicado, mas ao nível do 1.º ano. Se há 5 anos atrás, por exemplo, o 1.º ano tinha que contar até vinte, agora tem de contar até 100. As letras, os ditongos e outros casos. Tudo isto alterou-se muito e o que nós sentimos muitas vezes é que os pais vêm muito ansiosos, e quem tem irmãos mais velhos então já passou por isso, mais ansiosos ficam. Se já foi um bocadinho difícil no passado agora então... Mas temos, temos várias sessões, várias reuniões. Há uma sessão até lá em cima, na sala de conferências onde está reunida a direção e os pais para explicar como é que vai ser a transição, como é que vai ser a passagem.

Nesta Instituição, existe algum trabalho sistemático e organizado com a finalidade de auxiliar as crianças na transição para o 1.º CEB?

Sim.

Como se desenvolve esse trabalho?

No gabinete de psicologia, as duas psicólogas escolares, a do Pré-Escolar e a do 1.º Ciclo, começam a trabalhar em janeiro na transição. É feito o planeamento, é feita a

reunião com os coordenadores e com os professores onde é delineado tudo o que é para fazer. Os vários casos, os dias que os meninos vêm ao 1.º ciclo, os dias que os meninos vão ao Pré-Escolar... Mas colocamos muito na base da parte das duas psicólogas exatamente porque elas como trabalham com todos os alunos, conseguem definir ali algumas estratégias.

Mas trabalham com eles de que forma?

Em sala de aula também. Não sei dizer em relação ao Pré-Escolar, mas no 1.º ciclo a psicóloga vai muitas vezes à sala ver o comportamento dos alunos e definir algumas estratégias, até porque o que nós reparamos é que, ultimamente, eles cada vez mais vêm menos dispostos a estarem... ou seja, o nível de atenção começa a reduzir drasticamente.

E demoram muito tempo a adaptar-se?

Por exemplo, quando vem uma turma de fora (que aconteceu este ano) demora sempre mais um bocadinho porque não há regras. Este ano, por exemplo, houve muitos que não fizeram o Pré-Escolar na escola, vieram dos avós, ou seja, há aqui muita regras que tiveram que, de repente, tipo injeção! Quem vem de fora é um choque muito grande...

Agora vamos passar para o próximo ponto, o trabalho colaborativo. Que trabalho colaborativo é desenvolvido pelos professores e educadores na transição das crianças para o 1.º CEB?

Basicamente o trabalho é a passagem de informação, é realizar estratégias. A meio de novembro, porque já os conhecemos há 2 meses, existe uma reunião entre nós e o Pré-escolar onde transmitimos ao Pré-escolar: “Olha, estes meninos vêm desta maneira...”. Até porque isto no 1.º ciclo está a mudar tudo. A própria coordenadora também nos pede ajuda para ela lá saber como é que os tem que trabalhar para minimizar um bocadinho o choque. E muitas vezes é isto. E depois, no final do ano, também fazemos uma espécie de retrospectiva e analisamos o que correu bem, o que correu mal e damos o feedback às educadoras dos aspetos que se podem focar mais em relação às crianças. As próprias educadoras dizem: “Este é um grupo que vem muito agitado, muito dinâmico, ou um grupo que é muito intelectual e cada vez mais aparecem miúdos que têm inteligências múltiplas”. E ao mesmo tempo que eles têm menos tempo de atenção nós notamos que eles também têm mais interesses.

94 **Claro!**

95 **Quais as principais finalidades desse trabalho?**

96 Passar a informações necessárias que ajudem numa melhor transição dos alunos.

97 **Considera importante o trabalho colaborativo entre professores e educadores?**

98 Sim, é muito importante! Então numa escola destas, os alunos... quem está aqui desde
99 os 3 até aos 18 anos, está 15 anos, entra aos 3 e sai no 12.º. Toda a informação é
100 passada pelos vários ciclos, e muitas vezes há muita coisa que o diretor de turma
101 quando recebe a informação e tem logo o acesso a várias informações, quando faz o
102 seu plano de trabalho para aquele aluno, por vários motivos (pode ser familiar, pode
103 ser de qualquer tipo). Não é algo que é estanque, é só o Pré-Escolar, é só o 1.º ciclo, o
104 2.º ciclo, não! Há sempre uma passagem de informação. Logicamente, eles também
105 vão crescendo, vão evoluindo. Às vezes positivamente, às vezes nem por isso, mas há
106 um trabalho continuado.

107 **Considera que ao nível do Pré-Escolar e do 1.º CEB se promove o trabalho**
108 **colaborativo?**

109 Sim.

110 **De que forma?**

111 Cada vez mais há atividades interligadas onde as instalações em alguns dias, por
112 exemplo, no dia da mãe, no dia do pai, vêm cá buscar professoras para fazerem
113 atividades com as mães, até para as mães perceberem como é que as pessoas são
114 deste lado. Porque há aquela coisa “O meu filho agora vai para o 1.º ano e agora?”.
115 Primeiro, quem é a professora? O que é que dão? o que é que fazem? se vai ser muito
116 difícil, se há trabalhos de casa... Isto tudo mexe muito com a dinâmica familiar.

117 **Exatamente...**

118 **Na sua perceção, nesta Instituição, existe trabalho colaborativo entre professores e**
119 **educadores?**

120 Sim, sim, sim.

121 **Muito, pouco...**

122 Muito, porque até em várias atividades nós temos ações de formação em que a
123 própria realização dos grupos é realizada de forma a que haja pelo menos um grupo de
124 cada ciclo, que é para o secundário não trabalhar só coisas do secundário. Porque é

125 importante que os professores do 3.º ciclo percebam a realidade do 2.º e dos 1.º ciclos
126 quer do secundário, tal como os professores do 1.º ciclo percebam como é que eles
127 quando crescem chegam ao secundário, o que é que eles fazem lá. E é importante esta
128 comparação de realidades. Muitos crescem e a cabeça fica no 1.º ciclo... (risos)

129 **Mais em relação aos educadores ou...**

130 Não, não, é tudo! Educadores, professores, todos! É uma escola em que, desde
131 setembro até julho, nós acabamos o ano com uma troca de ideias entre nós e uma
132 Instituição da mesma rede, em que nós vamos lá e nos reunimos. Na parte da manhã,
133 reunimo-nos todos e na parte da tarde reunimo-nos por grupos, ou seja, o 1.º ciclo
134 reúne-se com o 1.º ciclo de lá e trocamos ideias, falamos. Depois, temos as jornadas
135 pedagógicas em janeiro. Por exemplo, são convidadas várias pessoas. Vão lá vários
136 colégios, várias escolas e onde nós temos a mesma sequência.

137 **E entre professores? Existe também esse trabalho colaborativo?**

138 O nosso trabalho é colaborativo, é mesmo... é algo que é feito em par pedagógico.

139 **É mesmo necessário...**

140 É mesmo necessário! Cada ano os professores titulares de turma têm uma hora por
141 semana para fazer o seu trabalho pedagógico onde eles delimitam aquilo que é para
142 fazer na sua planificação. É um trabalho que é muito bem feito. É um trabalhar
143 também para os projetos onde os miúdos estão super autónomos, trabalham muito
144 bem e foi um desafio que para mim foi ganho. Temos também diversas formações ao
145 longo do ano, quer na escola, quer exteriores onde nós somos “obrigados” mesmo a
146 trabalhar em grupo.

147 **O ponto principal são os professores e educadores, mas entre professores e famílias?**

148 **Existe também esse trabalho colaborativo?**

149 Sim. É uma escola em que os pais ainda vêm cá à escola, podem entrar na escola para
150 levar as mochilas aos cacifos dos meninos... Se um pai aparece aqui mesmo não tendo
151 a reunião marcada com o professor, há sempre 5/10m para falar, não é estanque. Até
152 nos próprios e-mails, é raro um professor que não responda no mesmo dia.

153 **Analisando o trabalho desenvolvido pelos professores e educadores na transição das**
154 **crianças para o 1.º CEB, classifica-o como individual, colaborativo ou outro? Dê**
155 **exemplos de aspetos em que isso é visível.**

156 É assim, o trabalho até aos 5 anos é um trabalho individual das educadoras em sala de
157 aula, mas depois a passagem é colaborativa. Ou seja, nós dependemos muito da
158 informação que nos vem, que nos chega, apesar deles (as crianças) depois se
159 transformarem e, às vezes, dos 5 anos para o 1.º ano quando as educadoras às vezes
160 os encontram dizem “Ah! Não tem nada a ver com o que ele era...”, às vezes as férias
161 fazem... eles crescem muito. Nós ligamos muito aquilo que nos dizem porque tiveram
162 a trabalhar com eles durante 3 anos e conhece-os melhor. Nós depois ficamos a
163 conhecê-los melhor porque estão aqui 4 anos connosco, mas naquela altura... E, às
164 vezes, há situações que nós já sabemos alguns antecedentes e lidamos logo de
165 maneira diferente. Porque ao mesmo tempo que as regras e as normas são para todos,
166 depois, há uns casos que nós se já soubermos ou se obtivermos alguma informação
167 antecipada podemos definir alguma estratégia.

168 **Considera que o desenvolvimento do trabalho colaborativo entre os educadores e**
169 **professores se reflete numa boa transição das crianças para o 1.º CEB?**

170 Sim, sim, sim.

171 **Em que aspetos? Ou de que forma?**

172 Naqueles que a gente já falou... Temos o prévio conhecimento deles, apesar deles
173 depois, como eu já disse, eles modificam, eles crescem, mas pronto, temos ali uma
174 base. Muitas vezes, é saber que aquela criança é daquela maneira exatamente porque
175 aconteceu algo e temos estratégias e planificamos já como é que vamos interagir com
176 eles ou como é que vamos começar, porque às vezes quando damos 1 ou 2 abraços no
177 início conquistamos a criança e temos tudo ganho

178 **Em que momentos letivos considera haver mais trabalho colaborativo entre**
179 **professores e educadores?**

180 É assim, o trabalho colaborativo devia acontecer o ano inteiro, não acontece porquê?
181 Porque nós já definimos pontos-chave, ou seja, no final do ano, em junho: começar a
182 preparar a transição; no início de setembro: reunião em que fazemos a transição e
183 falamos tudo; e depois, a partir do início de maio: começamos a preparar o próximo
184 ano letivo. Em que começa outra vez aquela colaboração entre o Pré-escolar e o 1.º
185 Ciclo na passagem. Por isso, ao longo do ano, não achamos assim necessário. Nós já
186 definimos algumas datas, são pontos-chave e tem resultado muito bem. Logicamente
187 estas datas são sempre avaliadas de ano para ano, exatamente devido aos períodos.

188 Este ano o mês de maio é um mês, um 3.º período muito pequenino e houve coisas
189 que tivemos que antecipar para o final do 2.º porque senão, no mês de maio, não
190 conseguiríamos fazer. Quando os três períodos são mais ou menos “ela por ela” já
191 conseguimos, mas isso é uma avaliação que é feita anualmente.

192 **Na sua opinião, quais são os principais constrangimentos nesse trabalho**
193 **colaborativo?**

194 O maior constrangimento mesmo é em termos de horários. Como são faixas etárias
195 muito próximas, mas diferentes, às vezes o difícil é arranjar aqui a hora que seja
196 comum a todos e depois as dinâmicas são diferentes. Nós trabalhamos das 8h50 até às
197 17h, ou seja, as educadoras para se reunirem connosco têm que estar sempre à espera
198 das 17h. O constrangimento é só por causa dos horários, mais nada.

199 **Quais os aspetos que considera mais importantes para que esse trabalho se**
200 **desenvolva da melhor maneira possível nesta Instituição?**

201 Confiança, respeito e profissionalismo.

202 **Isso é a base mesmo...**

203 Eu acho que sim! Nunca olhar para trás e dizer que isto está assim porque a pessoa fez
204 isto desta maneira.

205 **Colocar culpas...**

206 Exatamente! Porque hoje em dia existe muitas janelas... a parte familiar hoje em dia é
207 muito importante.

208 **Claro...**

209 E acho que nos colégios sente-se mais no que na pública... Os pais estão sempre à
210 espera que os miúdos sejam todos doutores e cada vez mais sentimos que as crianças
211 não... e depois não é fácil explicar aos pais que ele vai ser muito feliz mas que se calhar
212 não vai ser o médico que o pai quer que ele seja.

213 **É verdade!**

214 **Ok! Então é tudo... obrigada!**

215 Nada!

Anexo 3 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 2 do 1.º CEB

Data – Quarta-feira, 15 de maio de 2019

Vamos iniciar a nossa entrevista e gostaria que me falasse um pouco sobre a sua formação e o seu percurso profissional. Qual a sua formação académica?

Tenho Licenciatura em Professores do 1.º CEB.

Há quanto tempo trabalha nesta Instituição?

Há 17 anos.

Há quanto tempo exerce o cargo de Coordenador (a) do 1.º CEB?

Há 10 anos! (risos)

Ok... Agora em relação à transição entre o Pré-Escolar e o 1.º CEB. Que importância atribui a esse processo de transição?

Eu acho fundamental. Nós aqui no Externato fazemos sempre esta transição com reuniões com as educadoras. Os alunos do PE visitam os alunos do 1.º CEB, pronto, para fazerem as questões, colocarem as dúvidas que eles têm, conhecer o espaço e as rotinas. Os próprios professores que depois vão agarrar as turmas do 1.º ano fazem essa visita ao PE para se darem a conhecer...

E quando é que é feita essa visita?

No final do ano letivo. Que é quando eles começam a ter mais curiosidade em saber, começam a ficar mais despertos na transição.

E todos os anos fazem isso?

Todos os anos. Desde que eu trabalho cá que há sempre esta transição.

Ok! Segunda questão... Considera que os professores e educadores estabelecem uma comunicação entre si de forma a contribuir para um processo positivo de transição?

Sim, existe. Elas (educadoras) também já estão habituadas porque isto é cíclico. Acabam por se conhecer sempre os professores. Há professores que têm mais afinidade e acabam, às vezes, por colocar mais questões. Depois há educadores que não tem tanta afinidade com outros professores e são mais distantes, mas funciona bem.

Que estratégias são implementadas na transição das crianças do PE para o 1.º CEB?

Além dessa visita do PE para o 1.º CEB, que outras estratégias são implementadas?

30 Já aconteceu haver reuniões entre nós para elas saberem o que é que estamos à
31 espera que os alunos, quando chegarem ao 1.º ciclo, sejam capazes de fazer. Acho que
32 isso é fundamental. E já há uns dois anos, reunimo-nos todas com a direção
33 precisamente para nós também darmos um bocadinho a perceção daquilo que a gente
34 sente que os miúdos têm dificuldade para elas também poderem trabalhar um
35 bocadinho mais.

36 **Nesta Instituição, existe algum trabalho sistemático e organizado com a finalidade de**
37 **auxiliar as crianças na transição para o 1.º CEB?**

38 Sim, o gabinete de psicologia faz isso com os meninos do Pré-Escolar. Vai lá falar com
39 eles sobre o que é que é esta transição para o 1.º Ciclo. Além de que com os pais faz
40 um panfleto que distribuem sempre aos pais para falar desta transição, das dúvidas
41 que os pais têm. Esta questão de não colocarem nas crianças uma ansiedade muito
42 grande na
43 transição para o 1.º Ciclo. Sim, é feito.

44 **Agora em relação ao trabalho colaborativo. Que trabalho colaborativo é**
45 **desenvolvido pelos professores e educadores na transição das crianças para o 1.º**
46 **CEB?**

47 Aquilo que já referi anteriormente... as reuniões entre os professores e os educadores,
48 as visitas dos alunos do PE para o 1.º CEB, as visitas dos professores do 1.º CEB ao PE...

49 **Quais as principais finalidades desse trabalho?**

50 Para já, a boa integração das crianças no novo ciclo de ensino. Que eles venham com
51 uma expectativa que vai ser bom e que não é “Ai que agora vão ter trabalhos de casa,
52 que não podem brincar”, é tentar desmistificar um bocadinho essa ideia. Que é uma
53 coisa boa, é uma nova etapa, vão crescer, vão aprender a ler, vão escrever, vão
54 aprender novas coisas. Quer dizer, é uma diferença boa, não é uma coisa negativa.
55 Tentamos muito tirar essa ideia, daí que eles vêm às nossas salas fazer as perguntas de
56 dúvidas que trazem e colocá-las aos meninos que agora estão no 1.º ano. E perguntam
57 sempre se têm muitos trabalhos de casa, se conseguem brincar...

58 **Claro! Aquela curiosidade inicial...**

59 Pronto, parece que vêm para o 1.º Ciclo e isso tudo acaba. Tirar um bocadinho essa
60 ideia. Mas tem funcionado bem e tem resultado.

61 **Considera importante o trabalho colaborativo entre professores e educadores?**

62 Sim!

63 **Em que aspetos?**

64 Na troca de experiências principalmente, é o que eu acho. Acho muito que eles não
65 têm ideia do que é a chegada ao 1.º ciclo, o que é exigido a estas crianças e temos que
66 ser um bocadinho transparentes nisso porque é uma grande mudança e alguns miúdos
67 tem muita dificuldade nessa adaptação, tudo! Regras, o estar sentado...

68 **Estão habituados a uma coisa no pré-escolar e de repente...**

69 Também! Não tem nada a ver... Só que às vezes, a gente fala do trabalho colaborativo,
70 acaba por haver, mas faz sempre falta mais, só que também não há tempo. É difícil às
71 vezes aprofundar mais.

72 **Considera que ao nível do Pré-Escolar e do 1.º CEB se promove o trabalho**
73 **colaborativo?**

74 Sim, sim. Aqui no Externato sim.

75 **De que forma?**

76 Nestas atividades que a gente vai fazendo há sempre partilha.

77 **Na sua perceção, nesta Instituição, existe trabalho colaborativo entre professores e**
78 **educadores?**

79 Sim!

80 **E entre professores?**

81 Sim! Nós também trabalhamos com o grupo do 1.º Ciclo em geral e com o par
82 pedagógico do nosso ano. Combinamos as atividades, temos uma reunião semanal
83 com todos os professores do 1.º ciclo e tratamos de coisas comuns.

84 **Também tentam que os mesmos anos de ensino estejam ao mesmo nível...**

85 Sim, todos os anos comuns estarem mais ou menos ao mesmo nível, sempre! Fazemos
86 sempre a planificação em conjunto, as atividades que uma turma faz fazemos para a
87 outra, sempre. Há casos de turmas que há irmãos gémeos numa turma e noutra e é
88 muito chato se não fizerem o mesmo. Os testes são sempre na mesma semana para
89 todos do 1.º Ciclo e para uns anos são sempre nos mesmos dias, temos sempre isso em
90 atenção.

91 **O ponto principal são os professores e educadores, mas entre professores e famílias?**

92 **Também existe esse trabalho colaborativo?**

93 Sim! Também, também. No dia da família para os meninos e para os pais. No dia da
94 mãe, no dia do pai. Atividades que desenvolvemos na sala. Por exemplo, no 1.º ano,
95 temos a hora do conto em que os pais vão contar uma história, ao longo do ano, aos
96 meninos da turma. No segundo ano, por exemplo, é as profissões. Os pais têm ido às
97 salas do 2.º ano falar sobre as suas profissões. Tentamos sempre, todos os anos, ter
98 atividades onde os pais também possam colaborar um bocadinho dentro do que eles
99 podem, da disponibilidade que têm de vir às salas.

100 **Analisando o trabalho desenvolvido pelos professores e educadores na transição das**
101 **crianças para o 1.º CEB, classifica-o como individual, colaborativo ou outro? Dê**
102 **exemplos de aspetos em que isso é visível.**

103 É colaborativo.

104 **Dê exemplos de aspetos em que isso é visível.**

105 Nesta preparação para a transição, nas reuniões, o estarmos com as educadoras. Nós,
106 às vezes, fazemos atividades do projeto da escola em que alguns alunos vão ao Pré-
107 Escolar contar histórias, tudo isso.

108 **Considera que o desenvolvimento do trabalho colaborativo entre os educadores e**
109 **professores se reflete numa boa transição das crianças para o 1.º CEB?**

110 Sim, sim! Sem dúvida!

111 **Em que momentos letivos considera haver mais trabalho colaborativo entre**
112 **professores e educadores?**

113 Na preparação de alguma atividade em conjunto. Por exemplo, o dia de S. Martinho,
114 às vezes fazemos atividades em conjunto com o Pré-Escolar. Também tentamos, em
115 particular, o dia da mãe e o dia do pai, para as atividades também não serem repetidas
116 e conciliar horários. Visitas que organizamos ao Pré-Escolar e o Pré-Escolar organiza ao
117 1.º Ciclo. Por exemplo, o Pré-Escolar aqui vem cantar as Janeiras aos miúdos do 1.º
118 Ciclo, pronto, tentamos assim essas coisas... pelo menos nesses momentos/dias
119 significativos da escola que haja essa oportunidade.

120 **Na sua opinião, quais são os principais constrangimentos nesse trabalho**
121 **colaborativo?**

122 Constrangimentos...

123 **Sim. Já referiu em termo de horários...**

124 Sim, os horários. Às vezes é difícil porque os horários são completamente diferentes.
125 Às vezes também não haver disponibilidade da parte de algum educador ou de algum
126 professor para a predisposição de encontrar um horário (risos) comum aos dois, que,
127 com uns professores é mais fácil e com uns educadores e com outros não, óbvio. Há
128 empatias e isso funciona, principalmente por causa disso.

129 **Quais os aspetos que considera mais importantes para que esse trabalho se**
130 **desenvolva da melhor maneira possível nesta Instituição?**

131 Eu acho que é assim, temos que partir do pressuposto que ninguém está a criticar o
132 trabalho de ninguém que estamos para trocar ideias. E muitas vezes, o que acontece é
133 que os educadores acham que estamos a criticar o trabalho deles, ou porque não os
134 preparam em condições para o 1.º Ciclo. Pronto, isto parece que é cíclico. Quando
135 chega ao 5.º ano, os professores do 5.º ano criticam os do 1.º Ciclo, os do 7.º criticam
136 os do 2.º Ciclo... Acho que é passar um bocadinho esta ideia que, todos trabalhámos
137 para o mesmo objetivo e que não se trata de uma crítica em relação ao trabalho, mas
138 de uma expectativa que às vezes se gere enquanto grupo. Isso para mim é o primeiro
139 passo mais importante e nem sempre é fácil quebrar este gelo e esta barreira. E
140 depois, acho que passando essa barreira as coisas acabam por ser um bocadinho mais
141 fáceis e, se houver uma perspetiva de que é uma troca de ideias, o que é que podemos
142 fazer em conjunto? O que é que podemos melhorar? e não estar sempre à espera de
143 uma crítica, crescemos mais.

144 **Sim, cada um tem a sua forma de trabalhar, mas depois é questão de organizarem-se**
145 **bem, conversar...**

146 Sim, são idades diferentes. Os educadores de infância não passam pelo 1.º Ciclo, nem
147 o 1.º Ciclo passa pela educação de infância e então têm dificuldade às vezes, em tentar
148 se colocar no lugar do outro.

149 **Sim, não conhecem muito bem aquele terreno...**

150 É, é! E este ano de transição é fundamental para os miúdos e para nós também. Pelas
151 expectativas que às vezes temos em relação ao grupo: como é que ele vai chegar,
152 como é que se vai adaptar... Eu este ano tive um grupo de meninos muito novos,

153 tenho 11 meninos que entraram com 5 anos no 1.º Ciclo, fizeram os 6 entre finais de
154 setembro e dezembro.

155 **E adaptaram-se bem?**

156 Adaptaram-se, mas acaba por ser um grupo muito novo, miúdos muito infantis, muito
157 imaturos, muito irrequietos porque saturam-se de estar na sala de aula e a culpa não é
158 dos educadores. A culpa acaba por ser da legislação que permite que isso aconteça,
159 não devia permitir. E acho que não tem tanto a ver com a capacidade de aprendizagem
160 porque eles todos aprendem, tem a ver com a capacidade de estarem atentos,
161 estarem concentrados, conseguirem estar sentados no seu lugar e não! Dispersam,
162 querem brincar...

163 **Já estamos quase no final do ano, não tem visto uma melhoria?**

164 Sim, claro que sim! Com o tempo vão-se também adaptando às rotinas e às regras,
165 óbvio! Mas no início foi muito difícil, muito difícil mesmo. Mas pronto, tem de ser...

166 **Tem de ser... Ok, obrigada!**

167 Nada.

1 **Anexo 4 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 3 do 1.º CEB**

Data – Quarta-feira, 15 de maio de 2019

2 **Para iniciar a nossa entrevista gostaria que me falasse um pouco da sua formação e**
3 **do seu percurso profissional. Qual a sua formação académica?**

4 Sou licenciada em professores do ensino básico com variante em Educação Física.

5 **Há quanto tempo trabalha nesta Instituição?**

6 Há 12 anos.

7 **Há quanto tempo exerce o cargo de Coordenador(a) do 1.º CEB?**

8 Nesta escola, há 8 anos.

9 **Agora em relação ao processo de transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo. Qual a**
10 **importância que atribui ao esse processo de transição?**

11 Nós damos alguma importância, o Agrupamento dá alguma importância.

12 **Considera que os professores e educadores estabelecem uma comunicação entre si**
13 **de forma a contribuir para um processo positivo de transição?**

14 Neste caso, neste agrupamento sim. Eu não sei até que ponto isto é viável noutros
15 agrupamentos. Nós aqui estamos muito perto deste Jardim de Infância. No entanto,
16 nós também vamos ao outro mais distante que também faz parte do agrupamento.
17 Mas noutros agrupamentos em que as escolas são maiores e são mais distantes umas
18 das outras eu não sei até que ponto isso é viável. Agora, que é importante é! Nós
19 achamos que é! Daí fazermos todo este trabalho.

20 **Os professores vão ao Jardim de Infância?**

21 Nós vamos ao JI às vezes fazer as reuniões, não irão todos porque não interessa, mas
22 vão. Por exemplo, os que vão receber os 1.º anos, mas sim, fazemos esse trabalho.

23 **Que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º CEB?**

24 Portanto, são todas estas que referi...

25 **Nesta Instituição, existe algum trabalho sistemático e organizado com a finalidade de**
26 **auxiliar as crianças na transição para o 1.º CEB?**

27 Nós costumamos fazer, em 3 momentos, o processo de transição. No primeiro
28 período, as nossas crianças do Jardim de Infância, e estou a falar do nosso Jardim de
29 Infância do nosso agrupamento, que temos dois. Como estamos longe de um dos

30 agrupamentos, fazemos mais este processo de transição no agrupamento que está
31 mais próximo, até porque são esses meninos que acabam por vir para aqui. Então no
32 primeiro período é que estes meninos vêm fazer um momento em que vêm à escola.
33 Na primeira fase, vêm só conhecer as instalações, vêm conhecer toda a escola, o que
34 acontece em determinados sítios, dentro da sala de aula. Vão lá fora, reconhecem o
35 recreio, pronto, é uma visita guiada. Não estão aqui muito tempo. Explicamos/falamos
36 quando toca, é um bocadinho para conhecer, no fundo, como funciona.

37 **Isso acontece em um momento apenas?**

38 Num momento apenas, no 1.º período. Eles vêm, conhecem, vão às salas, conhecem o
39 espaço, explicamos como funciona o 1.º Ciclo. Vão a uma sala, normalmente fazemos
40 até a sala do 1.º ano que são os que saíram no ano anterior do Pré-Escolar, para eles
41 perguntarem o que é que sentiram mais dificuldade. Depois, no 2.º período, eles
42 voltam a ter um momento também em que vêm cá. Ai já vêm fazer uma atividade, por
43 norma vêm ter comigo, sou eu mais outras professoras. Normalmente o professor de
44 ensino especial também está comigo e acabamos por fazer, dentro do centro de
45 recursos, que é um espaço aberto, e então fazemos uma atividade que normalmente
46 fazemos com os nossos alunos do 1.º Ciclo. Este ano calhou no dia do pai e, portanto,
47 fizemos uma atividade para eles colarem nas paredes do Jardim de Infância com o pai.
48 Cada uma delas desenhou o pai numa moldura e pronto. Agora, este período (3.º
49 período) já aconteceu, está a acontecer esta semana. o terceiro momento. Já tive um
50 grupo na terça-feira e nesta fase eles vêm, trazem um lanche, trazem uns lápis e vão
51 para dentro das salas de aula. É-lhes dado um trabalho, normalmente sou eu que faço,
52 coisas simples, coisas que eles consigam fazer e estão dentro da sala. Ficam uma hora
53 dentro da sala a fazer o trabalho que lhes foi destinado. Não interessa a sala, eles são
54 distribuídos aleatoriamente. Toca para o recreio, eles fazem connosco e depois as
55 educadoras vêm cá buscá-los. Isto com os nossos meninos, depois havemos de fazer,
56 agora está marcado para dia 6 de junho, a receção aos pais dos alunos que vêm para
57 cá. Ainda em todos os períodos, no final de cada período, fazemos uma reunião de
58 departamento com a coordenadora que sou eu, a coordenadora de JI e as educadoras.
59 É no fundo, tentarmos partilhar um bocado as nossas necessidades. Portanto, o que é
60 que nós sentimos quando eles nos chegam, de que é que nós precisamos que elas nos
61 ajudem. E elas fazem a mesma pergunta: “O que é que vocês precisam que nós

62 trabalhemos?”. Elas não têm no Pré-Escolar um programa, é tudo na base das
63 capacidades sociais, não tanto o “a e i o u”, não é uma coisa que faça parte do
64 currículo, mas ensinam a pegar o lápis, a utilizar os materiais... No último ano, eu acho
65 que eles já levam materiais mesmo deles, já têm o seu estojo a sua borracha.

66 **Sim, sim, sim.**

67 Pronto! E com tudo isto já começam a ficar mais tempo sentados.

68 **Preparação já para o 1.º ciclo...**

69 Exatamente! Pronto! Nestes trimestrais que nós fazemos então nós falamos um
70 bocadinho daquilo que nós sentimos e pronto. Chegado ao final do ano letivo,
71 preparação para o próximo ano letivo, e nós vamos já começar em julho, nós voltamos
72 a reunir-nos e o Pré-Escolar vai nos passar todos os casos. Nós já temos uma lista, já
73 sabemos quem é que se matriculou aqui e quem é que vem para aqui efetivamente. E
74 naquela reunião em que nós estamos, na passagem dos casos, já sabemos quem é que
75 pode ficar na mesma turma, quem não pode, por exemplo. Mas que ajuda muito
76 quando nós estamos a constituir as turmas para equilibrar um bocadinho as turmas,
77 para não serem só muito bons, muitos bons naquela turma e depois muito maus,
78 muito maus na outra e, portanto, tentamos misturar meninos que são do nosso Jardim
79 de Infância com outros meninos que vêm de outro Jardim de Infância. Sempre todos
80 misturados porque eu acho que assim se consegue e é política também do
81 Agrupamento um equilíbrio nas turmas. E é importante nós darmos alguma
82 importância e fazemos também este trabalho. Há já alguns anos e está a correr bem.

83 **Próximo ponto, o trabalho colaborativo. Que trabalho colaborativo é desenvolvido**
84 **pelos professores e educadores na transição das crianças para o 1.º CEB?**

85 Todo este trabalho organizado que é feito com as crianças do PE e 1.º CEB.

86 **Quais as principais finalidades desse trabalho?**

87 É exatamente esse, é receber e chegar aqui no 1.º dia do 1.º período e sabermos já o
88 que é que temos, o que é que está aqui para trás e o que é que podemos contar, isso é
89 muito importante. Sabermos que houve um trabalho já desenvolvido no Jardim de
90 Infância e já sabemos qual é a nossa base de partida.

91 **E acha que há essa colaboração da parte dos educadores?**

92 Há! Sem dúvida! Neste Agrupamento é essa mesma a ideia, é tentar... até porque
93 crianças com algumas necessidades e coisas complicadas, nós estamos a par e vamos
94 sabendo e vamos desenvolvendo as coisas. Sim, é muito importante!

95 **Considera importante o trabalho colaborativo entre professores e educadores?**

96 Sim.

97 **Em que aspetos?**

98 Eu acho que nós quando os recebemos aqui, há um trabalho todo que foi feito para
99 trás e nós precisamos que esse trabalho seja feito. A nível de regras, uma coisa muito
100 importante que ninguém dá muita importância, mas depois a forma como se pega no
101 lápis no Jardim de Infância condiciona depois todo o primeiro período do 1.º Ciclo.
102 Porque o pegar no lápis da forma correta é muito importante, parece que não é nada
103 de especial, mas sim. Estas pequenas coisas que nós lhes transmitimos, sentimos que
104 de ano para ano também notamos essa diferença. Nós vamos falando daquilo que
105 precisamos e elas (educadoras), da maneira possível que podem vão tentando atender
106 aos nossos pedidos. Mas sim, funciona bem, eu acho.

107 **Considera que ao nível do Pré-Escolar e do 1.º CEB se promove o trabalho**
108 **colaborativo?**

109 Lá está, neste agrupamento sim. Eu tive em outros agrupamentos em que isso não era
110 visível, mas na altura também não estávamos bem em agrupamento assim como
111 estamos agora. Portanto, há uns anos largos, eu estou aqui há 12 anos, portanto já são
112 muitos anos. Se calhar, neste momento, até se promove em todo o lado, eu não faço
113 ideia, mas aqui sim! E tenho outra escola que conheço que também sim.

114 **Na sua perceção, nesta Instituição, existe trabalho colaborativo entre professores e**
115 **educadores?**

116 De uma forma geral, nós até conseguimos quando nos encontramos... Quando os
117 momentos se proporcionam sim!

118 **E entre professores?**

119 Também!

120 **Talvez mais?**

121 Porque estão no mesmo sítio, é mais fácil! Nós aqui temos todos que colaborar uns
122 com os outros até porque temos atividades em comum, portanto isso é essencial. O
123 Jardim de Infância fica do outro lado da estrada, ainda fica longe.

124 **Claro...**

125 **O ponto principal são os professores e educadores, mas entre professores e famílias?**

126 **Existe também esse trabalho colaborativo?**

127 Nós também... Este agrupamento é uma mina, vou-lhe já dizer... (risos). Nós fazemos
128 em alguns momentos também... Nós recebemos os pais em determinados momentos.
129 Para já, temos sempre o atendimento aos pais, e, portanto, isso é em todo o lado.
130 Todos os professores têm um dia fixo para atenderem os pais daquela turma. Para
131 além disso, temos momentos em que convidamos os pais não só para vir falar do
132 comportamento e do aproveitamento, convidamos para vir fazer atividades connosco.
133 O que costumamos fazer no fim do 2.º período, que é quando nós fazemos o dia do
134 Agrupamento, o dia da escola aberta, estamos abertos aos pais e desenvolvemos
135 atividades. Eles podem circular pelo espaço com os filhos...

136 **Também participam nas atividades...**

137 Exatamente! Também temos a Associação de pais que faz imensas coisas. Depois
138 também temos, no 3.º período, o dia da família. Também recebemos cá os pais com
139 atividades, normalmente são organizadas pelas AEC'S (Atividades Extracurriculares)
140 que fazem mais para o fim do dia que é o momento que os pais, às vezes, já
141 conseguem vir porque também temos o problema que os pais nem sempre podem vir.

142 **Também temos essa questão... Aderem muito os pais?**

143 Aderem! No primeiro ano então, é assim... nem temos espaço para tanta gente. Ao
144 quarto ano já vêm menos, mas ainda assim, no 1.º Ciclo é onde vêm mais e no Pré-
145 Escolar também, claro. Mas sim, temos estes momentos que criamos. Depois temos
146 também a festa de final de ano que também os pais estão connosco. Temos também a
147 festa de finalistas que é feito até a um sábado para os pais poderem vir. Pronto,
148 portanto, nós também colaboramos... O agrupamento tem esta política de trazer os
149 pais à escola não só para dizer mal dos filhos (risos), mas também para participarem
150 nas atividades e isso é sempre bem aceite e os pais também gostam e também nos
151 procuram um bocadinho.

152 **Analisando o trabalho desenvolvido pelos professores e educadores na transição das**
153 **crianças para o 1.º CEB, classifica-o como individual, colaborativo ou outro?**

154 Neste momento é muito colaborativo, muito colaborativo. Acho que entre elas
155 (educadoras) têm mesmo que ser. Mas como são promovidos estes encontros
156 connosco, acabam por ser também sim.

157 **Considera que o desenvolvimento do trabalho colaborativo entre os educadores e**
158 **professores se reflete numa boa transição das crianças para o 1.º CEB?**

159 Claro, claro. Faz toda a diferença.

160 **Em que momentos letivos considera haver mais trabalho colaborativo entre**
161 **professores e educadores?**

162 Eu considero... eu acho que nós fazemos isso faseado, fazemos por três fases e o
163 último momento é muito importante, também.

164 **Que é o final do ano?**

165 Que é o final do ano em que são passados os casos mesmo, mesmo, mesmo, em que
166 as colegas descrevem, no fundo, o grupo que estão a passar, como é que são... Nós
167 temos umas grelhas em que as crianças são identificadas e isso a nós ajuda-nos imenso
168 porque, no início do ano, nós olhamos para aquilo, para aquilo que temos, por
169 exemplo, numa turma de 24 há de ter para aí 10 que são daqui dos nossos Jardins de
170 Infância o resto já não é. Portanto, é um trabalho que foi desenvolvido noutro lado,
171 mas é uma boa base já de partida para nós...

172 **Claro...**

173 E como também temos este poder, esta necessidade e, às vezes, também vantagem
174 de podermos falar com as educadoras. E também o facto de as educadoras serem
175 colegas nossas há 3/4 anos. Muitas colegas já estão aqui há tanto tempo quanto eu e
176 então já sabemos mais ou menos, o grupo de cada uma e já sabemos mais ou menos o
177 que é que esperar, portanto, isso é importantíssimo.

178 **Na sua opinião, quais são os principais constrangimentos nesse trabalho**
179 **colaborativo?**

180 Não vejo.

181 **Não? Nem em termos de horários?**

182 Ah, claro! Estas reuniões que nós marcamos são sempre fora do nosso horário, é
183 impossível de ser, não dá, não dá! Mas pronto...

184 **A disponibilidade, motivação...**

185 Às vezes não temos, a última coisa que a gente vai fazer é aquela reunião, não nos
186 apetece ir, mas vamos! Mas vamos, está no calendário e é tudo para cumprir.
187 Portanto, ao estar no calendário, ao vir de cima, as coisas têm de ser cumpridas e eu
188 acho que isso faz toda a diferença. É a forma como o Agrupamento também vê tudo
189 isto. Isto é uma orientação de Agrupamento, se o Agrupamento investe... Os pais
190 gostam que isto se faça, sentem-se seguros. Por exemplo, quando vêm cá conhecer a
191 escola, agora neste momento, no final do ano letivo, os filhos já vieram, agora vêm
192 eles e isso dá-lhes alguma segurança porque vão tirar as dúvidas que têm, vão
193 perguntar o que precisam e isso dá-lhes algum descanso. O Pré-Escolar e o 1.º Ciclo é
194 uma diferença abismal. É difícil para os filhos, mas eu acho que ainda é mais difícil para
195 os pais porque os pais largam os meninos ali à porta e não podem entrar. Na primeira
196 semana nós deixamos irem às salas, os meninos ainda não estão orientados, têm
197 materiais e tudo, nós deixamos. Ao fim da primeira semana, os pais têm de ficar lá
198 fora. Eles têm de ter autonomia e, portanto, tem de ser assim.

199 **Quais os aspetos que considera mais importantes para que esse trabalho se**
200 **desenvolva da melhor maneira possível nesta Instituição?**

201 É um bocadinho isto, é estar aberto a isso. É criar as disponibilidades entre todos os
202 grupos, porque nós somos muitos, não é! E quando nós temos estas reuniões, são para
203 aí 11/12 professores e com educadores, tudo junto! É proporcionar, porque eu acho
204 que a partir do momento em que se proporciona as coisas fazem-se. Agora, se não
205 houver... lá está! Os horários... se deixarmos... pronto. Está instituído, está lá. Nós
206 fazemos sempre um memorando para todas as reuniões e no memorando tem as
207 datas das reuniões, de avaliação, tudo, tudo, tudo e estas reuniões.

208 **E os educadores fazem sugestões aos professores ou vice-versa? Acha que é bem-**
209 **recebido por parte de cada um?**

210 Sim, sim, sim! Nesse aspeto acho que não... Estamos bem! Acho que os professores e
211 mesmo os educadores veem com bons olhos, sim! As sugestões que nós fazemos e que
212 eles nos fazem a nós estão lá...

213 **Sim e são para uma melhoria, portanto...**

214 A ideia é essa, a ideia é ser uma crítica construtiva para melhorar, sem dúvida! Mas
215 pronto, acho que lá está.

216 **E finalizamos a nossa entrevista! Muito obrigada pela disponibilidade!**

217 De nada!

1 **Anexo 5 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 4 do 1.º CEB**

Data – Quinta-feira, 16 de maio de 2019

2 **Vamos iniciar a nossa entrevista e gostaria que me falasse um pouco sobre a**
3 **formação e o seu percurso profissional. Qual a sua formação académica?**

4 Mestrado em Didática na Língua.

5 **Há quanto tempo trabalha nesta Instituição?**

6 Há 10 anos.

7 **Há quanto tempo exerce o cargo de Coordenador(a) do 1.º CEB?**

8 Há 5 anos.

9 **Seguimos então para o ponto da transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo. Que**
10 **importância atribui a esse processo de transição?**

11 Como é óbvio, a importância é total! É enorme. É muito importante que os alunos
12 cheguem ao 1.º ano, com muitas competências sociais desenvolvidas e também físicas,
13 todas. A relação que estabelecem com os outros é muito importante. Aquisições (não
14 aprendizagens) mas aquisições bem feitas, é importante. É muito importante! Eles
15 devem ter oportunidade no JI de fazer um banho de... um banho de trabalho em
16 relação às letras, à linguagem escrita. É muito importante que os miúdos percebam
17 para que serve saber ler, saber escrever... São as tais emergências que deveriam ser
18 feitas no seio da família e, nestes meios mais desprotegidos não são. Nós temos
19 meninos que nos chegam ao 1.º ano, que não sabem pegar num lápis, que não sabem
20 para que serve uma folha de papel... aqui, nesta escola, acontece todos os anos.

21 **Mas no caso, isso deveria ser explicado no Pré-Escolar certo?**

22 Alguns desses meninos passam pelo Pré-Escolar e ainda nos chegam assim. Quem são
23 estes meninos? São meninos que os pais não valorizam a escola e os meninos, apesar
24 de estarem inscritos no Pré-Escolar, e a frequentar o Pré-Escolar, têm imensas faltas,
25 vão poucas vezes à escola, vão poucas vezes ao Jardim e... e isso prejudica imenso as
26 crianças. E depois, nós temos níveis dentro de uma sala de aula logo à chegada muito
27 diferentes, e um professor, em sala de aula com um grupo de 20, 26 ou 24 (às vezes
28 até mais) é um trabalho inglório porque o currículo é enorme, o nível de exigência é,
29 de facto, muito grande e o que o nosso currículo de 1.º ano pressupõe é que as
30 crianças entrem na escola com muitas aquisições feitas, e essas aquisições de todo não

31 estão feitas. Para já, não sabem estar, depois é-lhes pedido assim, de repente, que
32 fiquem muito tempo dentro da sala de aula. Temos ainda outro problema logo à
33 entrada, temos uma quantidade enorme de manuais e livros de fichas que é uma coisa
34 assustadora! Nós ficávamos aqui o resto do dia a pensar em tudo isto... Deviam haver
35 objetivos muito simples, muito cultos, muito essenciais para serem efetivamente
36 cumpridos, e tudo o que viesse para além disso era bem-vindo. Para os próprios
37 professores, porque por falta de experiência (que é perfeitamente natural), por falta
38 até de conhecimento, porque as escolas nem sempre preparam bem os cursos iniciais
39 dos professores para este embate. Agora, é preciso que os professores e educadores
40 saibam muito bem o que querem fazer e por onde querem caminhar, e definirem
41 muito bem os objetivos essenciais para não nos perdermos, porque são tantas coisas...
42 Hoje em dia, as escolas estão assoberbadas de propostas, toda a hora nos entram
43 propostas pela escola a dentro. Todas as atividades são importantes, mas depois nós
44 temos um currículo enorme.

45 **Considera que os professores e educadores estabelecem uma comunicação entre si**
46 **de forma a contribuir para um processo positivo de transição?**

47 Nós temos uma lei que exige a articulação, e essas reuniões são feitas... articulação.

48 **E são feitas quando?**

49 É no início do ano, ao longo do ano e no fim do ano.

50 **Ok... só nessas reuniões? Não existem outros trabalhos colaborativos entre**
51 **professores e educadores?**

52 Pode existir sim. Nós aqui temos! De vez em quando os meninos vêm aqui, outras
53 vezes vão lá os nossos...

54 **Ok, é isso que eu vou perguntar a seguir...**

55 **Que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º CEB?**

56 Vêm (os meninos dos 5 anos) visitar a escola, vem conhecer, vêm à sala de aula dos
57 meninos do 1.º ano ver como é, passam o dia com eles, ou dois, ou três... Ao longo do
58 ano fazemos atividades conjuntas, como o dia de S. Martinho e outros dias.

59 **Nesta Instituição, existe algum trabalho sistemático e organizado com a finalidade de**
60 **auxiliar as crianças na transição para o 1.º CEB?**

61 O que referi anteriormente...

62 **O ponto que vamos abordar agora é sobre o trabalho colaborativo. Que trabalho**
63 **colaborativo é desenvolvido pelos professores e educadores na transição das**
64 **crianças para o 1.º CEB?**

65 As tais reuniões entre os professores e educadores ao longo do ano e a visita dos
66 meninos à escola.

67 **Quais as principais finalidades desse trabalho?**

68 Então, acertarmos estratégias. Pensar melhor nos percursos, nos caminhos, e no
69 fundo, delinear objetivos de acordo com os contextos onde nos inserimos, que é muito
70 importante. Aquilo que nós pretendemos aqui será, com certeza, diferente do que
71 consideram os colegas em outra escola com outros pais, com outra estrutura, com
72 outro nível socioeconómico. Porque os níveis socioeconómicos ainda marcam muito as
73 realidades nas escolas, às vezes para pior. Não quer dizer que um bom nível
74 socioeconómico marque positivamente a escola, nem sempre é assim.

75 **Considera importante o trabalho colaborativo entre professores e educadores?**

76 Muito!

77 **Em que aspetos?**

78 Muito, para desenvolver estratégias que antecipem coisas, para que depois as coisas
79 evoluam de forma...

80 **Da melhor forma possível...**

81 Da melhor forma possível. Portanto, é importante sempre, esse trabalho é muito
82 importante. Os professores podem dar muitas dicas aos educadores e os educadores
83 aos professores. Portanto, esse trabalho é rico, é bom.

84 **E acha que isso acontece aqui?**

85 Aqui acontece, aqui acontece.

86 **Ok.**

87 **Considera que ao nível do Pré-Escolar e do 1.º CEB se promove o trabalho**
88 **colaborativo?**

89 Promove, obviamente!

90 **Na sua perceção, nesta Instituição, existe trabalho colaborativo entre professores e**
91 **educadores?**

92 Sim, existe.

93 **E entre professores?**

94 Aqui há! Nas escolas pequenas têm sempre... há sempre mais tendência para estarmos
95 todos em sintonia, é tudo discutido. As nossa horas de almoço são aproveitadas para
96 tratar de assuntos da escola, dos meninos. Toda a hora estamos aqui em sintonia,
97 sempre, sempre, sempre. Nos intervalos, eu hoje não descí ao intervalo, mas
98 costumamos nos juntar sempre no intervalo. No intervalo no recreio, a acompanhar os
99 miúdos porque é tempo letivo, das 11h às 11h30.

100 **O ponto principal são os professores e educadores, mas entre professores e famílias?**

101 **Existe esse trabalho colaborativo?**

102 Às vezes, outras vezes não...

103 **Analisando o trabalho desenvolvido pelos professores e educadores na transição das**
104 **crianças para o 1.º CEB, classifica-o como individual, colaborativo ou outro?**

105 Entre professores e educadores?

106 **Sim.**

107 Este trabalho tem de ser colaborativo senão não resulta.

108 **Considera que o desenvolvimento do trabalho colaborativo entre os educadores e**
109 **professores se reflete numa boa transição das crianças para o 1.º CEB?**

110 Sim, sem dúvida!

111 **Em que momentos letivos considera haver mais trabalho colaborativo entre**
112 **professores e educadores?**

113 Ao longo de todo o ano! Ao longo de todo o ano há trabalho colaborativo. Entre as
114 escolas também há trabalho colaborativo, nos grupos ano também há trabalho
115 colaborativo. Portanto, nós estamos todos em sintonia. Nós sabemos exatamente o
116 que é que todos os 1.º anos estão a fazer no nosso Agrupamento, o que é que todos os
117 2.º anos estão a fazer no nosso Agrupamento. Portanto, há muito trabalho
118 colaborativo. O tal momento de avaliação também é igual para todos. Eu não concordo
119 nada com isso, mas é. De certo modo, é uma bitola, é uma marca, é um marco que fica
120 ali para se perceber o que é que se passa, não serve para nada porque cada um vai
121 onde vai, mas pronto. É mais um momento de reflexão, e o trabalho colaborativo
122 dentro da escola existe entre as turmas, existe entre os professores e fora também,
123 entre as outras escolas do Agrupamento.

124 **Na sua opinião, quais são os principais constrangimentos nesse trabalho**
125 **colaborativo?**

126 É a falta de tempo!

127 **Pois, isso acontece muito, os horários muitas vezes não são compatíveis...**

128 Nós temos um foco muito forte em tempo letivo. Temos as turmas grandes, não
129 podemos dispersar os meninos. Portanto, os professores têm de estar muito focados
130 com os seus alunos, com a sua turma, nos seus espaços onde lecionam, na sala ou fora
131 da sala, no ginásio, no recreio ou onde estiverem com os alunos. E falta-nos muito
132 tempo para estarmos disponíveis. Nós cada vez, com este nível de exigência da escola
133 a tempo inteiro, cada vez sentimos mais falta de termos tempo para estarmos umas
134 com as outras.

135 **E motivação, acha que existe?**

136 A motivação era o que eu lhe dizia há bocado... Os professores neste momento estão
137 muito desmotivados. Os professores neste momento estão a cumprir os mínimos de
138 uma forma assumida, não quer dizer que seja de forma generalizada. De um modo
139 geral, estão a cumprir de forma muito consciente os mínimos.

140 **Para finalizar... Quais os aspetos que considera mais importantes para que esse**
141 **trabalho se desenvolva da melhor maneira possível nesta Instituição?**

142 Edifícios separados, meninos separados... Eu aqui nem me posso queixar muito,
143 porque é já aqui ao lado e eles vem aqui todos os dias. Vem almoçar aqui todos os dias
144 e vemos os miúdos, interferimos com os meninos e eles têm atividades com as turmas
145 do 1.º ano (acho que esta semana vêm para uma sala fazer atividades). Temos alguns
146 momentos no dia de reis, no dia de S. Martinho. Eles vêm aqui, fazemos atividades
147 conjuntas. Eles sabem que esta é a escola dos grandes. Isto de uma forma mais
148 informal, mas, de uma forma mais formal, temos atividades marcadas. Portanto, esta
149 cooperação aqui até é enriquecedora. Eu acredito que haja escolas onde nada disto
150 acontece, atenção. Até por questões físicas, distanciamento e de dificuldade.

151 **Claro...**

152 Aqui não, é um portão, uma rede que nos separa. Os pátios juntam-se, eles passam de
153 um pátio para o outro, é só abrir o portão. Mas o tempo como lhe digo não é muito
154 para fazer essas coisas, porque o professor do 1.º ano está assoberbado de tarefas,
155 demasiadas tarefas. E os professores têm muito pouco tempo ainda para articular

156 mais, mas também não é possível porque senão cada um não faz o seu trabalho.
157 Nestas articulações, também podemos cair no disparate de cada um não fazer o seu
158 trabalho porque andam sempre... nós também temos de estar sossegados num sítio a
159 fazer o nosso trabalho, porque as tarefas são absolutamente diferentes.

160 **Também é importante haver esse trabalho individual...**

161 Enquanto o Jardim está nas calmas a desenvolver coisas e se estiverem... se ficarem
162 feitas ficam e se não ficarem, não ficam. No 1.º ano não é assim!

163 **Há um programa a cumprir...**

164 Há um programa a cumprir. Portanto, também não podemos cair aqui em ideias muito
165 românticas em relação a estas articulações. Portanto, abrir a escola, estar disponível,
166 mostrar, fazer uma ou duas atividades por período já é excelente! Mais do que isso
167 não é fazível, percebe? É muito romântico, é muito bonito, mas na prática...

168 Mais alguma coisa, Sónia?

169 **É tudo! Terminámos... Obrigada!**

170 Nada.

1 **Anexo 6 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 1 do PE**

Data – Quarta-feira, 8 de maio de 2019

2 **Vamos dar início à nossa entrevista e gostaria que me falasse um pouco da sua**
3 **formação e do seu percurso profissional. Qual a sua formação académica?**

4 Licenciatura.

5 **Há quanto tempo trabalha nesta Instituição?**

6 Há 12 anos.

7 **Há quanto tempo exerce o cargo de Coordenador(a) do 1.º CEB?**

8 Há 9 anos.

9 **Em relação à transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo. Que importância atribui a esse**
10 **processo de transição?**

11 É importantíssimo! É uma fase em que se tenta preparar os alunos, o máximo possível,
12 para esta mudança e para que seja o mais tranquila possível e mais... Somos um
13 processo apaziguador aqui e facilitador nesta transição.

14 **Considera que os educadores e professores estabelecem uma comunicação entre si**
15 **de forma a contribuir para um processo positivo de transição?**

16 Sim, aqui na Instituição sim.

17 **Que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º CEB?**

18 Nós temos um projeto que se chama “Estamos a Crescer”, em que intervém o gabinete
19 de psicologia e fazemos uma... temos vários momentos definidos em que alguns alunos
20 do 1.º Ciclo visitam o Pré-Escolar para esclarecer dúvidas dos alunos dos 5 anos sobre
21 o 1.º Ciclo. Temos a visita dos alunos dos 5 anos ao 1.º Ciclo para conhecer as rotinas,
22 o espaço e serem recebidos pelos alunos do 1.º ano. Temos as provas de diagnóstico
23 que são provas realizadas pelo gabinete de psicologia, que já foram realizadas este
24 ano. São realizadas no final do 2.º período, de forma a que as educadoras identifiquem
25 as áreas de desenvolvimento em que os alunos têm mais ou menos dificuldades, para
26 que possam ainda trabalhá-las até ao final do ano letivo. Depois, temos também...
27 Nesse dia de transição eles conhecem as rotinas, temos um modelo de
28 apadrinhamento dos alunos do 3.º ano aos alunos dos 5 anos, ou seja, para quando
29 iniciarem o próximo ano letivo terem os seus padrinhos e serem acompanhados.

30 **Quantos padrinhos para cada?**

31 Cada menino tem um padrinho.

32 **Isso é muito giro...**

33 É giro é! E pronto. Além disso, tentamos sempre envolver tanto o 1.º Ciclo... Fazemos

34 visitas dos professores do 1.º Ciclo ao Pré-Escolar. Os professores do 4.º ano tentam

35 fazer algumas atividades nas salas dos 5 anos de forma a conhecer também os alunos,

36 o grupo, as rotinas... sim.

37 **Nesta Instituição, existe algum trabalho sistemático e organizado com a finalidade de**

38 **auxiliar as crianças na transição para o 1.º CEB?**

39 É este... (referido anteriormente)

40 **Em relação ao trabalho colaborativo. Que trabalho colaborativo é desenvolvido pelos**

41 **educadores e professores na transição das crianças para o 1.º CEB?**

42 As tais visitas dos professores do 1.º Ciclo ao Pré-Escolar e vice-versa, atividades que

43 fazemos em conjunto...

44 **Quais as principais finalidades desse trabalho?**

45 Conhecer as rotinas, as atividades, os professores conhecerem os alunos, os alunos

46 conhecerem os professores, conhecerem também os futuros colegas de ciclo, o

47 espaço...

48 **Considera importante o trabalho colaborativo entre educadores e professores?**

49 Sim!

50 **Em que aspetos?**

51 Em todos! É assim, temos que estar abertos a... primeiro a ajudar os colegas que vão

52 receber os nossos alunos, com pequenas dicas, sugestões, ou mesmo às vezes

53 alertando para algumas dificuldades que os alunos possam sentir. E depois, do outro

54 lado sentir também o feedback do trabalho que é realizado e pontos ou aspetos que

55 sejam importantes modificar/trabalhar no Pré-Escolar.

56 **Considera que ao nível do Pré-Escolar e do 1.º CEB se promove o trabalho**

57 **colaborativo?**

58 Sim.

59 **Algum exemplo?**

60 Com tudo isto que tenho falado, sim.

61 **Ok.**

62 **Na sua percepção, nesta Instituição, existe trabalho colaborativo entre educadores e**
63 **professores?**

64 Sim!

65 **E entre educadores? Existe também esse trabalho colaborativo?**

66 Sim. Nós trabalhamos em par pedagógico, logo aí à partida, há trabalho colaborativo.

67 **Já vimos a existência do trabalho colaborativo entre educadores e professores, e**
68 **entre educadores e famílias? Também existe esse trabalho colaborativo?**

69 Sim, sim, sim. Nós temos uma reunião também com os pais, em que explicamos todo o
70 processo de transição e o que é que se vai passar no ano seguinte também e quais as
71 grandes mudanças entre os ciclos.

72 **E estão sempre envolvidos em atividades?**

73 Sim, sim, também! Nas atividades que organizamos sim. Ainda agora, tivemos o dia da
74 mãe em que fizemos um atelier em que envolvemos praticamente todas as atividades
75 curriculares e, inclusive, a comunidade educativa. Desde os funcionários em
76 workshops de acordo com as áreas que sabiam e podiam desenvolver nos ateliers,
77 desde as TIC no centro de recursos, a costura com uma funcionária que temos que
78 sabe costurar, a construções com um dos nossos funcionários (que é o que faz tudo) e
79 por aí a fora, tentamos fazer... e tivemos as mães todas a participarem.

80 **Analisando o trabalho desenvolvido pelos professores e educadores na transição das**
81 **crianças para o 1.º CEB, classifica-o como individual, colaborativo ou outro?**

82 Colaborativo.

83 **Considera que o desenvolvimento do trabalho colaborativo entre os educadores e**
84 **professores se reflete numa boa transição das crianças para o 1.º CEB?**

85 Sim... sim, sim, sim, sim.

86 **Em que aspetos?**

87 Nestes todos. Acho que há abertura dos dois lados para que se receba informações
88 tanto de um lado como do outro e sugestões.

89 **É sempre uma mais-valia...**

90 Sim.

91 **Em que momentos letivos considera haver mais trabalho colaborativo entre**
92 **educadores e professores?**

93 Talvez no início do ano letivo, onde há aqui uma maior necessidade, e depois no final
94 quando se está a preparar a passagem do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo.

95 **Na sua opinião, quais são os principais constrangimentos nesse trabalho**
96 **colaborativo?**

97 É sempre achar que... o 1.º Ciclo achar que nós devemos trabalhar mais os meninos de
98 acordo com o modelo deles e nós acharmos o contrário, que devia haver aqui um
99 período mais tranquilo de transição e não tão chocante. Às vezes, quando se passa de
100 um modelo, nós sabemos do Pré-Escolar que trabalhamos muito de forma
101 cooperativa, ao ritmo dos alunos e o 1.º Ciclo como tem um programa a cumprir, mais
102 vincado! Acaba por ter aqui a pressão maior e passá-la, eu acho, para os alunos.

103 **Quais os aspetos que considera mais importantes para que esse trabalho se**
104 **desenvolva da melhor maneira possível nesta Instituição?**

105 É a abertura da parte de todos e disponibilidade.

106 **E isso acha que existe aqui...**

107 Sim, sim! Existe, existe sim. Quando não existe arranjamos. **(risos)**

108 **Ok! É tudo então. Obrigada!**

109 Nada

1 **Anexo 7 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 2 do PE**

Data – Quinta-feira, 16 de maio de 2019

2 **Vamos dar início à nossa entrevista e gostaria que me falasse um pouco da sua**
3 **formação e do seu percurso profissional. Qual a sua formação académica?**

4 Licenciatura em Educação de Infância.

5 **Há quanto tempo trabalha nesta Instituição?**

6 Há 17 anos.

7 **Há quanto tempo exerce o cargo de Coordenador(a) do 1.º CEB?**

8 Há 9 anos.

9 **Em relação à transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo. Que importância atribui a esse**
10 **processo de transição?**

11 É muita! Porque é outra fase na vida deles e somos nós que lhes damos as bases para
12 essa nova fase da vida deles. Por isso, eu acho que é importante, até a parceria que há
13 com as colegas do 1.º Ciclo.

14 **Considera que os educadores e professores estabelecem uma comunicação entre si**
15 **de forma a contribuir para um processo positivo de transição?**

16 Nem sempre, nem sempre. Nem em todas as escolas, principalmente quando muitas
17 vezes, não estão... como a nossa escola que não têm o 1.º Ciclo aqui connosco, às
18 vezes,
19 é mais difícil o intercâmbio, às vezes, até a nível de trabalhos.

20 **Que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º CEB?**

21 É assim... Eu, as estratégias que eu utilizo, é sempre eles entenderem que no final do
22 ano vão dar um passo na vida, vão para outra escola, meninos mais crescidos... Tento
23 fazer um trabalho um bocadinho mais eles de se sentarem, fazerem uma atividade
24 sozinhos, ali muito concentrados para os preparar, mais nesse sentido. Também um
25 trabalho cooperativo, de eles saberem fazer um trabalho com o colega ao lado e
26 partilharem as coisas e um bocadinho “eu faço isto, tu fazes aquilo”. Pronto, que
27 também é importante ao nível do 1.º Ciclo.

28 **Nesta Instituição, existe algum trabalho sistemático e organizado com a finalidade de**
29 **auxiliar as crianças na transição para o 1.º CEB?**

30 Sim, sim. O que nós aqui fazemos é, todos os períodos, temos uma reunião com as
31 professoras do 1.º ciclo para debatermos um bocadinho do trabalho de um lado e de
32 outro e depois levamo-los lá a conhecer a escola, só os meninos que no ano seguinte
33 transitam. No último período ficam lá, durante a manhã já, nas salas de 1.º ciclo a
34 brincar no recreio, nós deixamo-los mesmo lá para eles se adaptarem. Depois, no final
35 do ano, também temos a passagem de casos com as professoras do 1.º ciclo, temos
36 uma reunião em que vamos expondo cada caso, se alguma criança tem alguma
37 problemática a nível da linguagem de comportamento e vamos passando os casos às
38 colegas.

39 **Em relação ao trabalho colaborativo. Que trabalho colaborativo é desenvolvido pelos**
40 **educadores e professores na transição das crianças para o 1.º CEB?**

41 As tais reuniões entre educadores e professores e as visitas dos meninos do Pré-
42 Escolar ao 1.º Ciclo.

43 **Quais as principais finalidades desse trabalho?**

44 As finalidades para mim é só no aspeto de as crianças também... nós podermos
45 transmitir às crianças o que elas vão encontrar e elas também irem mais seguras e
46 saberem aquilo que...

47 **Conhecerem o contexto, as rotinas...**

48 Exatamente! E saberem o que é uma sala de aula, que é totalmente... porque eles
49 acham muito estranho quando vão lá porque é tão diferente e eles muitas vezes
50 “Então aqui não há tapetes? Aqui não há áreas?”, porque eles não entendem muito
51 bem, quem não têm irmãos. Já no 1.º Ciclo eles não entendem que a sala é muito
52 diferente, a forma de estar na sala é diferente, a autonomia que eles lá têm de
53 estarem no recreio, toca, têm de ir para a sala, levam o seu lanche, tem de lanchar no
54 recreio... esse tipo de rotina do 1.º ciclo é diferente.

55 **Isso é falado com eles antes ou no momento?**

56 É, é falado com eles antes por isso é que nós no 3.º período deixamo-los lá a passarem
57 a manhã. Pronto, para eles mais ou menos terem a noção do que é estar numa sala e o
58 que é ir para o recreio e estarem no recreio.

59 **Claro...**

60 **Considera importante o trabalho colaborativo entre educadores e professores?**

61 Sim, muito importante!

62 **Em que aspetos?**

63 No aspeto em que elas os vão receber e elas perceberem um bocadinho o que é que
64 eles fizeram para trás e nós também percebermos um bocadinho o passo que eles vão
65 dar para a frente e nós já os prepararmos para esse passo.

66 **Considera que ao nível do Pré-Escolar e do 1.º CEB se promove o trabalho**
67 **colaborativo?**

68 É assim, como eu lhe estava a dizer... Aqui este Jardim não tanto por não estarmos no
69 mesmo espaço físico, mas eu noto que as colegas do Agrupamento, como estão no
70 mesmo espaço físico conseguem. No Carnaval, alguns eventos elas fazerem com o 1.º
71 Ciclo e algumas atividades a nível da biblioteca porque o 1.º Ciclo tem biblioteca e
72 fazerem algum trabalho nesse sentido. Nós aqui, se calhar, as condicionantes do
73 aspeto físico não permitem isso. Muitas vezes, a gente chega a não conhecer as
74 professoras do 1.º Ciclo, conhecemos aquelas que vão ter o 1.º ano, mas depois até ao
75 4.º já não as conhecemos. Entretanto, elas saem porque às vezes são pessoas
76 contratadas e a gente acaba muitas vezes por ver só caras.

77 **É a desvantagem de não estarem...**

78 Não estarmos juntos! Se calhar será uma desvantagem, será uma desvantagem nesse
79 sentido será...

80 **Na sua perceção, nesta Instituição, existe trabalho colaborativo entre educadores e**
81 **professores?**

82 É assim, como eu lhe estava a dizer, o trabalho colaborativo que nós temos são essas
83 reuniões periódicas com os professores do 1.º Ciclo. A passagem dos casos no final do
84 ano letivo e pronto. É assim... De facto, aqui este Jardim ali com o 1.º Ciclo não temos
85 assim...

86 **E entre educadores? Existe também esse trabalho colaborativo?**

87 Educadores há! Entre educadores há! Tanto os educadores daqui do Jardim como os
88 do departamento todo, do outro Jardim que faz parte do Agrupamento, isso temos.
89 Mesmo um trabalho de divulgação daquilo que a gente faz, temos reuniões todos os
90 meses, isso sim.

Já vimos a existência do trabalho colaborativo entre educadores e professores, e entre educadores e famílias? Também existe esse trabalho colaborativo?

Levamos os pais no final do ano letivo à escola para serem recebidos pela diretora para ela apresentar a escola. Já houve um ano que fizemos aqui um inquérito aos pais para saber quais eram as expectativas deles em relação ao 1.º Ciclo, tivemos muito poucas perguntas, muito poucas dúvidas da parte dos pais.

Analisando o trabalho desenvolvido pelos educadores e professores na transição das crianças para o 1.º CEB, classifica-o como individual, colaborativo ou outro?

Eu, para mim, era importante que fosse um trabalho colaborativo e que a educadora e o professor, até mesmo que pudéssemos ir muitas vezes às salas de 1.º Ciclo fazer uma partilha de trabalho, elas aprenderem um bocadinho connosco e nós com elas. Não tenho sentido isso no percurso ao longo dos anos. O professor porque tem um currículo (e é sempre o que elas dizem) que têm um currículo para cumprir e não têm muito espaço de flexibilidade para fazerem outras coisas que não o currículo, e depois acabamos por nos distanciar um bocadinho, apesar de fazermos reuniões regularmente, todos os períodos com elas, fazemos a transição dos casos e pronto, já é um pequeno passo.

Mas poderia haver mais, não é?

Poderia haver mais sim!

Considera que o desenvolvimento do trabalho colaborativo entre os educadores e professores se reflete numa boa transição das crianças para o 1.º CEB?

Sim, sim, sem dúvida! E até porque podendo estar no mesmo espaço, em que os meninos do Pré-Escolar não fossem só estas três vezes que nós vamos, pudessem ir mais vezes. Havendo um trabalho, que eu por acaso já fiz numa escola em que tinha o 1.º Ciclo, em que a sala do Jardim de Infância ia muitas vezes à sala do 1.º Ciclo fazer atividades, E nós também fazíamos coisas para levar. Chegávamos a ir lá dar uma aula de matemática aos meninos do 1.º Ciclo e eles também vinham à nossa sala, por exemplo, ler uma história. Isto sim, mas eu nessa altura estava no mesmo espaço do 1.º Ciclo.

Em que momentos letivos considera haver mais trabalho colaborativo entre educadores e professores?

122 No final do ano talvez, mais porque já estamos mais próximos da passagem para o 1.º
123 Ciclo.

124 **Na sua opinião, quais são os principais constrangimentos nesse trabalho**
125 **colaborativo?**

126 Às vezes, um bocadinho o constrangimento de muitas colegas do 1.º Ciclo acharem
127 que nós temos que fazer um bocadinho... eles (crianças) chegarem lá já com um
128 bocadinho do trabalho delas feito, que é já saberem fazer muito bem as letras e
129 saberem as letras... Quando não é isso que me preocupa no Pré-Escolar. No Pré-
130 Escolar, é que eles tenham a noção que se lê e que se escreve da esquerda para a
131 direita, e que tenham a noção de espaço e o tamanho daquilo que estão a fazer do que
132 propriamente irem... E elas se calhar preocupam-se mais se a bolinha, como é que é
133 feita, como é que é feito o risco e, se calhar, nós nesse aspeto somos um bocadinho
134 mais flexíveis. Para mim, o Pré-Escolar também é muito os valores e eles terem a
135 noção do ser e do estar, e é isso que nós trabalhamos muito, porque eles tendo essa
136 malha e eles indo para o 1.º Ciclo a saber estar e a conhecer o outro, a diferença do
137 outro, o esperar pelo outro... Pronto, é um bocadinho meio caminho andado. Se
138 souberem estar, depois também há mais facilidade em aprender.

139 **É verdade...**

140 **Bem, por último. Quais os aspetos que considera mais importantes para que esse**
141 **trabalho se desenvolva da melhor maneira possível nesta Instituição?**

142 Os aspetos mais importantes?

143 **Sim!**

144 Muito os currículos delas! Mas afinal o que é que eles têm de saber? As estratégias
145 que elas utilizam para... Se calhar, seria importante o educador saber. Depois, a nível
146 do comportamento. Como é que vamos gerir este comportamento? Se calhar, se o
147 educador já faz um trabalho. se calhar, teria de ser continuado pela colega que o vai
148 receber a seguir e, às vezes, dá-me ideia que não há essa articulação. Nós passamos o
149 caso e dizemos: “Este menino... toma atenção a isto e isto...” mas às vezes não... e
150 depois, perdemos o feedback, se aquele trabalho que nós tivemos logo de início teve
151 frutos ou não. Porque esse trabalho não tem frutos no 1.º ano nem no 2.º ano, tem já
152 eles estão no Pré-Escolar e a gente não tem feedback nenhum. Assim como nós no

153 Pré-Escolar, olha: “Aquele criança é uma criança que gosta de aprender, é atenta...” e
154 depois perdemos-la, não conseguimos perceber se aquele trabalho que fizemos, não
155 quero dizer um bom trabalho! Mas se foi um trabalho válido, e foi compensar para
156 aquela criança, porque perdemos o fio à meada como se costuma dizer.

157 **O que é que é importante para haver um bom trabalho colaborativo entre**
158 **educadores e professores? Um bom trabalho colaborativo!**

159 Eu para mim era sempre essa parceria. Não só uma reunião uma vez por período,
160 haver mais reuniões e haver mais trabalho como eu estava a dizer, que eu fiz naquela
161 escola. Que o Pré-Escolar foi dar uma aula de matemática que foi muito engraçado, e a
162 professora não se preocupou com o tempo, que não era perdido era ganho! E que
163 muitas entenderão por perdido... porque os do Pré-Escolar foram ensinar coisas que os
164 meninos já sabiam, mas eles fingiam que não sabiam porque para os do Pré-Escolar,
165 aquilo era... (suspiro). O facto de eles irem à nossa sala contar as histórias. Podiam vir
166 fazer livros para os meninos do Pré-Escolar, podiam vir fazer atividades com os
167 meninos do Pré-Escolar e os meninos do Pré-Escolar fazer atividades com eles e haver
168 esse intercâmbio. É que para mim era muito, muito, muito importante!

169 **Também a parte da motivação, da flexibilidade de horários...**

170 Sim, sim, sim. E elas não estarem tão focadas nos currículos, libertarem-se um
171 bocadinho mais “não dou hoje, dou amanhã”. E muitas vezes, sente-se que isso não
172 acontece. E depois, a tal situação do espaço físico. Apesar de podermos muito bem
173 atravessar a rua, porque as pessoas podem dizer: “Por amor de Deus, a escola de 1.º
174 Ciclo é ali em baixo, atravessas a rua e vais com os meninos”, mas é assim, eu tenho
175 que conhecer o professor, se digo a um professor qualquer: “Vou à sua sala hoje com
176 os meus meninos fazer um trabalho de matemática (por exemplo, ou de outra coisa
177 qualquer) ”, mas eu não conheço a professora, porque tem que haver alguma empatia.
178 Enquanto que eu se estou no mesmo espaço eu já sei, aquela educadora até tem ali
179 alguma empatia comigo: “Olhe, colega! Hoje vou à sua sala, posso ir?”, o que não
180 existe nestes casos como o nosso Jardim que está aqui muito... sem o 1.º Ciclo.

181 **Ok! E assim finalizamos a nossa entrevista... Muito obrigada!**

182 Nada.

1 **Anexo 8 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 3 do PE**

Data – Quinta-feira, 16 de maio de 2019

2 **Vamos então iniciar a nossa entrevista e gostaria que me falasse um pouco da sua**
3 **formação e do seu percurso profissional. Qual a sua formação académica?**

4 Licenciatura.

5 **Há quanto tempo trabalha nesta Instituição?**

6 Há 14/15 anos.

7 **Há quanto tempo exerce o cargo de Coordenador(a) do 1.º CEB?**

8 Estive, primeiramente, como coordenadora durante 2 anos depois interrompi. Neste
9 momento, já estou como coordenadora há 7/8 anos.

10 **Em relação à transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo. Que importância atribui a esse**
11 **processo de transição?**

12 Até é uma importância fundamental.

13 **Considera que os educadores e professores estabelecem uma comunicação entre si**
14 **de forma a contribuir para um processo positivo de transição?**

15 Sim, sim.

16 **De que forma?**

17 Aqui neste Agrupamento sim. Nós tentamos o máximo possível que isso funcione.
18 Aliás, nós até nos juntamos em termos de atividades. Estou-me a lembrar do Carnaval,
19 por exemplo, nós juntamo-nos para fazer o desfile, nós juntamo-nos para fazer o
20 concurso de máscaras, e tentasse fazer essa ligação o mais possível.

21 **Que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º CEB?**

22 Nós fazemos esse processo de várias formas ao longo do ano letivo. Numa primeira
23 fase, eles vêm conhecer a escola. Numa segunda fase, eles estão connosco num
24 espaço da escola. Portanto, fazemos a articulação ali, naquele período da semana da
25 leitura com atividades. Neste último período, que está a decorrer durante esta
26 semana, eles vêm, passam 1h em sala de aula, em que nós temos um trabalho para
27 eles. Hoje, por exemplo, tinham uma ficha com grafismos, com o nome, com a data,
28 etc., em que estão 1h sentados numa mesa em que de facto, nós felicitamos porque
29 estão no 1.º Ciclo, funcionamos de maneira diferente, etc. Eles passam essa hora, das

30 10h às 11h e depois fazem o período do recreio, no recreio do 1.º Ciclo. Isto é
31 fundamental. Primeiro para os miúdos se ambientarem minimamente, ou seja,
32 perceberem como é que é a escola dos crescidos, que tem toda uma funcionalidade e
33 um espaço diferente, isto em termos de meninos. Depois, em termos de professores e
34 educadores é fundamental. Nós fazemos várias reuniões de articulação e nessas
35 reuniões de articulação, nós vamos falar não só sobre os meninos: quem é que eles lá
36 têm, como é que estão aqui aqueles que vieram de lá. Depois, falamos sobre questões
37 de trabalhos: o que é que nós sentimos, lacunas nos miúdos que se calhar seria
38 importante, mais fundamental trabalhar lá mais, se o menino faz a bolinha da
39 esquerda para a direita se é da direita para a esquerda. Pronto, coisas fundamentais
40 que nós notamos que são muito importantes depois na aprendizagem, por exemplo,
41 da leitura e da escrita. E, portanto, nesse âmbito é importante.

42 **Nesta Instituição, existe algum trabalho sistemático e organizado com a finalidade de**
43 **auxiliar as crianças na transição para o 1.º CEB?**

44 É a tal que eu já referi... É o que nós fazemos nesta articulação.

45 **Em relação ao trabalho colaborativo. Que trabalho colaborativo é desenvolvido pelos**
46 **educadores e professores na transição das crianças para o 1.º CEB?**

47 As várias reuniões que temos ao longo do ano e as visitas dos meninos ao 1.º CEB.

48 **Quais as principais finalidades desse trabalho?**

49 As principais finalidades? Várias! Temos uma, um grande objetivo que é envolver a
50 família na escola, começamos já por aí. Depois, outra é promover o sucesso educativo
51 dos miúdos através desses projetos todos e desses trabalhos, sempre. Basicamente é
52 isso.

53 **Considera importante o trabalho colaborativo entre educadores e professores?**

54 Sem dúvida! Se nós colaborarmos uns com os outros ficamos com um maior
55 conhecimento, todas as dificuldades que vão surgindo elas vão tentando ser sempre
56 colmatadas nuns anos para os outros. Temos muito maior conhecimento dos miúdos e
57 das famílias, sobretudo...

58 **Importante, não é?**

59 Muito importante! É a chave do processo. E tudo isto vai nos facilitar o trabalho a
60 todos.

61 **Claro que sim!**

62 **Considera que ao nível do Pré-Escolar e do 1.º CEB se promove o trabalho**
63 **colaborativo?**

64 Sim. Neste Agrupamento tentasse fazer isso o mais possível. Eu acho que é a chave e
65 eu estou a falar enquanto coordenadora. Apesar de isto andar sempre a flutuar, há
66 elementos estruturantes que se mantêm. Eu estou aqui na escola há uns 14/15 anos, a
67 educadora ali ao lado a mesma coisa. E como acreditamos nisso, tentamos estruturar
68 as coisas dessa forma.

69 **Na sua perceção, nesta Instituição, existe trabalho colaborativo entre educadores e**
70 **professores?**

71 Sim!

72 **E entre educadores?**

73 Aqui sim, tem que existir. Tem que existir porque temos um plano anual de atividades.
74 Temos coisas que vão surgindo, temos grupos de ano e todo o trabalho curricular é
75 feito em termos de grupo de ano. Depois, em termos da escola, em que durante os
76 períodos de recreio nos reunimos por causa desta ou daquela atividade, do passeio, da
77 organização disto ou da organização daquilo. Colaboramos, sei lá... Em projetos Eco
78 Escola, projeto de Escola-Família, etc. Todo esse trabalho, que é feito em conjunto e
79 que depois sai produtos finais. Portanto, tudo isso tem de ser trabalho colaborativo e
80 articulado.

81 **Já vimos a existência do trabalho colaborativo entre educadores e professores, e**
82 **entre educadores e famílias? Também existe esse trabalho colaborativo?**

83 Também! Em todas as atividades conjuntas que vamos realizando ao longo do ano.

84 **Analisando o trabalho desenvolvido pelos educadores e professores na transição das**
85 **crianças para o 1.º CEB, classifica-o como individual, colaborativo ou outro?**

86 Ele já foi isolado e neste momento já é colaborativo. Estamos no ideal? Não, não. E por
87 vários motivos. Para já, porque é tudo muito flutuante. Depois, porque o próprio
88 horário e a própria estrutura física das escolas muitas vezes são muito complicados.
89 Queremos um sítio para reunir, queremos um sítio para trabalhar em pequenos
90 grupos, não existe! Mas depois, lá funcionam os computadores, os emails... e lá
91 andamos todos nisto. Mas não estamos no ideal, não!

Considera que o desenvolvimento do trabalho colaborativo entre os educadores e professores se reflete numa boa transição das crianças para o 1.º CEB?

Sim, muito melhor.

Em que aspetos?

Em tudo! No conhecimento dos miúdos, no conhecimento das famílias, no desenvolvimento articulado do trabalho lá, no conhecimento quando iniciamos o processo de aprendizagem aqui. Aliás, até apostamos na formação de pais e já fizemos a formação de pais enquanto os miúdos estão no último ano do Pré-Escolar, não só porque vinham outros também connosco, nomeadamente eu que falava sobre as regras e sobre a mudança de vida, da vida escolar dos meninos quando eles vão do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo. Portanto, tudo isso é feito e eu penso que tudo isso é muito positivo e que vem melhorar todo o trabalho.

Em que momentos letivos considera haver mais trabalho colaborativo entre educadores e professores?

Aqui eu não sei dizer, porque é assim, nós começamos no início do ano. Nós tivemos o S. Martinho em que nos juntámos e fizemos um trabalho colaborativo. Depois, veio o Carnaval. Depois, veio a tal semana da leitura. E fazemos sempre reuniões de final de período.

Na sua opinião, quais são os principais constrangimentos nesse trabalho colaborativo?

É o espaço, é o desfasamento de horário, o desfasamento, às vezes, de calendário também.

E motivação? Acha que existe, não existe...

É assim, se vamos falar da motivação estamos mal. Motivação não existe, ou seja, não existe em estímulos positivos em termos de tudo. Em termos de hierarquia, quer dizer, eu quando falo de hierarquia não estou a falar de Agrupamentos, estou a falar do superior, exterior, comunidade e trabalhar com comunidades difíceis que é o caso. É muito complicado arranjarmos aqui... É mesmo por muito amor à camisola e por acreditarmos no que queremos, que de facto acreditamos. Viemos para cá por isso, mas é muito difícil arranjar motivação. Nós fazemo-lo e quando conseguimos assim uma coisinha é uma grande vitória.

123 **Para finalizar. Quais os aspetos que considera mais importantes para que esse**
124 **trabalho se desenvolva da melhor maneira possível nesta Instituição? A motivação**
125 **como já referiu...**

126 A motivação. Haver espaço no horário para as pessoas poderem reunir, mas isso é...
127 quer dizer, não é questão de educadores e professores, é transversal. Nós não temos
128 um horário em que se diga, as pessoas têm tempo para reunir, para planificar, não!
129 Somos bombardeados com tanta coisa que não temos. Planificar que era o trabalho
130 mais importante, ter tempo para parar, planificar e avaliar, não temos e isso é o que
131 falha nisto tudo... isto é o que falha e que é o importante. As coisas fazem-se, a gente
132 arranja, mas é difícil.

133 **Sim, aquele momento mesmo necessário não existe, não é?**

134 Não existe! O tempo no horário, o tempo físico e o espaço, não existe.

135 **Ok, é tudo! Obrigada!**

136 De nada!

1 **Anexo 9 - Protocolo da entrevista ao Coordenador 4 do PE**

Data – Sexta-feira, 17 de maio de 2019

2 **Vamos então dar início à nossa entrevista e gostaria que me falasse um pouco da sua**
3 **formação e do seu percurso profissional. Qual a sua formação académica?**

4 Eu sou licenciada.

5 **Há quanto tempo trabalha nesta Instituição?**

6 Há 29 anos.

7 **Há quanto tempo exerce o cargo de Coordenador(a) do 1.º CEB?**

8 Há 10 anos mais ou menos.

9 **Em relação à transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo. Que importância atribui ao**
10 **processo de transição entre o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo?**

11 Eu acho que é essencial. É muito importante porque as crianças não são estanques,
12 não é? A educação que elas têm é um contínuo e por isso é importante haver esta
13 transição e esta preparação para a nova fase da sua vida no 1.º Ciclo. E por isso, eu
14 acho que é extremamente importante.

15 **Considera que os educadores e professores estabelecem uma comunicação entre si**
16 **de forma a contribuir para um processo positivo de transição?**

17 Sim, no colégio sim. Nós fazemos uma boa preparação. Aliás, conhecemo-nos todos
18 muito bem há muitos anos e fazemos uma boa preparação neste período da transição.

19 **Que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º CEB?**

20 Vamos falando, falamos dos grupos. Depois, mesmo individualmente, quando
21 sabemos os professores que vão pegar nos grupos fazemos reuniões individuais para
22 falar um bocadinho de cada criança, não particularizando, mas assim de uma forma
23 muito geral.

24 **Nesta Instituição, existe algum trabalho sistemático e organizado com a finalidade de**
25 **auxiliar as crianças na transição para o 1.º CEB?**

26 Existe! No final dos 5 anos existe, sempre! Porque nós, como damos continuidade aos
27 grupos e os professores acompanham as turmas do 1.º ao 4.º ano, no final do 4.º ano,
28 já sabem quem são os grupos que vão receber no ano seguinte para o 1.º ano e por
29 isso, mais ou menos, a partir de maio/junho, nós começamos o processo de transição.

30 **Em relação ao trabalho colaborativo. Que trabalho colaborativo é desenvolvido pelos**
31 **educadores e professores na transição das crianças para o 1.º CEB?**

32 As tais reuniões que vamos fazendo ao longo do ano.

33 **Quais as principais finalidades desse trabalho?**

34 É o que eu disse anteriormente... É facilitar a adaptação e o sucesso escolar da criança,
35 quer seja o sucesso académico, o sucesso pessoal, comportamental, relacional...

36 **E tudo isso reflete numa boa transição para o 1.º CEB?**

37 Sim, eu acho que é o essencial.

38 **Considera importante o trabalho colaborativo entre educadores e professores?**

39 Essencialmente! Muito, muito importante.

40 **Em que aspetos?**

41 Em todos! Em todos porque a adaptação das crianças têm de ser gradual, e tem que
42 ser preparada porque não pode haver aquele choque entre o que se passava no Jardim
43 de Infância e os trabalhos envolvidos no Jardim de Infância e depois passar um
44 patamar seguinte em que é diferente. Se for preparado e bem preparado, é de uma
45 forma gradual esta adaptação e a criança não sente e nós estamos cá em prol da
46 criança, não é? Para o bem da criança.

47 **Claro que sim! Sempre!**

48 **Considera que ao nível do Pré-Escolar e do 1.º CEB se promove o trabalho**
49 **colaborativo?**

50 Sim!

51 **De que forma?**

52 Através de reuniões com os colegas, falando dos grupos... depois quando os colegas
53 têm os grupos em questões de dúvidas vêm: “Ah! Tinha esta dúvida em relação a esta
54 criança, diz-me lá o que é que te pareceu, como estiveste três anos com ela...”. Pronto,
55 há o contacto direto.

56 **Na sua perceção, nesta Instituição, existe trabalho colaborativo entre educadores e**
57 **professores?**

58 Sim!

59 **E entre educadores?**

60 Sim, sim! Nós reunimo-nos semanalmente, sempre para organizar a semana.

61 **Em todas as salas no caso? Não só apenas...**

62 Em todas as salas sim! Não só das colegas do mesmo ano. As colegas do mesmo ano é
63 praticamente diário, porque fazemos um trabalho muito colaborativo entre a mesma
64 faixa etária. E depois, com todas as outras colegas, dos 3 e dos 4 anos, fazemos
65 semanalmente. Preparamos sempre com muita antecedência momentos mais
66 particulares como o dia da mãe, o dia do pai ou alguma festividade.

67 **E os pais? São sempre envolvidos nessas atividades?**

68 Os pais são sempre chamados à escola. Os pais são sempre, sempre! Eu costumo dizer,
69 esta escola é uma escola aberta a pais. Quer seja os pais virem cá, ou contar uma
70 história ou virem falar das suas profissões, ou nós quando temos essa possibilidade,
71 podemos nos deslocar ao local de trabalho dos pais. Por isso, os pais são sempre os
72 nossos parceiros diretos.

73 **E isso é fundamental!**

74 É, completamente! Estamos todos a contribuir para o bom desenvolvimento da
75 criança.

76 **Analisando o trabalho desenvolvido pelos educadores e professores na transição das**
77 **crianças para o 1.º CEB, classifica-o como individual, colaborativo ou outro?**

78 Colaborativo, sim. Nós colaboramos bem uns com os outros, sim.

79 **Considera que o desenvolvimento do trabalho colaborativo entre os educadores e**
80 **professores se reflete numa boa transição das crianças para o 1.º CEB?**

81 Sem dúvida!

82 **Já também referiu em que momentos letivos considera haver mais trabalho**
83 **colaborativo entre educadores e professores, no final do ano...**

84 Pois, é mais... sim, sim!

85 **Ao longo do ano também existe?**

86 Existe, mas com uma intenção mesmo para aquele destino, ou seja, para a transição. É
87 mesmo mais no final do ano.

88 **Na sua opinião, quais são os principais constrangimentos no trabalho colaborativo**
89 **entre os educadores e professores?**

90 Eu não digo constrangimentos, eu acho que é mais dificuldades no sentido de falta de
91 tempo.

92 **Pois, isso acontece muito! Os horários, não é?**

93 Os horários são um bocadinho diferentes. Quando há momentos de pausa ali no 1.º
94 Ciclo nós estamos em grupo, a trabalhar em grupo. Depois, os horários à tarde
95 também são um bocadinho diferentes e, às vezes, para que possamos estar todos
96 juntos temos que gerir muito bem aqui o tempo. Eu acho que é mesmo a falta de
97 tempo que não nos possibilita fazer assim um trabalho mais colaborativo.

98 **E acha que existe motivação para esse trabalho colaborativo por parte dos**
99 **educadores e professores?**

100 Sim, sim! 80% sim. Pode não haver de todas as pessoas, mas de um grande grupo sim,
101 há motivação para isso. E preocupação também.

102 **Claro.**

103 **Para finalizar... Quais os aspetos que considera mais importantes para que esse**
104 **trabalho se desenvolva da melhor maneira possível nesta Instituição?**

105 Primeiro que haja uma boa relação, eu acho que...

106 **Entre educadores e professores?**

107 Entre educadores e professores. Depois, também um bocadinho de conhecimento do
108 que é suposto as crianças terem adquirido no Pré-Escolar para dar um bocadinho de
109 continuidade, para não acharem que são coisas desfasadas e isso é essencial. E depois,
110 haver a parte da relação e o à vontade para poder comunicar e para falar com os
111 colegas sobre a transição e sobre as crianças, neste caso.

112 **Ok, então assim finalizámos. Muito obrigada!**

113 Nada!

1 Anexo 10 – Dicionário de categorias: coordenadores do 1.º CEB

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
1. Caracterização do Entrevistado	1.1. Formação académica	<p>C1 – “Tenho Mestrado. Fiz Licenciatura em Educação Física e depois Mestrado em Gestão de Desporto.” (linhas 3 e 4)</p> <p>C2 – “Tenho Licenciatura em Professores do 1.º CEB.” (linha 3)</p> <p>C3 – “Sou licenciada em professores do ensino básico com variante em Educação Física.” (linha 3)</p> <p>C4 – “Mestrado em Didática na Língua.” (linha 3)</p>
	1.2. Tempo de serviço na Instituição	<p>C1 – “Aqui estou há 23.” (linha 6)</p> <p>C2 – “Há 17 anos.” (linha 5)</p> <p>C3 – “Há 12 anos.” (linha 5)</p> <p>C4 – “Há 10 anos.” (linha 5)</p>
	1.3. Tempo que exerce o cargo de coordenador(a)	<p>C1 – “(...) este é o meu 2.º ano de coordenação do 1.º ciclo.” (linhas 8 e 9)</p> <p>C2 – “Há 10 anos!” (linha 7)</p> <p>C3 – “Nesta escola, há 8 anos.” (linha 7)</p> <p>C4 – “Há 5 anos.” (linha 7)</p>
2. Perceções dos coordenadores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB	2.1. Importância atribuída ao processo de transição para o 1.º CEB	<p>C1 – “(...) é muito importante esta transição.” (linha 16)</p> <p>C2 – “Eu acho fundamental.” (linha 10)</p> <p>C3 – “Nós damos alguma importância, o Agrupamento dá alguma importância.” (linha 10)</p> <p>C4 – “Como é óbvio, a importância é total! É enorme. É muito importante que os alunos cheguem ao primeiro ano com muitas competências sociais desenvolvidas e também físicas, todas.” (linhas 10-12)</p>
	2.2. Comunicação estabelecida entre os educadores e professores no processo de transição	<p>C1 – “Sim, sim, sim! Apesar de que este não é um processo só daquela altura (...)” (linha 33)</p> <p>C2 – “Sim, existe. Elas (educadoras) também já estão habituadas porque isto é cíclico.” (linha 22)</p> <p>C3 – “Neste caso, neste agrupamento sim.” (linhas 13)</p>

		<p>“Agora, que é importante é! Nós achamos que é! Daí fazemos todo este trabalho.” (linhas 17 e 18)</p> <p>C4 – “Nós temos uma lei que exige a articulação, e essas reuniões são feitas... articulação.” (linha 45)</p>
3. Práticas na transição para o 1.º CEB	3.1. Estratégias	<p>C1 – “As estratégias, basicamente, é a passagem dos casos, algumas reuniões com educadores e professores. Já tivemos algumas reuniões até com pais (...).” (linhas 43 e 44)</p> <p>(...) temos várias sessões, várias reuniões, há uma sessão até lá em cima, na sala de conferências onde está reunida a direção e os pais para explicar como é que vai ser a transição, como é que vai ser a passagem... (linhas 51-54)</p> <p>C2 – “Nós aqui no Externato fazemos sempre esta transição com reuniões com as educadoras. Os alunos do PE visitam os alunos do 1.º CEB, pronto, para fazerem as questões, colocarem as dúvidas que eles têm, conhecer o espaço e as rotinas. Os próprios professores que depois vão agarrar as turmas do 1.º ano fazem essa visita ao PE para se darem a conhecer...” (linhas 10-14)</p> <p>C3 – “Nós costumamos fazer, em 3 momentos, o processo de transição.” (linha 26)</p> <p>“Então no primeiro período é que estes meninos vêm fazer um momento em que vêm à escola. Na primeira fase, vêm só conhecer as instalações, vêm conhecer toda a escola, o que acontece em determinados sítios, dentro da sala de aula. Vão lá fora, reconhecem o recreio, pronto, é uma visita guiada. Não estão aqui muito tempo. Explicamos/falamos quando toca, é um bocadinho para conhecer, no fundo, como funciona.” (linhas 30-35)</p> <p>“Depois, no 2.º período, eles voltam a ter um momento também em que vêm cá. Ai já vêm fazer uma atividade, por norma vêm ter comigo, sou eu mais outras professoras. Normalmente o professor de ensino especial também está comigo e acabamos por fazer, dentro do centro de recursos, que é um espaço aberto, e então fazemos uma atividade que normalmente fazemos com os nossos alunos do 1.º Ciclo.” (linhas 40-45)</p> <p>“Agora, este período (3.º período) já aconteceu, está a acontecer esta semana. o terceiro momento. Já tive um grupo na terça-feira e nesta fase eles vêm, trazem um lanche, trazem uns lápis e vão para</p>

		<p>dentro das salas de aula. É-lhes dado um trabalho, normalmente sou eu que faço, coisas simples, coisas que eles consigam fazer e estão dentro da sala. Ficam uma hora dentro da sala a fazer o trabalho que lhes foi destinado. Não interessa a sala, eles são distribuídos aleatoriamente. Toca para o recreio, eles fazem connosco e depois as educadoras vêm cá buscá-los.” (linhas 47-53)</p> <p>“Ainda em todos os períodos, no final de cada período, fazemos uma reunião de departamento com a coordenadora que sou eu, a coordenadora de JI e as educadoras. É no fundo, tentarmos partilhar um bocado as nossas necessidades.” (linhas 55-57)</p> <p>C4 – “Vêm (os meninos dos 5 anos) visitar a escola, vem conhecer, vêm à sala de aula dos meninos do 1.º ano ver como é, passam o dia com eles, ou dois, ou três... Ao longo do ano fazemos atividades conjuntas, como o dia de S. Martinho e outros dias.” (linhas 54-56)</p>
4. Práticas de trabalho colaborativo na transição para o 1.º CEB	4.1. Trabalho colaborativo	<p>C1 – “Basicamente, o trabalho é a passagem de informação, é realizar estratégias. A meio de novembro, porque já os conhecemos há 2 meses, existe uma reunião entre nós e o Pré-Escolar onde nós transmitimos ao Pré-Escolar: “Olha, estes meninos vêm desta maneira...” (linhas 78-80)</p> <p>“E depois, no final do ano, também fazemos uma espécie de retrospectiva e analisamos o que correu bem, o que correu mal e damos o feedback às educadoras dos aspetos que se podem focar mais em relação às crianças.” (linhas 83-85)</p> <p>C2 – “(...) as reuniões entre os professores e os educadores, as visitas dos alunos do PE para o 1.º CEB, as visitas dos professores do 1.º CEB ao PE...” (linhas 43 e 44)</p> <p>C3 – “Todo este trabalho organizado que é feito com as crianças do PE e 1.º CEB.” (linha 83)</p> <p>C4 - “As tais reuniões entre os professores e educadores ao longo do ano e a visita dos meninos à escola.” (linhas 63-64)</p>

	4.2. Principais finalidades desse trabalho	<p>C1 – “Passar a informações necessárias que ajudem numa melhor transição dos alunos.” (linha 92)</p> <p>C2 – “Para já, a boa integração das crianças no novo ciclo de ensino, que eles venham com uma expectativa que vai ser bom e que não é “Ai que agora vão ter trabalhos de casa, que não podem brincar”, é tentar desmistificar um bocadinho essa ideia. Que é uma coisa boa, é uma nova etapa, vão crescer, vão aprender a ler, vão escrever, vão aprender novas coisas.” (linhas 46-49)</p> <p>C3 – “(...) é receber e chegar aqui no 1.º dia do 1.º período e sabermos já o que é que temos, o que é que está aqui para trás e o que é que podemos contar, isso é muito importante. Sabermos que houve um trabalho já desenvolvido no Jardim de Infância e já sabermos qual é a nossa base de partida.” (linhas 85-88)</p> <p>C4 – “Então, acertarmos estratégias. Pensar melhor nos percursos, nos caminhos, e no fundo, delinear objetivos de acordo com os contextos onde nos inserimos, que é muito importante.” (linhas 66-68)</p>
5. Perceções dos coordenadores sobre o trabalho colaborativo	5.1. Importância atribuída ao trabalho colaborativo	<p>C1 – “Sim, é muito importante!” (linha 94)</p> <p>C2 – “Sim!” (linha 58)</p> <p>“Na troca de experiências principalmente, é o que eu acho.” (linha 60)</p> <p>C3 – “Sim.” (linha 94)</p> <p>“Eu acho que nós quando os recebemos aqui, há um trabalho todo que foi feito para trás e nós precisamos que esse trabalho seja feito.” (linhas 96 e 97)</p> <p>“Nós vamos falando daquilo que precisamos e elas (educadoras) da maneira possível que podem vão tentando atender aos nossos pedidos. Ma sim, funciona bem, eu acho.” (linha 102-104)</p> <p>C4 – “Muito! Para desenvolver estratégias que antecipem coisas para que depois as coisas evoluam de forma... Da melhor forma possível! Portanto, é importante sempre, esse trabalho é muito importante. Os professores podem dar muitas dicas aos educadores e os educadores aos professores. Portanto, esse trabalho é rico, é bom.” (linhas 76-81)</p>

	5.2. Promoção do trabalho colaborativo	<p>C1 – “Sim.” (linha 104)</p> <p>“Cada vez mais há atividades interligadas onde as instalações, em alguns dias, por exemplo, no dia da mãe e no dia do pai, vêm cá buscar professoras para fazerem atividades com as mães (...)” (linhas 106-108)</p> <p>C2 – “Sim, sim. Aqui no Externato sim.” (linha 70)</p> <p>“Nestas atividades que a gente vai fazendo há sempre partilha.” (linha 72)</p> <p>“(…) Só que às vezes, a gente fala do trabalho colaborativo, acaba por haver, mas faz sempre falta mais, só que também não há tempo, é difícil às vezes aprofundar mais.” (linhas 65-67)</p> <p>C3 – “Lá está, neste agrupamento sim.” (linha 107)</p> <p>C4 – “Promove, obviamente!” (linha 87)</p>
	5.3. Existência do trabalho colaborativo entre os intervenientes educativos	<p>C1 – “Sim, sim, sim.” (linha 115)</p> <p>C2 – “Sim!” (75)</p> <p>C3 – “De uma forma geral, nós até conseguimos quando nos encontramos... quando os momentos se proporcionam sim!” (linha 114 e 115)</p> <p>C4 – “Sim, existe.” (linha 90)</p>
	5.4. Reflexos do trabalho colaborativo na transição para o 1.º CEB	<p>C1 – “Sim, sim, sim.” (linha 164)</p> <p>“Temos o prévio conhecimento deles, apesar deles depois, como eu já disse, eles modificam, eles crescem. Mas pronto, temos ali uma base. (...)” (linhas 166 e 167)</p> <p>C2 – “Sim, sim! Sem dúvida!” (linha 105)</p> <p>C3 – “Claro, claro. Faz toda a diferença.” (linha 156)</p> <p>C4 – “Sim, sem dúvida!” (linha 108)</p>

	5.5. Maior incidência de trabalho colaborativo	<p>C1 – “É assim, o trabalho colaborativo devia acontecer o ano inteiro, não acontece porquê? Porque nós já definimos pontos-chave, ou seja, no final do ano, em junho: começar a preparar a transição; no início de setembro: reunião em que fazemos a transição e falamos tudo; e depois, a partir do início de maio: começamos a preparar o próximo ano letivo. Em que começa outra vez aquela colaboração entre o Pré-escolar e o 1.º Ciclo na passagem. Por isso, ao longo do ano, não achamos assim necessário. Nós já definimos algumas datas, são pontos-chave e tem resultado muito bem.” (linhas 174 – 180)</p> <p>C2. -” Na preparação de alguma atividade em conjunto. Por exemplo, o dia de S. Martinho, às vezes fazemos atividades em conjunto com o Pré-Escolar. Também tentamos, em particular, o dia da mãe e o dia do pai, para as atividades também não serem repetidas e conciliar horários. Visitas que organizamos ao Pré-Escolar e o Pré-Escolar organiza ao 1.º Ciclo. (...) pelo menos nesses momentos/dias significativos da escola que haja essa oportunidade.” (linhas 108-114)</p> <p>C3 – “(...) eu acho que nós fazemos isso faseado, fazemos por três fases e o último momento é muito importante, também.” (linha 159 e 160)</p> <p>“Que é o final do ano em que são passados os casos mesmo, mesmo, mesmo, em que as colegas descrevem, no fundo, o grupo que estão a passar, como é que são...” (linhas 162 e 163)</p> <p>C4 – “Ao longo de todo o ano! Ao longo de todo o ano há trabalho colaborativo.” (linha 111)</p>
	5.6. Principais constrangimentos no trabalho colaborativo	<p>C1 – “O maior constrangimento mesmo é em termos de horários. Como são faixas etárias muito próximas, mas diferentes, às vezes o difícil é arranjar aqui a hora que seja comum a todos e depois as dinâmicas são diferentes.” (linha 188-190)</p> <p>“Às vezes o difícil é arranjar aqui a hora que seja comum a todos (...)” (linha 189)</p> <p>C2 – “Sim, os horários. Às vezes é difícil porque os horários são completamente diferentes. Às vezes também não haver disponibilidade da parte de algum educador ou de algum professor para a predisposição de encontrar um horário (risos) comum aos dois, que, com uns professores é mais fácil e com uns educadores e com outros não, óbvio. Há empatias e isso funciona, principalmente por causa disso.” (linhas 119-123)</p>

		<p>C3 – “Não vejo.” (linha 177)</p> <p>“Ah, claro! Estas reuniões que nós marcamos são sempre fora do nosso horário, é impossível de ser, não dá, não dá! Mas pronto...” (linhas 179 e 180)</p> <p>C4 – “É a falta de tempo!” (linha 123)</p> <p>“E falta-nos muito tempo para estarmos disponíveis. Nós cada vez, com este nível de exigência da escola a tempo inteiro, cada vez sentimos mais falta de termos tempo para estarmos umas com as outras.” (128-130)</p>
	5.7. Aspetos importantes para um bom desenvolvimento do trabalho colaborativo	<p>C1 – “Confiança, respeito e profissionalismo.” (linha 195)</p> <p>“Nunca olhar para trás e dizer que isto está assim porque a pessoa fez isto desta maneira.” (197 e 198)</p> <p>C2 – “Eu acho que é assim, temos que partir do pressuposto que ninguém está a criticar o trabalho de ninguém que estamos para trocar ideias. E muitas vezes, o que acontece é que os educadores acham que estamos a criticar o trabalho deles (...).” (linhas 126-128)</p> <p>“Acho que é passar um bocadinho esta ideia que, todos trabalhámos para o mesmo objetivo e que não se trata de uma crítica em relação ao trabalho, mas de uma expectativa que às vezes se gere enquanto grupo. Isso para mim é o primeiro passo mais importante (...). (...) se houver uma perspetiva de que é uma troca de ideias, o que é que podemos fazer em conjunto? O que é que podemos melhorar? e não estar sempre à espera de uma crítica, crescemos mais.” (linhas 131-137)</p> <p>C3 – “É criar as disponibilidades entre todos os grupos, porque nós somos muitos, não é!” (linhas 198 e 199)</p> <p>“É proporcionar, porque eu acho que a partir do momento em que se proporciona as coisas fazem-se.” (linhas 200 e 201)</p> <p>C4 – “Portanto, abrir a escola, estar disponível, mostrar, fazer uma ou duas atividades por período já é excelente! Mais do que isso não é possível, percebe? É muito romântico, é muito bonito, mas na prática...” (linhas 161-163)</p>

Anexo 11 – Dicionário de categorias: coordenadores do PE

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registro
1. Caracterização do Entrevistado	1.1. Formação acadêmica	<p>C1 – “Licenciatura.” (linha 3)</p> <p>C2 – “Licenciatura em Educação de Infância.” (linha 3)</p> <p>C3 – “Licenciatura.” (linha 3)</p> <p>C4 – “Eu sou licenciada.” (linha 3)</p>
	1.2. Tempo de serviço na Instituição	<p>C1 – “Há 12 anos.” (linha 5)</p> <p>C2 – “Há 17 anos.” (linha 5)</p> <p>C3 – “Há 14/15 nos.” (linha 5)</p> <p>C4 – “Há 29 anos.” (linha 5)</p>
	1.3. Tempo que exerce o cargo de coordenador(a)	<p>C1 – “Há 9 anos.” (linha 9)</p> <p>C2 – “Há 9 anos.” (linha 7)</p> <p>C3 – “Estive, primeiramente, como coordenadora durante 2 anos depois interrompi. Neste momento, já estou como coordenadora há 7/8 anos.” (linhas 7 e 8)</p> <p>C4 – “Há 10 anos mais ou menos.” (linha 7)</p>
2. Percepções dos coordenadores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB	2.1. Importância atribuída ao processo de transição para o 1.º CEB	<p>C1 – “É importantíssimo! É uma fase em que se tenta preparar os alunos, o máximo possível, para esta mudança e para que seja o mais tranquila possível (...)” (linhas 10 e 11)</p> <p>C2 – “É muita! Porque é outra fase na vida deles e somos nós que lhes damos as bases para essa nova fase da vida deles. Por isso, eu acho que é importante, até a parceria que há com as colegas do 1.º Ciclo.” (linhas 10-12)</p> <p>C3 – “Até é uma importância fundamental.” (linha 11)</p> <p>C4 – “Eu acho que é essencial. É muito importante porque as crianças não são estanques, não é? A educação que elas têm é um contínuo e por isso é importante haver esta transição e esta</p>

		preparação para a nova fase da sua vida no 1.º Ciclo. E por isso, eu acho que é extremamente importante.” (linhas 10-13)
	2.2. Comunicação estabelecida entre os educadores e professores no processo de transição	<p>C1 – “Sim, aqui na Instituição sim.” (linha 15)</p> <p>C2 – “Nem sempre, nem sempre. (...) como a nossa escola que não têm o 1.º Ciclo aqui connosco, às vezes, é mais difícil o intercâmbio, às vezes, até a nível de trabalhos.” (linhas 15-17)</p> <p>C3 – “Sim, sim.” (linha 14)</p> <p>“Aqui neste Agrupamento sim. Nós tentamos o máximo possível que isso funcione. Aliás, nós até nos juntamos em termos de atividades.” (linhas 16 e 17)</p> <p>C4 – “Sim, no colégio sim. Nós fazemos uma boa preparação. Aliás, conhecemo-nos todos muito bem há muitos anos e fazemos uma boa preparação neste período da transição.” (linhas 16 e 17)</p>
3. Práticas na transição para o 1.º CEB	3.1. Estratégias	<p>C1 – “Nós temos um projeto que se chama “Estamos a Crescer”, em que intervém o gabinete de psicologia (...) temos vários momentos definidos em que alguns alunos do 1.º Ciclo visitam o Pré-Escolar para esclarecer dúvidas dos alunos dos 5 anos sobre o 1.º Ciclo. Temos a visita dos alunos dos 5 anos ao 1.º Ciclo para conhecer as rotinas, o espaço e serem recebidos pelos alunos do 1.º ano. Temos as provas de diagnóstico que são provas realizadas pelo gabinete de psicologia, que já foram realizadas este ano. São realizadas no final do 2.º período, de forma a que as educadoras identifiquem as áreas de desenvolvimento em que os alunos têm mais ou menos dificuldades, para que possam ainda trabalhá-las até ao final do ano letivo. (...) temos um modelo de apadrinhamento dos alunos do 3.º ano aos alunos dos 5 anos, ou seja, para quando iniciarem o próximo ano letivo terem os seus padrinhos e serem acompanhados.” (linhas 17-28)</p> <p>C2 – “Eu, as estratégias que eu utilizo, é sempre eles entenderem que no final do ano vão dar um passo na vida, vão para outra escola, meninos mais crescidos... Tento fazer um trabalho um bocadinho mais eles de se sentarem, fazerem uma atividade sozinhos, ali muito concentrados para os preparar, mais nesse sentido. Também um trabalho cooperativo, de eles saberem fazer um trabalho com o colega ao lado e partilharem as coisas e um bocadinho “Eu faço isto, tu fazes</p>

		<p>aquilo”. Pronto, que também é importante ao nível do 1.º Ciclo.” (linhas 19-25)</p> <p>C3 – “Nós fazemos esse processo de várias formas ao longo do ano letivo. Numa primeira fase, eles vêm conhecer a escola. Numa segunda fase, eles estão connosco num espaço da escola. Portanto, fazemos a articulação ali, naquele período da semana da leitura com atividades. Neste último período, que está a decorrer durante esta semana, eles vêm, passam 1h em sala de aula, em que nós temos um trabalho para eles. Hoje, por exemplo, tinham uma ficha com grafismos, com o nome, com a data, etc., em que estão 1h sentados numa mesa em que de facto, nós felicitamos porque estão no 1.º Ciclo, funcionamos de maneira diferente, etc. Eles passam essa hora, das 10h às 11h e depois fazem o período do recreio, no recreio do 1.º Ciclo. Depois, em termos de professores e educadores é fundamental. Nós fazemos várias reuniões de articulação e nessas reuniões de articulação, nós vamos falar não só sobre os meninos: quem é que eles lá têm, como é que estão aqui aqueles que vieram de lá. Depois, falamos sobre questões de trabalhos: o que é que nós sentimos, lacunas nos miúdos que se calhar seria importante, mais fundamental trabalhar lá mais (...). Pronto, coisas fundamentais que nós notamos que são muito importantes depois na aprendizagem, por exemplo, da leitura e da escrita. E, portanto, nesse âmbito é importante.” (linhas 21-39)</p> <p>C4 – “Vamos falando, falamos dos grupos. Depois, mesmo individualmente, quando sabemos os professores que vão pegar nos grupos fazemos reuniões individuais para falar um bocadinho de cada criança, não particularizando, mas assim de uma forma muito geral.” (linhas 19-21)</p>
4. Práticas de trabalho colaborativo na transição para o 1.º CEB	4.1. Trabalho colaborativo	<p>C1 – “As tais visitas dos professores do 1.º Ciclo ao Pré-Escolar e vice-versa, atividades que fazemos em conjunto...” (linhas 41 e 42)</p> <p>C2 – “As tais reuniões entre educadores e professores e as visitas dos meninos do Pré-Escolar ao 1.º Ciclo.” (linhas 38 e 39)</p> <p>C3 – “As várias reuniões que temos ao longo do ano e as visitas dos meninos ao 1.º CEB.” (linha</p>

		45) C4 - “As tais reuniões que vamos fazendo ao longo do ano.” (linha 30)
	4.2. Principais finalidades desse trabalho	<p>C1 – “Conhecer as rotinas, as atividades, os professores conhecerem os alunos, os alunos conhecerem os professores, conhecerem também os futuros colegas de ciclo, o espaço...” (linhas 44 e 45)</p> <p>C2 – “As finalidades para mim é só no aspeto de as crianças também... nós podermos transmitir às crianças o que elas vão encontrar e elas também irem mais seguras e saberem aquilo que...</p> <p>Conhecerem o contexto, as rotinas...</p> <p>Exatamente! E saberem o que é uma sala de aula (...) Já no 1.º Ciclo eles não entendem que a sala é muito diferente, a forma de estar na sala é diferente, a autonomia que eles lá têm de estarem no recreio, toca, têm de ir para a sala, levam o seu lanche, tem de lanche no recreio... esse tipo de rotina do 1.º ciclo é diferente.” (linhas 41-51)</p> <p>C3 – “Várias! Temos uma, um grande objetivo que é envolver a família na escola, começamos já por aí. Depois, outra é promover o sucesso educativo dos miúdos através desses projetos todos e desses trabalhos, sempre. Basicamente é isso.” (linhas 47-49)</p> <p>C4 – “É facilitar a adaptação e o sucesso escolar da criança, quer seja o sucesso académico, o sucesso pessoal, comportamental, relacional...” (linhas 32 e 33)</p>
5. Perceções dos coordenadores sobre o trabalho colaborativo	5.1. Importância atribuída ao trabalho colaborativo	<p>C1 – “Sim!” (linha 47)</p> <p>“Em todos! É assim, temos que estar abertos a... primeiro a ajudar os colegas que vão receber os nossos alunos, com pequenas dicas, sugestões, ou mesmo às vezes alertando para algumas dificuldades que os alunos possam sentir. E depois, do outro lado sentir também o feedback do trabalho que é realizado e pontos ou aspetos que sejam importantes modificar/trabalhar no Pré-Escolar.” (linhas 49-53)</p> <p>C2 – “Sim, muito importante!” (linha 58)</p> <p>“No aspeto em que elas os vão receber e elas perceberem um bocadinho o que é que eles fizeram</p>

		<p>para trás e nós também percebermos um bocadinho o passo que eles vão dar para a frente e nós já os prepararmos para esse passo.” (linhas 60-62)</p> <p>C3 – “Sem dúvida! Se nós colaborarmos uns com os outros ficamos com um maior conhecimento, todas as dificuldades que vão surgindo elas vão tentando ser sempre colmatadas nuns anos para os outros. Temos muito maior conhecimento dos miúdos e das famílias, sobretudo...” (linhas 51-54)</p> <p>C4 – “Essencialmente! Muito, muito importante.” (linha 37)</p> <p>“adaptação das crianças têm de ser gradual, e tem que ser preparada porque não pode haver aquele choque entre o que se passava no Jardim de Infância e os trabalhos envolvidos no Jardim de Infância e depois passar um patamar seguinte em que é diferente. Se for preparado e bem preparado, é de uma forma gradual esta adaptação e a criança não sente e nós estamos cá em prol da criança, não é? Para o bem da criança.” (linhas 39-44)</p>
	5.2. Promoção do trabalho colaborativo	<p>C1 – “Sim” (linha 56)</p> <p>“Com tudo isto que tenho falado, sim.” (linha 58)</p> <p>C2 – “Aqui este Jardim não tanto por não estarmos no mesmo espaço físico, mas eu noto que as colegas do Agrupamento, como estão no mesmo espaço físico conseguem.” (linha 65-67)</p> <p>C3 – “Sim. Neste Agrupamento tentasse fazer isso o mais possível. Eu acho que é a chave e eu estou a falar enquanto coordenadora. Apesar de isto andar sempre a flutuar, há elementos estruturantes que se mantém.” (linhas 60-62)</p> <p>C4 – “Sim.” (linha 48)</p> <p>“Através de reuniões com os colegas, falando dos grupos...” (linha 50)</p>
		C1 – “Sim.” (linha 62)

	5.3. Existência do trabalho colaborativo entre os intervenientes educativos	<p>C2 – “É assim... De facto, aqui este Jardim ali com o 1.º Ciclo não temos assim...” (linhas 81 e 82)</p> <p>C3 – “Sim!” (linha 67)</p> <p>C4 – “Sim!” (linha 56)</p>
	5.4. Reflexos do trabalho colaborativo na transição para o 1.º CEB	<p>C1 – “Sim... sim, sim, sim, sim.” (linha 83)</p> <p>C2 – “Sim, sim, sem dúvida! E até porque podendo estar no mesmo espaço, em que os meninos do Pré-Escolar não fossem só estas três vezes que nós vamos, pudessem ir mais vezes.” (linha 108 e 109)</p> <p>C3 – “Sim, muito melhor.” (linha 89)</p> <p>“Em tudo! No conhecimento dos miúdos, no conhecimento das famílias, no desenvolvimento articulado do trabalho lá, no conhecimento quando iniciamos o processo de aprendizagem aqui.” (linhas 91-93)</p> <p>C4 – “Sem dúvida!” (linha 78)</p>
	5.5. Maior incidência de trabalho colaborativo	<p>C1 – “Talvez no início do ano letivo, onde há aqui uma maior necessidade, e depois no final quando se está a preparar a passagem do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo.” (linhas 91 e 92)</p> <p>C2. -” No final do ano talvez, mais porque já estamos mais próximos da passagem para o 1.º Ciclo.” (linhas 117 e 118)</p> <p>C3 – “Aqui eu não sei dizer, porque é assim, nós começamos no início do ano. Nós tivemos o S. Martinho em que nos juntámos e fizemos um trabalho colaborativo. Depois, veio o Carnaval. Depois, veio a tal semana da leitura. E fazemos sempre reuniões de final de período.” (linhas 101-104)</p> <p>C4 – “É mesmo mais no final do ano.” (linha 84)</p>
	5.6. Principais constrangimentos no trabalho colaborativo	<p>C1 – “o 1.º Ciclo achar que nós devemos trabalhar mais os meninos de acordo com o modelo deles e nós acharmos o contrário, que devia haver aqui um período mais tranquilo de transição e não tão chocante.” (linhas 95-97)</p> <p>C2 – “Às vezes, um bocadinho o constrangimento de muitas colegas do 1.º Ciclo acharem que nós</p>

		<p>temos que fazer um bocadinho... eles (crianças) chegarem lá já com um bocadinho do trabalho delas feito, que é já saberem fazer muito bem as letras e saberem as letras... Quando não é isso que me preocupa no Pré-Escolar.” (linhas 121-124)</p> <p>C3 – “É o espaço, é o desfasamento de horário, o desfasamento, às vezes, de calendário também.” (linha 107)</p> <p>C4 – “Eu não digo constrangimentos, eu acho que é mais dificuldades no sentido de falta de tempo.” (linhas 87 e 88)</p> <p>“Os horários são um bocadinho diferentes.” (linha 90)</p> <p>“Eu acho que é mesmo a falta de tempo que não nos possibilita fazer assim um trabalho mais colaborativo.” (linhas 93 e 94)</p>
	5.7. Aspetos importantes para um bom desenvolvimento do trabalho colaborativo	<p>C1 – “É a abertura da parte de todos e disponibilidade.” (linha 103)</p> <p>C2 – “Muito os currículos delas! Mas afinal o que é que eles têm de saber? As estratégias que elas utilizam para... Se calhar, seria importante o educador saber. Depois, a nível do comportamento. Como é que vamos gerir este comportamento? Se calhar, se o educador já faz um trabalho. se calhar, teria de ser continuado pela colega que o vai receber a seguir e, às vezes, dá-me ideia que não há essa articulação.” (linhas 38-142)</p> <p>“Eu para mim era sempre essa parceria. Não só uma reunião uma vez por período, haver mais reuniões e haver mais trabalho (...)” (linhas 153 e 154)</p> <p>“ (...) podiam vir fazer atividades com os meninos do Pré-Escolar e os meninos do Pré-Escolar fazer atividades com eles e haver esse intercâmbio. É que para mim era muito, muito, muito importante!) (linhas 160-162)</p> <p>“ (...) E elas não estarem tão focadas nos currículos, libertarem-se um bocadinho mais “não dou hoje, dou amanhã”. E muitas vezes, sente-se que isso não acontece. E depois, a tal situação do espaço físico.” (linhas 164-166)</p> <p>C3 – “A motivação. Haver espaço no horário para as pessoas poderem reunir (...)” (linha 120)</p>

		<p>C4 – “Primeiro que haja uma boa relação (...)” (linha 102)</p> <p>“Depois, também um bocadinho de conhecimento do que é suposto as crianças terem adquirido no Pré-Escolar para dar um bocadinho de continuidade, para não acharem que são coisas desfasadas e isso é essencial. E depois, haver a parte da relação e o à vontade para poder comunicar e para falar com os colegas sobre a transição e sobre as crianças, neste caso.” (linhas 104-108)</p>
--	--	---

Anexo 12 - Questionário para os Educadores do Pré-Escolar (sala dos 5 anos)

No âmbito da realização da Tese de Mestrado, cujo tema é: A transição do Pré-Escolar para o 1.º CEB: Trabalho colaborativo entre educadores e professores. Pretendemos conhecer as suas perceções acerca da transição das crianças do Pré-Escolar para o 1.º ciclo, assim como, a importância que atribui ao trabalho colaborativo entre educadores e professores do 1.º CEB.

Para este efeito, pedimos que responda com franqueza a todas as questões colocadas neste inquérito, assinalando com uma cruz (X) a opção de resposta que reflete a sua opinião sobre cada questão.

Desde já agradeço a sua atenção, garantindo a confidencialidade das suas respostas.

O nosso muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração!

Bloco A – Informações Pessoais e Profissionais

1. Género:

Masculino

☐

Feminino

☐

2. Idade:

21 – 30

☐

31 – 40

☐

41 – 50

☐

51 – 60

☐

+ 60

☐

3. Habilitações Académicas:

Secundário

☐

Bacharelato

☐

Licenciatura

☐

Mestrado

☐

Doutoramento

☐

4. Número de anos de serviço:

> 5	<input type="checkbox"/>	11 - 15	<input type="checkbox"/>	21 - 25	<input type="checkbox"/>
5 - 10	<input type="checkbox"/>	16 - 20	<input type="checkbox"/>	< 25	<input type="checkbox"/>

5. Número de anos que leciona na Instituição atual:

6. Em que ano letivo exerceu/exerce o cargo de educador da sala dos 5 anos?

2017/2018 ☐

2018/2019 ☐

Bloco B – Representação dos educadores sobre o trabalho dos professores

7. Que importância atribui ao trabalho desenvolvido pelos professores junto das crianças em comparação com o trabalho desenvolvido pelos educadores junto das mesmas?

Menos importante	<input type="checkbox"/>	Igualmente importante	<input type="checkbox"/>	Mais importante	<input type="checkbox"/>
------------------	--------------------------	-----------------------	--------------------------	-----------------	--------------------------

7.1. Justifique a sua resposta.

Bloco C – Percepções dos Educadores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB

8. Que importância atribui ao momento de transição das crianças do PE para o 1.º CEB?

Nada importante ☐ Pouco importante ☐ Importante ☐
Muito importante ☐

9. Considera que os educadores e professores estabelecem uma comunicação entre si de forma a contribuir para um processo positivo de transição?

Sim ☐ Às vezes ☐ Não ☐

10. São implementadas estratégias para uma melhor transição das crianças para o 1.º CEB?

Sim ☐ Às vezes ☐ Não ☐

10.1. Caso afirmativo, refira algumas dessas estratégias.

Bloco D - Percepções dos Educadores sobre o trabalho colaborativo

11. Analisando o trabalho desenvolvido pelos educadores e professores na transição das crianças para o 1.º CEB, classifica-o como:

Individual ☐ Colaborativo ☐

Outro ☐ Qual? _____

12. Que importância atribui ao trabalho colaborativo entre educadores e professores?

Nada importante ☐ Pouco importante ☐ Importante ☐

Muito importante ☐ Imprescindível ☐

13. Que valor atribui ao trabalho mais individual do professor?

Nada importante ☐ Pouco importante ☐ Importante ☐

Muito importante ☐ Imprescindível ☐

14. Considera que a Instituição onde leciona, promove o trabalho colaborativo?

Sim ☐ Não ☐

14.1. Se sim, com que frequência?

Raramente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

15. Na sua opinião, qual o nível de trabalho colaborativo existente entre os educadores e professores na Instituição onde leciona?

Inexistente ☐ Pouco ☐ Suficiente ☐

Muito ☐ Em excesso ☐

16. Na sua opinião, qual o principal motivo que leva os educadores e professores a não participarem em trabalhos colaborativos?

Falta de tempo ☐ Desinteresse ☐ Falta de motivação ☐
Falta de incentivo ☐ Outros. Quais? _____

17. Com que frequência participa em trabalhos colaborativos na Instituição onde leciona?

Nunca ☐ Diariamente ☐ Semanalmente ☐
Mensalmente ☐ Anualmente ☐

18. Quais os aspetos que considera mais importantes para que o trabalho colaborativo entre educadores e professores se desenvolva da melhor maneira possível?

Disponibilidade de tempo ☐ Motivação ☐ Empenho ☐

Horário compatível ☐ Respeito ☐ Vontade ☐

Espaço adequado ☐ Outros. Quais? _____

19. Quais as maiores dificuldades que sente no trabalho colaborativo com os colegas do 1.º CEB?

Muito obrigada pela sua colaboração!!!

Anexo 13 – Questionário para os professores do 1.º CEB (1.º ano)

No âmbito da realização da Tese de Mestrado, cujo tema é: A transição do Pré-Escolar para o 1.º CEB: Trabalho colaborativo entre educadores e professores. Pretendemos conhecer as suas perceções acerca da transição das crianças do Pré-Escolar para o 1.º ciclo, assim como, a importância que atribui ao trabalho colaborativo entre educadores e professores do 1.º CEB.

Para este efeito, pedimos que responda com franqueza a todas as questões colocadas neste inquérito, assinalando com uma cruz (X) a opção de resposta que reflete a sua opinião sobre cada questão.

Desde já agradeço a sua atenção, garantindo a confidencialidade das suas respostas.

O nosso muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração!

Bloco A – Informações Pessoais e Profissionais

1. Género:

Masculino

☐

Feminino

☐

2. Idade:

21 – 30

☐

31 – 40

☐

41 – 50

☐

51 – 60

☐

+ 60

☐

3. Habilitações Académicas:

Secundário

☐

Bacharelato

☐

Licenciatura

☐

Mestrado

☐

Doutoramento

☐

4. Número de anos de serviço:

> 5	<input type="checkbox"/>	11 - 15	<input type="checkbox"/>	21 - 25	<input type="checkbox"/>
5 - 10	<input type="checkbox"/>	16 - 20	<input type="checkbox"/>	< 25	<input type="checkbox"/>

5. Número de anos que leciona na Instituição atual:

6. Em que ano letivo exerceu/exerce o cargo de professor do 1.º ano?

2017/2018 ☐

2018/2019 ☐

Bloco B – Representação dos professores sobre o trabalho dos educadores

7. Que importância atribui ao trabalho desenvolvido pelos educadores junto das crianças em comparação com o trabalho desenvolvido pelos professores junto das mesmas?

Menos importante	<input type="checkbox"/>	Igualmente importante	<input type="checkbox"/>	Mais importante	<input type="checkbox"/>
------------------	--------------------------	-----------------------	--------------------------	-----------------	--------------------------

7..1. Justifique a sua resposta.

Bloco C – Percepções dos Professores sobre o processo de transição do PE para o 1.º CEB

8. Que importância atribui ao momento de transição das crianças do PE para o 1.º CEB?

Nada importante ☐ Pouco importante ☐ Importante ☐
Muito importante ☐

9. Considera que os professores e educadores estabelecem uma comunicação entre si de forma a contribuir para um processo positivo de transição?

Sim ☐ Às vezes ☐ Não ☐

10. São implementadas estratégias para uma melhor transição das crianças para o 1.º CEB?

Sim ☐ Às vezes ☐ Não ☐

10.1. Caso afirmativo, refira algumas dessas estratégias.

Bloco D - Percepções dos Professores sobre o trabalho colaborativo

11. Analisando o trabalho desenvolvido pelos professores e educadores na transição das crianças para o 1.º CEB, classifica-o como:

Individual ☐ Colaborativo ☐
Outro ☐ Qual? _____

12. Que importância atribui ao trabalho colaborativo entre educadores e professores?

Nada importante ☐ Pouco importante ☐ Importante ☐
Muito importante ☐ Imprescindível ☐

13. Que valor atribui ao trabalho mais individual do educador?

Nada importante ☐ Pouco importante ☐ Importante ☐
Muito importante ☐ Imprescindível ☐

14. Considera que a Instituição onde leciona, promove o trabalho colaborativo?

Sim ☐ Não ☐

14.1. Se sim, com que frequência?

Raramente ☐ Frequentemente ☐ Sempre ☐

15. Na sua opinião, qual o nível de trabalho colaborativo existente entre os professores e educadores na Instituição onde leciona?

Inexistente ☐ Pouco ☐ Suficiente ☐
Muito ☐ Em excesso ☐

16. Na sua opinião, qual o principal motivo que leva os professores e educadores a não participarem em trabalhos colaborativos?

Falta de tempo ☐ Desinteresse ☐ Falta de motivação ☐
Falta de incentivo ☐ Outros. Quais? _____

17. Com que frequência participa em trabalhos colaborativos na Instituição onde leciona?

Nunca ☐ Diariamente ☐ Semanalmente ☐
Mensalmente ☐ Anualmente ☐

18. Quais os aspetos que considera mais importantes para que o trabalho colaborativo entre professores e educadores se desenvolva da melhor maneira possível?

Disponibilidade de tempo ☐ Motivação ☐ Empenho ☐
Horário compatível ☐ Respeito ☐ Vontade ☐
Espaço adequado ☐ Outros. Quais? _____

19. Quais as maiores dificuldades que sente no trabalho colaborativo com os colegas do Pré-escolar?

Muito obrigada pela sua colaboração!!!